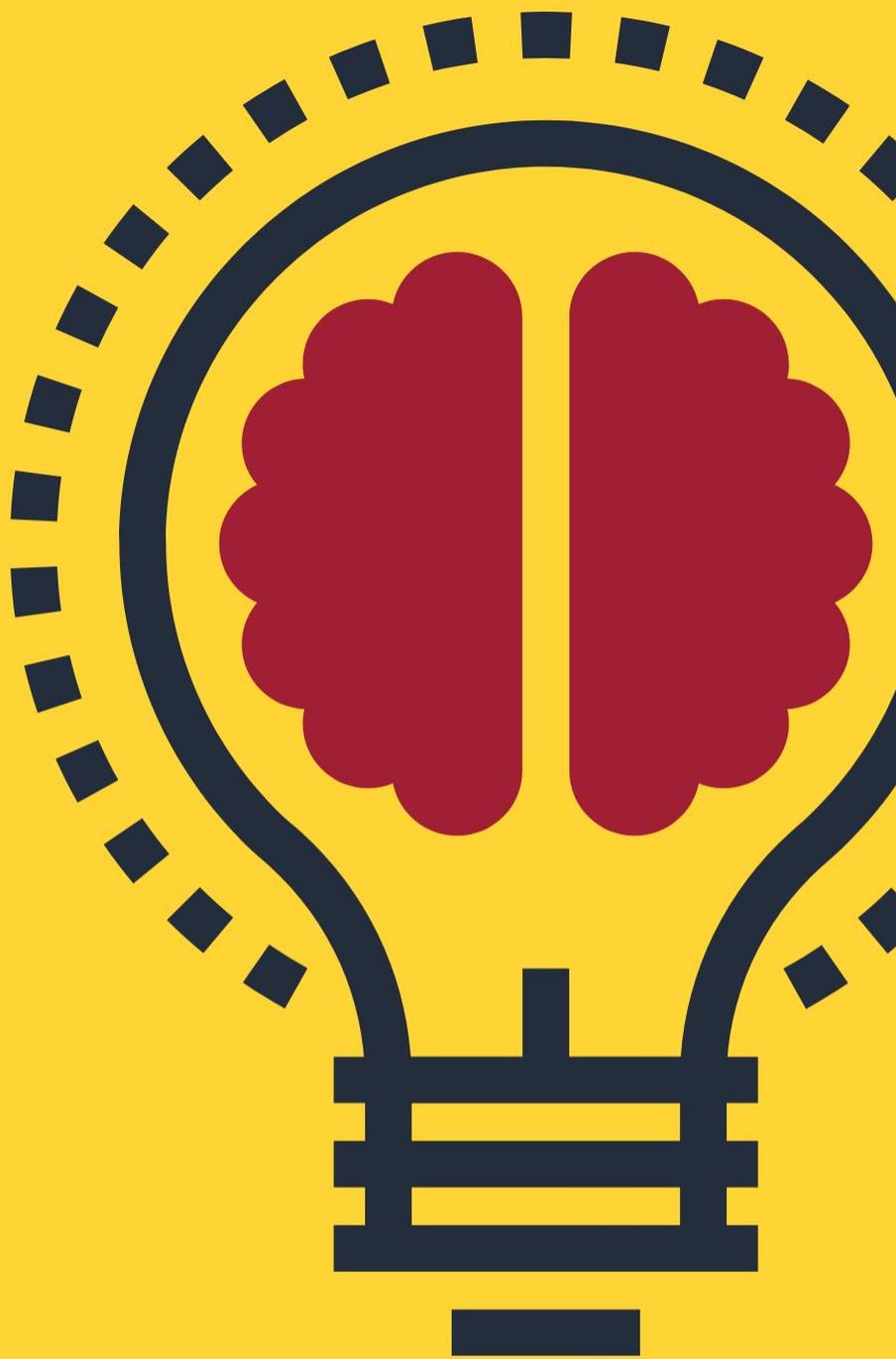


REVISTA DIÁLOGO E INTERAÇÃO



Volume 15
NÚMERO 1
ISSN
1275-3687

Diálogo e Interação, Cornélio Procópio, v. 15, n. 1, p. 1 – 188, 2021.

Disponível em: <http://revista.faccrei.edu.br>

A **Revista Diálogo e Interação** da FACCREI - ISSN: 2175-3687 é um projeto editorial voltado para a socialização da produção acadêmica, tendo por missão disseminar a pesquisa no meio acadêmico. O periódico recebe artigos científicos para publicação de seus volumes e números.

A Revista é uma publicação digital anual da FACCREI, e tem por objetivo publicar artigos científicos originais de autores de instituições nacionais ou estrangeiras, de ensino ou pesquisa com temas relacionados a:

Administração.

Direito.

Ciências Contábeis.

Ensino.

Engenharias.

Educação Física.

Enfermagem.

Linguística e Literatura.

Pedagogia.

EXPEDIENTE

Corpo Editorial

Diretora

Prof.^a Ma. Cristiane Fernandes, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procópio/PR, Faculdade Cristo Rei - Campus Cornélio Procópio/PR, Brasil.

Editora-Gerente da Revista

Prof.^a Ma. Denise da Silva de Oliveira, Universidade Estadual de Londrina – CCH/PPGEL, Faculdade Cristo Rei - Campus Cornélio Procópio/PR, Brasil.

Editor-Assistente

Prof.^a Dra. Luciana Carneiro Hernandes, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procópio – DACHS, Brasil.

Conselho Editorial

Prof.^a Dra. Priscila Machado Martins. Universidade de Los Andes, Chile.

Prof.^a Dra. Andrea Armijo Reyes. Universidade de Santiago de Chile, Chile.

Prof.^a Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa, Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/PPGEL, Brasil.

Prof.^a Dra. Marilu Martens Oliveira, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Londrina – PPGEN, Brasil.

Prof.^a Ma. Rosangela Maria de Almeida Netzel, Universidade Estadual de Londrina – CCH/PPGEL, Brasil.

Prof. Dr. Márcio Mendonça, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procópio – PPGEM, Brasil.

Prof. Me. Cyro José Jacometti Silva, Faculdade Autônoma de Direito – FADISP, Faculdade Cristo Rei - Campus Cornélio Procópio/PR, Brasil.

Prof.^a Dra. Diná Tereza de Brito, Universidade Estadual do Norte do Paraná – Campus de Cornélio Procópio – CCHE, Brasil.

Conselho Científico

Prof. Me. José Antonio Conceição, Faculdade Cristo Rei - Campus Cornélio Procópio/PR, Brasil.

Prof. Dr. Márcio Aurélio Furtado Montezuma, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procópio, Brasil.

Prof. Dr. Almir Galassi, Instituição Toledo de Ensino – ITE, Faculdade Cristo Rei - Campus Cornélio Procópio/PR, Brasil.

Prof. Me. Marçal Guerreiro do Amaral Campos Filho, Faculdade Cristo Rei – FACCREI, Brasil.

Prof.^a Ma. Josiane Luiz, Universidade Estadual do Norte do Paraná – Campus de Cornélio Procópio – CCHE/PPGEN, Faculdade Cristo Rei - Campus Cornélio Procópio/PR, Brasil.

Prof.^a Ma. Juliana Ferri, Universidade Estadual de Londrina – NEAD, Faculdade Cristo Rei - Campus Cornélio Procópio/PR, Brasil.

Prof.^a Ma. Dayanne da Silva Alves, Universidade Estadual de Londrina – UEL/PECEM, Faculdade Cristo Rei - Campus Cornélio Procópio/PR, Brasil.



DIRETOR GERAL

Prof. José Antonio da Conceição

DIRETORA ACADÊMICA

Prof.^a Cristiane Fernandes

GESTÃO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS- GRADUAÇÃO

Prof.^a Denise da Silva de Oliveira

INDEXADO POR/INDEXED BY

Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal - Latindex (México).

Google Acadêmico.

PREFÁCIO

É com grande satisfação que preparamos e lançamos o Volume 15 da Revista Diálogo e Interação, trazendo trabalhos de diferentes áreas do conhecimento e mais uma vez, contribuindo para a socialização dos saberes científicos.

Este periódico representa para a FACCREI e toda a equipe que compõe seus conselhos a materialização de um trabalho conjunto e realizado por várias mãos, demonstrando nosso profundo comprometimento com o papel social da educação. Para nós, compor este grupo é um grande desafio, especialmente nesse momento atípico de pandemia no qual se encontra nosso País e todo o mundo.

Além disso, é uma responsabilidade ímpar conduzir este processo, levando em conta os critérios de cientificidade e sistematização que englobam uma revista científica. Dessa forma, cada um dos trabalhos publicados nesse volume traz consigo uma carga de múltiplas significações, que podem servir como mola propulsora para novas pesquisas e descobertas.

Os artigos científicos submetidos em nossa plataforma, avaliados e aceitos para o Volume 15 trazem resultados de pesquisas nas áreas de Administração, Ensino, Linguística, Literatura e Engenharias com temáticas diversificadas e abrangentes. Sendo assim, cada um destes trabalhos modela e dá representatividade para o variado prisma do trânsito de ideias do universo acadêmico e social, revelando conhecimentos que transitam em diferentes campos das ciências.

Esperamos que os leitores apreciem os frutos dos trabalhos de nossos autores, discutindo, criticando e multiplicando os assuntos abordados nessas páginas.

Saudações acadêmicas,

Prof.^a Ma. Denise da Silva de Oliveira

Editora-Gerente da Revista Diálogo e Interação (ISSN 2175-3687) Gestora de Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

Faculdade Cristo Rei – FACCREI

SUMÁRIO

ADMINISTRAÇÃO

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM TEMPOS DE CRISE: ANÁLISE DO SETOR ADMINISTRATIVO EM UMA EMPRESA GRÁFICA EM NOVA FÁTIMA – PR	9
João Carlos da Silva Batista	9
Aurenilson Cipriano	9
Ellen Corrêa Wandembruck Lago	9
Lorena Regina de Oliveira	9

LITERATURA E LINGUÍSTICA

MARCAS DE ORALIDADE COMO ELEMENTOS ESTÉTICO E VEROSSÍMIL NOS CONTOS MILAGRE CHUÉ E CASA DE LOUCOS, DE JOÃO ANTÔNIO	35
Weslei Chaleghi de Melo	35
Wilder Kleber Fernandes de Santana	35
Marilyn Martens Oliveira	35

“NÃO SOU FREIRA NEM SOU PUTA”: INTERARTES E O EMPODERAMENTO FEMININO	48
Natália Caroline da Silva Dias	48
Weslei Chaleghi de Melo	48
Wilder Kleber Fernandes de Santana	48

OS CAMINHOS E O RIO: DOS JOGOS DE LINGUAGENS A OUTRAS PERSPECTIVAS	63
Sirley da Silva Rojas Oliveira	63

PARA TER ONDE SE IR: HABITAR POÉTICO E ACONTECIMENTO EM MAX MARTINS	75
Adonai da Silva de Medeiros	75

ENGENHARIAS

CULTIVO DA UVA ITÁLIA (<i>Vitis vinifera</i> L) NO PARANÁ	98
Marcelo Luiz Sartori	98

PROJETO DE UMA INDÚSTRIA DE USINAGEM DE EIXOS DO SEGMENTO AUTOPEÇAS, NA CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO - PR	141
Marcelo Luiz Sartori	141

ENSINO

A PERSPECTIVA DE ATLETAS NOVATOS EM CORRIDA DE ORIENTAÇÃO DURANTE UM EVENTO ESPORTIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR	174
Rogério Campos	174
Rodrigo de Souza Poletto	174

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM TEMPOS DE CRISE: ANÁLISE DO SETOR ADMINISTRATIVO EM UMA EMPRESA GRÁFICA EM NOVA FÁTIMA – PR

EMOTIONAL INTELLIGENCE IN TIMES OF CRISIS: ANALYSIS OF THE ADMINISTRATIVE SECTOR IN A GRAPHIC COMPANY IN NOVA FÁTIMA - PR

João Carlos da Silva Batista *

Aurenilson Cipriano **

Ellen Corrêa Wandembruck Lago ***

Lorena Regina de Oliveira ****

RESUMO: As emoções estão ligadas ao modo que usamos nossas capacidades intelectuais e elas contribuem decisivamente para isso. As inteligências diárias são utilizadas para resolver problemas com sucesso, sendo que o homem deve conhecer suas emoções e com isso trabalhar melhor em seu cotidiano, saber expressá-las e transformá-las em ações práticas. Dessa forma, a inteligência emocional está associada às organizações e principalmente aos colaboradores presentes nas mesmas. Assim, este artigo visa responder a questionamentos relacionados à influência que a inteligência emocional traz sobre o cenário empresarial e conseqüentemente sobre as emoções dos indivíduos inseridos em determinado ambiente. Para a elaboração da presente pesquisa científica foram realizadas análises de artigos e materiais acerca do tema, bem como foram realizadas coletas de dados que evidenciaram e fundamentaram o assunto discorrido durante a pesquisa. Os resultados demonstraram que os pontos da inteligência emocional que foram capazes de amenizar e medir o comportamento dos indivíduos inseridos na

*Graduado em Administração pela Faculdade Educacional de Cornélio Procópio – FACCREI. joacarlos985142@gmail.com.

**Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (1997) e graduado em Gestão Pública pelo Instituto Federal do Paraná (2011); Especialista em Gestão Pública e Administração e Finanças (Faculdade São Braz-UNINA); Ex-Presidente da APEPREV – Associação Paranaense de Entidades Previdenciárias do Estado e dos Municípios (2017/2019); Ex-Diretor-Presidente do Funpespa – Fundo de Previdência Social dos Servidores Públicos do Município de Andirá (2011/2019); Membro do Conselho de Administração (2019/2023); Contador da Prefeitura Municipal de Andirá (2014/Atual) e professor titular da Faculdade Cristo Rei (2017/Atual). aurenilson@hotmail.com.

***Doutoranda em Planejamento e Governança Pública – UTFPR Campus Curitiba (2020 a 2023); Mestra em Administração – UTFPR Campus Curitiba (2018); Especialista em Gestão Previdenciária e Regimes Próprios de Previdência – AVM Faculdade Integrada (2016); Especialista em Gestão Pública – FACSUL (2011); Graduanda em Administração de Empresas – UNINTER (2007); Servidora pública municipal ocupante do cargo de Administrador na Prefeitura Municipal de Quatro Barras; Presidente do Regime Próprio de Previdência Social do Município de Quatro Barras – PREVI BARRAS. ellencw Lago@hotmail.com.

****Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP (2011); Pós-Graduada em Economia Empresarial pela Universidade Estadual de Londrina – UEL (2013); Pós-Graduada em Economia e Finanças pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP (2014); Mestre em Economia Regional pela Universidade Estadual de Londrina – UEL (2018); Professora colaboradora do Curso de Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP (2019 a 2021). Analista Financeiro pela Gráfica Nova Fátima (2018/Atual) lorena.regina@uenp.edu.br.

empresa de ramo gráfico, em Nova Fátima – Paraná, estão diretamente atreladas às aptidões específicas indicadas por Goleman (1995).

Palavras-chave: inteligência emocional; indivíduo; empresa.

ABSTRACT: Emotions are linked to the way that, our intellectual functions and they contribute decisively to this. Common intelligences are used to solve problems successfully, and man must know his emotions and thus work better in his daily life, know how to express them and transform them into practical actions. In this way, emotional intelligence is associated with associations and especially with the employees present in them. Thus, this article aims to answer questions related to the influence that emotional intelligence brings on the business scenario and consequently on the emotions of individuals inserted in a certain environment. For the preparation of this research, analyzes of articles and materials on the topic were studied, as well as data were collected that evidenced and substantiated the subject discussed during a research. The results showed that the points of emotional intelligence that were able to soften and evaluate the behavior of those inserted in the graphic industry, in Nova Fátima - Paraná, are directly linked to the specific skills indicated by Goleman (1995).

Keywords: emotional intelligence; individual; company.

INTRODUÇÃO

Lidar com as próprias emoções nos dias atuais tem se tornado um ponto crucial para os indivíduos, uma vez que isto implica em diversos aspectos de caráter educacional, pessoal ou profissional.

Levando em conta o cenário vigente no mercado de trabalho, as organizações têm buscado e exigido de seus profissionais uma base fundamental de Inteligência Emocional (IE) (IBC, 2018).

O conceito de Inteligência Emocional está sendo cada vez mais difundido no meio empresarial, devido à crescente importância que as pessoas representam para as organizações. Isso se deve ao fato de que a compreensão e gestão das próprias emoções podem facilitar na execução das tarefas cognitivas e alcance dos objetivos organizacionais (COSTA, 2008).

Deste modo, a procura pela IE, que proporciona ao indivíduo o desenvolvimento de aspectos relevantes para entendimento do próprio eu e das emoções que o cercam, bem como de atributos que o influenciam e auxiliam em situações específicas e no dia-a-dia, tem aumentado significativamente (IBC, 2018).

Nesse sentido, inteligência emocional pode ser entendida como o uso inteligente das emoções, de modo que, conseguindo controlar as emoções é possível

guiar o comportamento dos indivíduos, com o intuito de alcançar os objetivos almejados. Assim como na vida pessoal, a IE auxilia no desenvolvimento das relações profissionais, uma vez que o relacionamento interpessoal está diretamente ligado ao trabalho em equipe.

Ao ser inserido em determinada organização, o indivíduo deve enquadrar-se à cultura imposta pela mesma, bem como sua forma de agir e pensar quanto aos aspectos inerentes ao cargo a ser preenchido, a habilidades específicas, competências, etc., independente do segmento ou área de atuação, pois a cultura predominante na empresa está diretamente ligada a outras variáveis como espaço físico, código de ética e condutas, tecnologia disponível e utilizada e a forma de liderança exercida (CROZATTI, 1998).

Para Fleury e Fleury (2000, p. 25) competência é “um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos e habilidades que agreguem valor econômico à organização e social ao indivíduo”.

A capacidade de lidar com as emoções e adversidades pode ser testada mediante situações diárias e também perante o caos extremo, como por exemplo, a pressão exercida pela pandemia ocasionada pelo novo Corona Vírus (COVID-19) (PAPO CRIATIVO, 2020).

Durante este período de isolamento social, o mundo todo teve de se reinventar e se encontrar perante as inúmeras situações impostas. As empresas e o mercado de trabalho se tornaram o alvo central deste impacto, uma vez que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020), 62,4% das empresas em funcionamento reportaram que a pandemia teve um efeito negativo sobre as organizações, 14,8% das empresas em funcionamento reduziram o número de funcionários e 50,7% indicaram diminuição sobre as vendas ou serviços comercializados. Estes efeitos afetam intensamente o âmbito empresarial, empresários, líderes e funcionários, colocando a prova as emoções e comportamentos desses profissionais.

Desta forma, o presente artigo visa a responder o seguinte problema de pesquisa: “Quais pontos da inteligência emocional podem ser utilizados para amenizar e medir o comportamento das pessoas frente a uma pandemia?”. Assim, o objetivo da pesquisa consiste em identificar os pontos de inteligência emocional que podem ser

utilizados para amenizar e medir o comportamento das pessoas frente a uma pandemia.

Para isso, realizou-se uma pesquisa no setor administrativo de uma empresa de ramo gráfico localizada em Nova Fátima, Estado do Paraná, a fim de analisar e compreender o comportamento dos indivíduos pertencentes à organização.

O SER HUMANO E SUAS EMOÇÕES

As emoções possuem um papel fundamental sobre a vida dos seres humanos, pois são elas que dão sentido à vida, auxiliando no crescimento e amadurecimento das pessoas (LEITÃO; FORTUNATO; FREITAS, 2006).

Desde a sua existência os indivíduos são postos a viver em sociedade e assim sucessivamente ao transcorrer da vida, e em seu dia-a-dia aprendem trocar e adquirir experiências, transmitir de forma específica suas emoções, compartilhar e aprender a lidar com os problemas (LEITÃO; FORTUNATO; FREITAS, 2006).

A interação aprimora a experiência do indivíduo, visto que quando se encontram em determinadas situações a forma de se portar é colocada a prova. Vale ressaltar que, nem sempre tal experiência de contato ou aproximação se torna benéfica, pois, há casos em que podem ser encontrados pontos que definem o ambiente de vivência ou trabalho impossível de suportar, assim prejudicando a forma de se relacionar com os demais. (SILVA, 2010).

Tanto no âmbito pessoal como no profissional podem ser encontrados indivíduos que agregam valor às atividades que exercem, e por isso são supostamente lembrados e reconhecidos. Mas também há pessoas que não recebem reconhecimento por líderes ou pessoas que julgam importantes para si. (SILVA, 2010).

De acordo com o Dicionário Michaelis (2002, p. 286), a emoção pode ser definida como “reação repentina, intensa e passageira causada por surpresa, medo alegria, etc.” Assim, a emoção está atrelada aos impulsos em que o ser humano pode ser submetido, variando de acordo com o momento, e pode ser de caráter positivo ou negativo. Portanto, se faz necessário domínio e respectivamente controle emocional para que assim, determinados momentos sejam resolvidos com coerência e não prejudicando a relação entre os indivíduos.

O SURGIMENTO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Segundo Coberô, Primi e Muniz (2006), o fator que desencadeou o conhecimento a respeito da IE em massa, conhecida em meados de 1990, foi a publicação do livro “Inteligência Emocional” de Daniel Goleman (1995). Mediante o lançamento do livro, este conceito designado Inteligência Emocional passou a ser aceito em vários segmentos da sociedade.

Direcionado por estudos e pesquisas a respeito do cérebro, as emoções contidas no ser humano e a forma como estas as conduziam, o psicólogo e redator científico Daniel Goleman aborda de forma geral, em uma linguagem popular, termos e definições a respeito da inteligência, considerada de tipo emocional, tendo como base principal os conceitos formulados por Mayer e Salovey em 1990 (NETA; GARCÍA; GARGALLO, 2008).

De acordo com Goleman (1996), a inteligência presente e posteriormente apresentada pelos livros é absorvida por diversos indivíduos, mas estes ainda se encontram necessitados de inteligência emocional, uma vez que pode ocorrer de trabalharem para líderes com quociente de inteligência raso ao dos mesmos, porém, destacam-se em habilidades que supostamente envolvam a inteligência emocional.

Mayer e Salovey (1997) definem a inteligência emocional como: (1) a capacidade de percepção do indivíduo de forma mais apurada de autoavaliar, expressar e entender as emoções; (2) capacidade de compreensão dos sentimentos e a forma como estes estão atrelados aos pensamentos; (3) entendimento sobre a emoção e o conhecimento a respeito do estado emocional e controle das emoções, com intuito de promover tanto o crescimento emocional quanto intelectual (WOYCIEKOSHI, 2009).

Em seguida, Mayer, Caruso e Salovey (2000) redefinem a IE como a habilidade para reconhecer o significado das emoções e suas inter-relações, assim como raciocinar e resolver problemas baseados nelas. A inteligência emocional está desenvolvida na capacidade de perceber emoções, assimilá-las com base nos sentimentos, avalia-las e gerenciá-las.

Para Weisinger (1997), IE pode ser entendida como o uso de maneira correta das emoções, ou seja, trabalhar com intuito de que as emoções ajam a favor do próprio eu, deixando que as mesmas ditem, influenciem o comportamento e a forma

de raciocínio para que os resultados almejados e esperados sejam aperfeiçoados (SILVA, 2000).

Para fins deste estudo, será adotado o conceito apresentado por Goleman (2007), cujo significado de inteligência emocional diz respeito à “capacidade de criar motivação para si próprio e de persistir em um objetivo apesar dos percalços, de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos”.

APTIDÕES DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Goleman (1995) aborda que para que seja realizado desenvolvimento da IE são necessárias aptidões específicas, que podem ser descritas através de cinco domínios: (1) conhecer e reconhecer as próprias emoções; (2) lidar com as emoções; (3) motivar-se; (4) ter empatia; e (5) lidar com relacionamentos.

Enfrentar as emoções diz respeito ao controle emocional, a fim de obter comportamento apropriado para situações diárias e específicas. O controle emocional é composto por momentos de alegria e tristeza, ora intercalados, que resultaram em equilíbrio emocional (SILVA, 2010).

Motivar-se trata da disposição, persistência do indivíduo para com os objetivos que almejam. De modo que, estes princípios refletem diretamente na conclusão ou fracasso daquilo que se deseja (SILVA, 2010).

Lidar com relacionamentos refere-se à capacidade do indivíduo trabalhar com mais pessoas, assim trabalhando sua interação com demais tipos de pensamentos, ações e até mesmo desejos (SILVA, 2010).

Assim, Mayer (*apud* Giroto, 2008) menciona que a IE é a capacidade de notar e identificar a emoção, assim como, saber geri-la em si e nos outros. A forma como as emoções são conduzidas implicam diretamente nas oportunidades do indivíduo, possibilitando-o chances de se adquirir novos conhecimentos, aperfeiçoar seu relacionamento com as pessoas, aumentar habilidades e produtividade, de certa forma, fará com que a pessoa transmita positividade. Ou seja, são benefícios que podem ser adquiridos através da IE.

Assim, quando submetido a uma situação de extremo desconforto ou até mesmo quando direcionado a um cenário de pressão, o indivíduo tende a se perder perante suas atitudes, bem como decisões a serem tomadas. Isto se dá pelo fato de

que ocorre confrontamento do próprio eu e suas emoções, interligadas ao ambiente em que se encontra inserido, de modo que são inúmeras as variáveis que influenciam no comportamento do mesmo.

Desta forma, uma vez compreendidas as emoções presentes nas demais pessoas, surge a reciprocidade, e este quesito atribui maior valor às relações, de modo que a evolução conjunta dos indivíduos contribui para ambas as partes.

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO ÂMBITO EMPRESARIAL

A estrutura de uma organização é composta pela ligação entre os departamentos presentes na mesma, ainda que haja individualidade quanto aos compromissos e atividades a serem exercidas, muitas empresas trabalham com o objetivo de obter lucros e retornos considerados atrativos. Desta forma, a obtenção desses resultados ocorre a partir do momento em que o trabalho em equipe é exercido, uma vez que as atividades propostas e exercidas devem estar alinhadas ao foco principal buscado pela organização (SILVA, 2010).

Tendo em vista que nos dias atuais os indivíduos passam maior parte de seu dia em seus postos de trabalho, conseqüentemente, é no ambiente organizacional que suas emoções e seus comportamentos são manifestados e colocados em prática. Sendo assim, o equilíbrio emocional torna-se peça chave para que sua relação com demais pessoas e também com o ambiente no qual está inserido alcance expectativas positivas, uma vez que o estado emocional implica diretamente na forma como o indivíduo direciona seus comportamentos e desempenha-se em ambiente profissional (VALLE, 2006).

O fator que comprova o porquê das organizações buscarem esse perfil em seus futuros profissionais pode ser descrito através da observação de que os efeitos emocionais refletem diretamente na vida profissional, podendo assim comprometer o cenário no qual a empresa e o indivíduo estão inseridos e afetar os objetivos almejados pela organização (SILVA, 2010). Neste contexto, Cury (2010) aborda que o ambiente organizacional está propenso a apresentar certo tipo de pressão sobre os indivíduos que se encontram nele inseridos.

A influência da inteligência emocional sobre o indivíduo está propensa a desenvolver fatores considerados intrapessoais, que permitirão a este tal reflexão

sobre si e até mesmo o quanto necessita de melhorias em determinados pontos, como por exemplo, a autoconsciência, autoconhecimento e autocontrole que refletirão intensivamente sobre a forma de percepção do indivíduo acerca de quanto pode evoluir e alcançar metas profissionais e ou pessoais, fazendo com que persista cada vez mais por aquilo que almeja (OLIVEIRA; DAMIÃO; OLIVEIRA, 2020).

As projeções, seguidas pelo sucesso das organizações, ocorrem mediante desenvoltura das pessoas presentes em cenário organizacional, de modo que indivíduos munidos de inteligência emocional estarão propensos a ser participativos e desenvoltos no ambiente em questão. Uma vez que estarão cada vez mais motivados a almejar o crescimento profissional, contribuindo também para o crescimento da organização (OLIVEIRA; DAMIÃO; OLIVEIRA, 2020).

O colaborador, quando considerado emocionalmente inteligente está propenso a focar nas atividades que exerce, uma vez que suas características tendem a ser as seguintes: motivação e persistência quanto às metas a serem alcançadas, autoconfiança em si e nos demais, adaptação no que diz respeito ao trabalho em equipe e boa comunicação com os demais indivíduos que compõem o quadro de funcionários da empresa (SILVA, 2010).

Quando submetido a situações que o remetem a agir mediante as emoções, o indivíduo está propenso a prejudicar a si mesmo e também ao cenário no qual está inserido, neste caso, a organização. Isso ocorre porque as emoções tomam conta do mesmo e fazem com que as atitudes sejam baseadas e direcionadas pelas emoções presentes no devido cenário (SILVA, 2010).

Neste sentido, Goleman (1995, p. 167) ensina que “a maioria dos problemas de um empregado não surge de repente; desenvolve-se com o tempo”. Um clima organizacional desagradável gera nos colaboradores desmotivação sobre as atividades que exercem e também fazem com que estes repensem o porquê de estarem inseridos em uma organização que não os valoriza, resultando assim em descontentamento, possíveis abandonos e demissões (SILVA, 2010).

De acordo com Chiavenato (2008), a motivação é o desejo de exercer elevados níveis de esforço em direção a determinados objetivos das organizações, condicionados pela capacidade de satisfação dos objetivos individuais. Neste sentido, o efeito motivacional tem total controle sobre o ser humano, pois a motivação coordena e direciona as atitudes, atividades, objetivos a serem realizados e

alcançados pelo mesmo. Portanto, para que se obtenha êxito quanto à execução de atividades dentro do ambiente empresarial, a motivação deve estar presente tanto no cenário organizacional como na vida pessoal do indivíduo (SILVA, 2010).

Segundo Gil (2001, p. 202), motivação “é a força que estimula as pessoas a agir”. Neste contexto, o fator utilizado para gerar a motivação pode ser aplicado de diversas formas dentro da organização, como: forma de recompensas, reconhecimento e apresentação de resultados, no qual demonstram a determinação do profissional sobre aquilo que lhe fora proposto. Procedimentos estes que evidenciam ao indivíduo que ele tem motivos suficientes para se dedicar sobre as atividades, seu cargo e para a empresa de modo geral (SILVA, 2010).

Quando associadas inteligência intelectual à emocional, o profissional estará sujeito a se destacar perante os demais, uma vez que atreladas a essas categorias cognitivas a organização compreende que o indivíduo realmente é importante para seu quadro de funcionários e para a composição de sua empresa.

Mas, atingir esse perfil tão procurado pelas organizações não é uma tarefa simples, e para que este seja alcançado é necessário que os pontos negativos e o amadurecimento no que diz respeito às emoções do indivíduo sejam identificados e confrontados, a fim de analisar se a habilidade emocional afetará diretamente na inclusão e/ou duração do profissional nas organizações (SILVA, 2010).

Tendo em vista que o cenário atrelado ao mercado de trabalho sofre alterações a todo instante, a distinção e a identificação da competência emocional demonstrarão se o indivíduo estará apto as mudanças que o mercado exige, que requerem um certo tipo de flexibilidade quanto as adaptações necessárias para tal inserção e/ou permanência em âmbito empresarial (SILVA, 2010).

Neste contexto, é relevante apontar que a ligação entre o conhecimento e a IE devem estar vigentes a todo instante, de modo que a qualificação do indivíduo conta como ponto positivo para sua atuação, bem como a sua permanência no mercado de trabalho, uma vez que o conhecimento dirigido pela emoção proporciona ao indivíduo lugares e cargos de destaque, assim como reconhecimento tanto profissional como individual (SILVA, 2010).

METODOLOGIA

A metodologia consiste em um grupo de abordagens, processos e técnicas utilizadas para a realização de pesquisas científicas, destinadas a resolver ou formular problemas a fim de adquirir conhecimento de maneira sistemática.

A pesquisa tem por objetivo procurar respostas para indagações propostas, enquanto que a pesquisa científica efetua uma investigação previamente planejada, desenvolvida e composta de acordo com as normas conhecidas pela ciência. Para que o estudo seja científico é necessário que seja lógico, coerente, sistemático, bem argumentado, com a tentativa de conhecer a realidade tal como ela é, evitando corromper-se com ideologias, valores, preconceitos e opiniões do pesquisador (PRODANOV, 2013).

Com isso, para o desenvolvimento da presente pesquisa científica foram utilizados dois procedimentos metodológicos, com intuito de evidenciar, bem como alcançar os objetivos almejados.

O primeiro procedimento consistiu em uma pesquisa bibliográfica em análise de artigos e bibliografias referentes a área estudada. Foram consultados livros e artigos a respeito de inteligência emocional, competência profissional e a pandemia ocasionada pelo COVID 19, em bases de dados específicas como Google Acadêmico, *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo) e demais fontes de informações, com as palavras chaves: inteligência emocional, inteligência emocional no trabalho, competência e inteligência emocional, aplicação da inteligência emocional em trabalhos de equipe, pandemia, corona vírus.

Para o segundo procedimento foi utilizada uma abordagem de pesquisa quantitativa, com objetivo de apresentar informações por meio da aplicação de questionários de múltipla escolha aos colaboradores pertencentes ao setor administrativo da empresa de ramo gráfico, em um município no estado do Paraná. O questionário foi aplicado no mês de outubro de 2020, sendo que trinta e dois funcionários responderam às perguntas constantes do documento.

Mediante arquivos confidenciais disponibilizados para análise, pela própria organização, pode-se constatar que a empresa cujos dados foram coletados foi criada em 1967, possui atualmente 142 funcionários, está localizada em Nova Fátima, estado do Paraná, e situada a 90 km de Londrina, cidade polo da região.

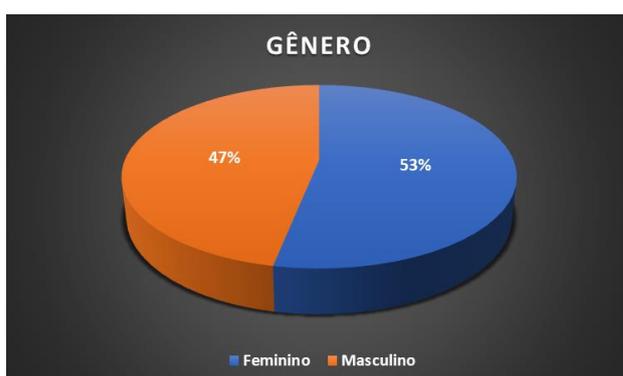
De acordo com o *website* institucional da organização, com o passar dos anos a empresa foi se estruturando e hoje é referência em excelência no setor gráfico de rótulos e *sleeve*, não só pela qualidade do que produz, mas também pelo *know-how* no fechamento dos arquivos e parcerias com agências, *bureau* e clientes. Atende os mais diversos segmentos de mercado, como agrícolas, limpeza, bebidas, linha *pet*, *coen paper*, entre outros.

A empresa atende a clientes em todas as partes do país e até mesmo no exterior e apesar de estar no mercado há mais de 50 anos ainda está instalada em Nova Fátima, Paraná. A empresa é familiar e é dirigida atualmente por dois irmãos.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A presente seção tem por finalidade apresentação dos resultados provenientes do questionário com treze perguntas abertas de múltipla escolha, elaboradas pelo autor com base nos questionamentos levantados ao longo da pesquisa e vivência do autor, aplicado presencialmente aos funcionários de uma empresa de ramo gráfico em Nova Fátima – Paraná, a fim de analisar as informações com o conteúdo exposto no referencial teórico da devida pesquisa científica, conforme demonstrado na sequência:

Gráfico 1 – Gênero.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Para aplicação da pesquisa foram pesquisados 32 indivíduos empregados pela empresa de ramo gráfico em Nova Fátima – Paraná, sendo 17 mulheres e 15

homens, cuja faixa etária compreende entre 20 e 50 anos, conforme se evidencia pelo Gráfico 1.

Gráfico 2 – Faixa etária.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Conforme se demonstra pelo Gráfico 2, 9% dos pesquisados possui faixa etária de 41 a 50 anos, 31% entre 31 e 40 anos e 60% equivale a 20 e 30 anos. Assim sendo, as informações expressas apontam que a organização conta com uma equipe de “espírito jovem”, quesito no qual a incentiva cada vez mais a inovar-se e se destacar no mercado.

Gráfico 3 – Nível de escolaridade.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Para análise do nível de escolaridade dos colaboradores foi sugerido que estes considerassem o título mais alto que possuem, sendo assim, podendo ser desde o Ensino médio completo até a conclusão do Doutorado, conforme demonstrado pelo

Gráfico 3. Assim, observa-se que a maioria dos funcionários da empresa possui ensino superior incompleto, seguido por superior completo, demonstrando que estão se capacitando para melhor desempenho de suas funções.

Gráfico 4 – Tempo de empresa.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

É possível notar também o tempo de empresa que os mesmos possuem variando entre 0 a 1 ano e acima de 10 anos, dados estes que podem ser analisados e observados mediante exposição do Gráfico 4.

Gráfico 5 – Faixa salarial.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

As faixas salariais variam de acordo com as funções e cargos exercidos, e para melhor análise foram pesquisados indivíduos de diferentes departamentos, no qual podem ser expressos da seguinte maneira: Setor Administrativo (11 indivíduos), Setor de Arte Final (8 indivíduos), Setor Comercial (9 indivíduos), e Setor Financeiro (4 indivíduos).

Desta forma, os dados aqui obtidos e expostos através do Gráfico 5 demonstram que 2 dos indivíduos não opinaram quanto sua faixa salarial, 10 estão sob a média de 1 salário mínimo, 15 ganham entre 2 a 3 salários mínimos, 3 destes de 4 a 5 salários mínimos e 2 se sobressaem com renda acima de 5 salários mínimos.

Gráfico 6 – Consciência quanto aos sentimentos.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Levando em conta o Gráfico 6 e os dados expressos através do mesmo, pode-se observar que a primeira questão aponta que 47% dos funcionários procuraram se conscientizar a respeito de seus sentimentos e trabalhá-los com intuito de reverter isso a seu favor e poder usufruir disto em algum momento. Neste contexto, Silva (2010, p. 14) defende que as emoções sendo bem conduzidas aperfeiçoam as chances de uma vida bem sucedida, possibilitando ao indivíduo absorver novos conhecimentos, melhorar o relacionamento interpessoal e intrapessoal, aumentar a produtividade, elevar a autoestima, a automotivação e assim conseguir transferir às pessoas com as quais se relaciona sensações e sentimentos positivos, proporcionando benefícios através da I.E (SILVA, 2010, p.14).

Gráfico 7 – Pensamento positivo.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Quanto o segundo questionamento observa-se através do Gráfico 7, que 50% dos indivíduos procuraram manter e ou mentalizar pensamentos positivos, no qual refletiriam sobre seu estado emocional e assim proporcionando-lhe melhor condicionamento para lidar com situações que remetesse certo tipo de cuidado, tanto no modo de agir, quanto no pensar.

Através dos Gráficos 8 e 9 pode-se observar que ambos os questionamentos realizados complementam-se, de modo que, uma vez identificado que o indivíduo influenciou o estado emocional de outra pessoa, este teve de pensar em formas nas quais o levassem a atingir tal objetivo, ou seja, a influência se dá somente através da aplicação de forma específica da influência requerida, seja ela através de um diálogo presencial ou virtual, indicação de um filme, música e outras formas que podem remeter tal tipo de influência atrelada aos sentimentos.

Gráfico 8 – Influência emocional.

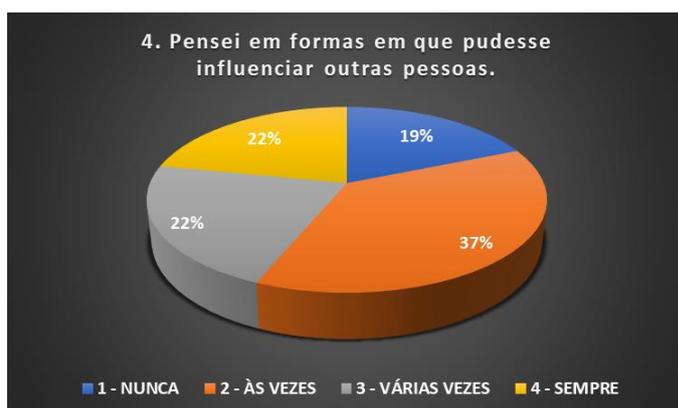


Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Acerca deste assunto, pode-se citar a aptidão denominada “Motivar-se” implementada por Daniel Goleman (1995), na qual está atrelada a capacidade do indivíduo motivar-se e manter-se motivado. Pois, quando comparado aos dados descritos pelo gráfico expresso anteriormente, entende-se que uma vez motivado, o indivíduo possui capacidade suficiente de transferir tal influência a respeito da motivação que exercerá, ou seja, este possui poder de influenciar e ou motivar demais indivíduos.

Quanto aos dados exemplificados no gráfico acima, é possível observar que numa escala de 31% a 37% dos indivíduos procuraram influenciar o estado emocional de outros indivíduos, e conseqüentemente 37% dos mesmos pensaram “ÀS VEZES” em formas que os levariam a exercer certo tipo de influência sobre outra pessoa.

Gráfico 9 – Formas de influência.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

De acordo com Roque, Lamas (2006) o profissional que acredita que alcançará o sucesso sozinho, sem a ajuda de outras pessoas está fadado ao fracasso e ocasionará problemas à empresa.

Gráfico 10 – Resolução de conflitos.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Levando em conta este pensamento, pode-se observar através do Gráfico 10 que durante o período de pandemia ocasionado pelo COVID 19 os colaboradores do setor administrativo no qual foram realizados estudos através da presente pesquisa científica, portaram-se de maneira correta. Fator este que pode ser evidenciado através dos dados expostos no devido gráfico, onde 44% dos pesquisados alegaram trabalhar em conjunto para resolução de possíveis conflitos.

O Gráfico 11 mostra que 41% dos indivíduos ouvidos através do questionário aplicado colocaram-se no lugar de seu gestor, de modo a pensarem sobre decisões que poderiam e deveriam serem tomadas durante este período de pandemia.

Gráfico 11 – Empatia.



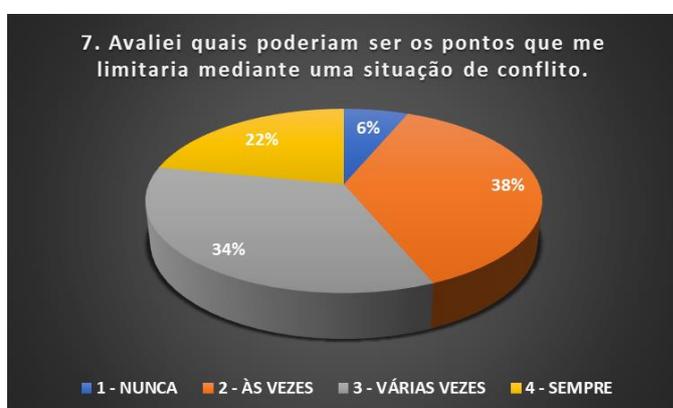
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Mediante essa ponderação vale ressaltar que, quando o líder é autêntico, ele usa suas habilidades naturais e trabalha sempre para alcançar os objetivos que propõem, possui sua liderança pautada em um propósito, valores e significados.

Consegue construir relações duradouras com as pessoas envolvidas em seu propósito e é seguido por esses que acreditam em seus propósitos e acreditam que esse líder trará crescimento e desenvolvimento pessoal (MARTINS, 2014).

Desta forma, o fato de os indivíduos colocarem-se à disposição para se imaginar no lugar de seus gestores ocorre devido ao fato de que, possivelmente, os mesmos possuem abertura para transmitir seus pensamentos e opiniões com seus respectivos subordinados, assim aprimorando cada vez mais a relação entre líder e liderado.

Gráfico 12 – Auto-avaliação.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Segundo Silva (2010) para que a IE seja desenvolvida e conseqüentemente essa seja aperfeiçoada é necessária a identificação dos pontos fracos presentes na vida do indivíduo, para que sejam trabalhados e posteriormente melhorados.

Mediante essa colocação pode-se observar através do Gráfico 12 que os indivíduos alegaram numa escala entre 34% para “VÁRIAS VEZES” e 38% para “ÀS VEZES” que avaliaram quais poderiam ser os pontos que os limitariam mediante uma situação de conflito, demonstrando que se consideram auto avaliativos a respeito de si mesmo e do ambiente em que se encontram inseridos.

Segundo Goleman (1995) para que a IE seja alcançada e conseqüentemente compreendida é necessário se obter algumas aptidões consideradas básicas, tendo em vista que, as mesmas foram citadas em tópicos anteriores.

Gráfico 13 – Empatia e percepção.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Mas, atrelado ao Gráfico 13 pode-se abordar novamente a aptidão denominada capacidade de empatia, indiciada por Goleman (1995) na qual está diretamente ligada a forma em que o indivíduo se coloca no lugar do outro, de modo a entender situações específicas e visualizar o ponto de vista de determinada situação por um ângulo diferente.

Sendo assim, avaliando os dados reportados através do gráfico exposto, pode-se observar que os colaboradores da referida empresa exerceram a capacidade de empatia durante o período de pandemia, fato este que pode ser comprovado mediante dados que equivalem a 44% dos quais procuraram se colocar em outra posição (de terceiros), para que pudessem visualizar possíveis situações por outro ângulo, assim obtendo uma visão holística do panorama vigente naquele momento.

Gráfico 14 – Visão holística.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Conforme exemplificado no Gráfico 14, os pesquisados procuraram manter olhar externo quanto à visualização de possíveis conflitos, ou seja, prontificaram-se a analisar e/ou visualizar o cenário no qual estavam inseridos e que assim impactaria diretamente no possível conflito que evidenciaria de forma externa.

É cabível nesta análise enfoque sobre o ditado popular no qual aborda que “quem está fora vê melhor o cenário como um todo”, pois, ainda que 47% dos pesquisados assinalaram que “ÁS VEZES” procuraram realizar este tipo de procedimento, nota-se que novamente os mesmos mantiveram-se atentos para melhor execução daquilo que poderia de certa forma lhe ser imposto.

Gráfico 15 – Preparo emocional.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Quanto ao Gráfico 15 pode-se observar que 37% dos colaboradores abordados na presente pesquisa dedicaram um certo tempo de sua rotina para se preparar emocionalmente para determinadas situações, a fim de identificar quais poderiam ser os gatilhos que se desencadeariam certo tipo de descontrole emocional. Ponto este que evidentemente fora atingido, uma vez que, maior parte dos indivíduos realizaram o procedimento detalhado anteriormente.

Através do Gráfico 16 é possível visualizar que 38% dos funcionários afirmaram que durante este período considerado um momento delicado e no qual as emoções estariam a flor da pele, procuraram formas de se autodesenvolver, isso através de separar momentos específicos de seu dia ou semana para se conhecer e compreender a emoção na qual o ambiente em que se está inserido o submete.

Gráfico 16 – Autoconhecimento.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Nesse contexto, Mayer (*apud* Giroto, 2008) menciona que a IE é a capacidade de notar e identificar a emoção, assim como, saber geri-la em si e nos outros.

Gráfico 17 – Reflexão profissional.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Já quanto ao Gráfico 17 é possível analisar que maior parte dos participantes da pesquisa almejam um futuro e pensam sobre as estratégias que podem refletir sobre sua carreira profissional, no qual pode ser expresso através da porcentagem de 47% dos 32 indivíduos questionados, ou seja, quais das estratégias podem alavancar e até mesmo destruir a devida carreira. Pontos estes que uma vez identificados podem ser visualizados de perto e conseqüente trabalhados em prol de melhoria.

Segundo Goleman (1995, p. 163) “quando emocionalmente perturbadas, as pessoas não se lembram, não acompanham, não aprendem e nem tomam decisões com clareza”.

Gráfico 18 – Situação de pressão.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Porém, de acordo com os dados fornecidos através do Gráfico 18 pode-se se observar que não são em todos os casos que tal teoria se aplica, uma vez que, 38% dos participantes afirmaram que quando submetidos a situações de pressão ou a cenários que requerem dos mesmos pensar minuciosamente, estes obtiveram êxito quanto à conclusão de atividades e ou término com sucesso mediante o período no qual denominava estressante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa científica proporcionou maior conhecimento no que diz respeito acerca do devido tema explanado, e conseqüentemente serviu para constatar a importância do mesmo tanto para o indivíduo quanto para a organização estudada.

O reconhecimento quanto aos benefícios proporcionados pela inteligência emocional é evidenciado a partir do momento em que se identifica o desenvolvimento deste procedimento, uma vez que, conforme citado em capítulos anteriores estes possuem efeito de via de mão dupla, ou seja, tanto o indivíduo quanto a organização podem ser contemplados com os benefícios que a Inteligência Emocional proporciona.

Mediante os resultados apresentados pela devida pesquisa, cabe ressalva de um ponto considerado relevante como, o problema de pesquisa surgiu objetivando responder o seguinte questionamento: “Quais pontos da inteligência emocional podem ser utilizados para amenizar e medir o comportamento das pessoas frente a uma pandemia?”.

Nota-se que os dados abordados, expressos e comentados ao decorrer do presente trabalho revelam que os pontos da inteligência emocional que foram capazes de amenizar e medir o comportamento dos indivíduos inseridos na empresa de ramo gráfico, em Nova Fátima – Paraná, estão diretamente atreladas às aptidões específicas indicadas por Goleman (1995).

Uma vez que os dados obtidos através da PROPOSTA II revelam, identificam e trazem aproximação ao conteúdo relativo às aptidões consideradas específicas para o desenvolvimento da IE, podendo ser expressas da seguinte forma: (1) conhecer e reconhecer as próprias emoções; (2) lidar com as emoções; (3) motivar-se; (4) ter empatia; e (5) lidar com relacionamentos.

Ou seja, tais pontos podem ser adquiridos mediante desenvolvimento e reconhecimento dessas capacidades, de modo a entender que as mesmas se tornam fruto do resultado de possível procedimento de desenvoltura.

Desse modo, o comportamento dos indivíduos pesquisados durante o período no qual se enfrenta o novo Corona Vírus (COVID 19) pode ser designado como apropriado, no que diz respeito às suas emoções.

Em vista das informações supramencionadas, pode-se concluir que o objetivo desta pesquisa científica foi alcançado, uma vez que o problema de pesquisa foi devidamente respondido, fator este que pode ser comprovado mediante o desenvolvimento da pesquisa, por meio das teorias apresentadas por autores da área em questão e através dos dados obtidos na pesquisa de campo.

Ainda que com toda repercussão e procura nos dias atuais, o devido tema é algo pouco discutido em inúmeras áreas, inclusive no cenário empresarial, de modo que a temática não está esgotada e carece de maiores estudos.

Portanto, em virtude da relevância e importância que o tema possui, é necessário que seja promovida melhor forma dos indivíduos reconhecerem suas aptidões e os pontos que estão diretamente ligados à suas emoções, a fim de que desenvolvam habilidades emocionais e saibam controlá-las em diversas situações do cotidiano.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Isabella. Inteligência Emocional: a importância dela em momentos de crise. **Papo Criativo: Em constante transformação**. Disponível em <<https://www.papocriativo.com.br/inteligencia-emocional-a-importancia-dela-em-momentos-de-crise/>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

COBÊRO, Cláudia; PRIMI, Ricardo; MUNIZ, Monalisa. **Inteligência emocional e desempenho no trabalho: um estudo com MSCEIT, BPR-5 e 16PF**. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2006000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12ago. 2020.

COSTA, Sara Sofia Jesus. Liderar com Emoção: **A Inteligência Emocional e seu Desempenho**. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Tese No 12412. 2008.

COSTALONGA, Max Willian. **A inteligência emocional propulsora ao desenvolvimento do futuro líder: Um estudo de caso em uma Instituição de Ensino Superior de Cornélio Procópio**. Trabalho de Conclusão de Curso (Administração) – Faculdade Educacional de Cornélio Procópio – FACCREI, Cornélio Procópio, 2019.

CROZATTI, Jaime. Modelo de gestão e cultura organizacional: conceitos e interações. **Caderno de Estudos**, n. 18, p. 01-20, 1 ago. 1998.

CURY, Augusto. **O código da Inteligência e a Excelência Emocional**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2010.

DE LIMA, Claudia Maria Pereira; DE SOUZA, Paulo César Zambroni; ARAÚJO, Anísio José da Silva. A Gestão dos Trabalhos e os Desafios da Competência: uma Contribuição de Philippe Zarifian. **SciELO**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932015000401223. Acesso em: 12 set. 2020.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. **Construindo o Conceito de Competência**. RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, p. 183 – 196, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais**. São Paulo: Atlas, 2001.

GIROTTTO, M. **Inteligência Emocional nas Organizações. 2008**. 47p. Trabalho de Conclusão de Curso (Administração de Empresas) – Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA/Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que Redefine o que é Ser inteligente**. 25. Ed. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

_____. **Inteligência Social: O Poder das Relações Humanas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

GREGORIM, Clóvis Osvaldo. et al. **Michaelis: dicionário escolar de língua portuguesa**. São Paulo. Melhoramentos, 2002.

IBC, Equipe. INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO TRABALHO, POR QUE ELA É TÃO IMPORTANTE?. **IBC – Instituto Brasileiro de Coaching**. Disponível em <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/coaching-e-psicologia/inteligencia-emocional-trabalho-importante/>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia. O IBGE APOIANDO O COMBATE À COVID19. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <<https://covid19.ibge.gov.br/pulso-empresa/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

LEITÃO, Sergio Proença; FORTUNATO, Graziela; FREITAS, Angilberto Sabino de. **Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n5/a07v40n5.pdf>>.

MARQUES, Elaine Cristina. **A importância da Inteligência Emocional na vida do profissional Secretário**. Claretiano Studium. Disponível em <claretianostudium.com.br>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MAYER, John D.; CARUSO, David Stephen; SALOVEY, Peter. (2000). **Emotional Intelligence meets traditional standards for an intelligence**. *Intelligence*, 27(4), 267-298.

MAYER, John D.; DIPAOLO, Maria; SALOVEY, Peter. (1990). Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence. In **Journal of Personality Assessment**, 54, 772-781.

NETA, Nair Floresta Andrade; GARCÍA, Emilio García; GARGALLO, Isabel Santos. A inteligência emocional no âmbito acadêmico: Uma aproximação teórica e empírica. **Psicologia Argumento**. Disponível em <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/1980>>. Acesso em: 12 set. 2020.

OLIVEIRA, Elizângela de Jesus; DAMIÃO, Wanderson da Silva; OLIVEIRA, Erick Dawson. **Gestão Estratégica**. 1º edição. Belo Horizonte – MG: Poisson, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e técnica de pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

QUEM SOMOS: UMA EMPRESA TREINADA EM OFERECER SOLUÇÕES PARA SUA EMPRESA. **Catuai Rótulos**, 2020. Disponível em: <<http://catuairotulos.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

ROBERTS, Richard D.; FLORES-MENDOZA, Carmen E.; NASCIMENTO, Elizabeth do. **Inteligência emocional: um construto científico?** *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 23, 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2002000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 ago. 2020.

ROQUE, Francisco. LAMAS, Paulo. **Inteligência Emocional**. Centro de Desenvolvimento Empresarial. Universidade de Cabo Verde, 2006.

SEYMOUR, John; SHERVINGTON, Martin. **Como usar a inteligência emocional**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SILVA, I. A. **O papel da inteligência emocional na profissão de secretária(o)**. 2000. Monografia (Graduação em Secretariado Executivo Trilingue) – Faculdades Integradas Claretianas.

SILVA, Mayara Oliveira. **Inteligência emocional nas organizações – Um estudo de caso**. Disponível em:

<<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0711260102.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

VALLE, Patrícia Barroso do. **Inteligência emocional no trabalho: um estudo exploratório**. – Rio de Janeiro: Faculdades Ibmecc, 2006. Dissertação (Mestrado em Administração).

WOYCIEKOSKI, Carla; HUTZ, Claudio Simon. **Inteligência Emocional: Teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias**. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, Ed 22. (p.1-11), Rio Grande do Sul, 2009.

Recebido em: 29/04/2021.

Aprovado em: 15/06/2021.

**MARCAS DE ORALIDADE COMO ELEMENTOS ESTÉTICO E VEROSSÍMIL NOS
CONTOS MILAGRE CHUÉ E CASA DE LOUCOS, DE JOÃO ANTÔNIO**

**ORALITY BRANDS AS AESTHETIC AND LIKELY ELEMENTS IN THE TALES
*MILAGRE CHUÉ AND CASA DE LOUCOS, BY JOÃO ANTÔNIO***

Weslei Chaleghi de Melo*

Wilder Kleber Fernandes de Santana**

Marilu Martens Oliveira***

RESUMO: Este artigo tem como propósito, analisar, em vias literárias, marcas de oralidade nos contos de João Antônio e suas contribuições para desvendarmos os sentidos implícitos ao texto. A pesquisa justifica-se nos estudos da área de letras e cultura por acalorar discussões sobre formas breves da literatura e a oralidade como elemento transversal entre o real e o ficcional. Para isso, delimitamos nosso *corpus* de análise em dois contos *Milagre Chué* e *Casa de Loucos*, de João Antônio. Dessa forma, teremos como objetivo principal perceber o movimento estético em contos permeados por traços culturais, sobretudo, manifestos por meio da presença da oralidade no texto escrito. Para atender às expectativas de pesquisa, utilizaremos referências bibliográficas buscando em autores que tratam de forma relevante os conceitos de verossimilhança como Aristóteles (2007) Genette (1972) e de estudos discursivos e textuais, com Bakhtin (2013), Volóchinov (2017), Koch e Elias (2017), que enformam os subsídios para construção de nossa base teórica. A organização das informações que serão manifestas por meio de um artigo científico ocorrerá, inicialmente, com a explicação do conceito de verossimilhança. Em seguida, trataremos das marcas da oralidade como estética literária em *Casa de Loucos*. Por fim, analisaremos o conto *Milagre Chué*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Movimento Estético. Oralidade. João Antônio.

ABSTRACT: This article aims to analyze, in literary ways, orality brands in the stories of João Antônio and his contributions to unveil the meanings implicit in the text. The research is justified in the studies of the area of letters and culture by encouraging discussions about brief forms of literature and orality as a transversal element between the real and the fictional. For this, we have delimited our corpus of analysis in two short stories *Milagre Chué* and *Casa de Loucos*, by João Antônio. Thus, we will have as

*Doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: weslei@alunos.utfpr.edu.br

**Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling – UFPB). Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional. Especialista em Linguística Aplicada pela Faculdade (Faculdade do Leste Mineiro) e em Gestão da Educação Municipal (Pradime- UFPB). Email: wildersantana92@gmail.com

***Doutora em Letras (UNESP - Literatura e vida social), mestrado em Letras (UEL- Literaturas vernáculas). Professora titular, aposentada, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e da Universidade Estadual do Norte do Paraná, antiga FAFI(UENP). E-mail: yumartens@hotmail.com

main objective to perceive the aesthetic movement in tales permeated by cultural traits, above all, manifested through the presence of orality in the written text. To meet the research expectations, we will use bibliographic references looking for authors that deal with likelihood concepts such as Aristotle (2007) Genette (1972) and discursive and textual studies, with Bakhtin (2013), Volóchinov (2017), Koch and Elias (2017), who inform the subsidies for the construction of our theoretical basis. The organization of the information that will be manifested through a scientific article will occur, initially, with the explanation of the likelihood concept. Then, we will deal with the marks of orality as literary aesthetics in Casa de Loucos. Finally, we will analyze the tale *Milagre Chué*.

KEYWORDS: Literature. Aesthetic Movement. Orality. Joao Antonio.

1. Introdução

Inicialmente, antes de demarcarmos o objeto de estudo em vias literárias (GENETTE, 1972; ZUMTHOR, 1997; 2020; BERMAN, 2007), foi-nos pertinente traçar as possíveis contribuições que a linguística, sobretudo a textual, pode proporcionar para desvendarmos os sentidos implícitos ao texto literário.

Para organização das ideias que fundamentam nossa pesquisa, uma questão norteadora foi levantada: seria possível compreendermos as marcas de oralidade como um dos responsáveis pelo grau de verossimilhança nos contos de João Antônio? Trilhamos, a princípio, a compreensão do conto como elemento dotado de sentidos que são ressignificados por um processo dialógico. Quando pensamos em estética literária na oralidade, um ponto relevante é sua função na construção de sentidos e, conseqüentemente, de uma identidade social. Dessa forma, delimitamos como um dos propósitos da pesquisa perceber a oralidade como movimento estético em dois contos permeados por traços culturais.

Ao nos debruçarmos sobre os estudos realizados por States (1996), percebemos que o conceito de oralidade como performance é maleável socialmente ao longo do tempo e, também, se dá por meio da recepção da obra artística — ou seja, quem lê a obra literária assume, de certa forma, uma performance em relação à estética da recepção — gerando uma ressignificação de sentimentos. Em mesma linha de pensamento, Crease (1993) vinha alertando que as marcas de oralidade têm significado por meio da execução de uma ação no mundo que representará o verossímil.

Estudos discursivos e textuais, com Bakhtin (2013), Volóchinov (2017), Koch e Elias (2017), que enformam os subsídios para construção de nossa base teórica.

Levamos, também, em consideração, os operadores argumentativos os recursos utilizados para construir os sentidos. Dessa forma, dentro do léxico, o autor escolhe quais palavras melhor adaptam-se às condições específicas de produção para construir o efeito artístico desejado (BAKHTIN, 2006 [1979]). Nesse contexto, torna-se importante compreender a presença da oralidade como manifestação de verossimilhança em João Antônio.

Nessa perspectiva, dentro dos estudos literários, nota-se que o nível de subjetividade varia de acordo com a recorrência planejada de efeitos estéticos, sendo necessária a adoção de diferentes técnicas para atingir a verossimilhança — esse conceito não implica em ser real, mas ter condições dentro de um imaginário coletivo de que pareça real mesmo sendo ficcional.

Esse conceito remete a Aristóteles, mais especificamente a *Arte Poética*, escrita em IV a.C. O filósofo salienta que “[...] é evidente que não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade.” (ARISTÓTELES, 2007, p.43). Com base nessa citação, tomaremos como conceito de verossímil as possibilidades intrínsecas ao texto literário que fornecem condições de coesão argumentativa por meio dos operadores da narrativa.

Essa temática justifica-se nos estudos da área de letras e cultura por acalorar discussões sobre formas breves da literatura e como a oralidade funciona como elemento transversal entre o real e o ficcional presente nos contos *Milagre Chué* e *Casa de Loucos*, de João Antônio.

. Para atender às expectativas de pesquisa, utilizaremos referências bibliográficas buscando em autores que tratam de forma relevante os conceitos de verossimilhança como Aristóteles (2007) Genette (1972) e de estudos discursivos e textuais, com Bakhtin (2013), Volóchinov (2017), Koch e Elias (2017), que enformam os subsídios para construção de nossa base teórica. A organização das informações aqui manifestas ocorre inicialmente, por meio de estudos teóricos sobre marcas de oralidade como elemento de verossimilhança no conto *Milagre Chué*. Em sequência, investigamos a manifestação da oralidade na escrita como estética literária nos contos de João Antônio. Por fim, analisamos os contos *Milagre Chué* e *Casa de Loucos*.

2. As marcas de oralidade como elemento de verossimilhança no conto *Milagre Chué*

No campo da Estilística dialógica¹, é possível identificar, na prosa de ficção contemporânea, alguns dos recursos linguístico-expressivos em que se apoiam os escritores ao transferir para o texto escrito as marcas típicas da língua falada, bem como de que maneira eles se acham distribuídos dentro das subáreas existentes na ciência do estilo. Cabe, porém, destacar que, estudos estilísticos sob vertente dialógica não se prendem a questões expressivas e fônicas, mas a compreendem nas condições específicas de produção de cada enunciado, conforme Volóchinov (2017). Para Volóchinov, o estilo é o produto da inter-relação de sujeitos organizados no discurso, e desse modo, “(...) o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa” (VOLÓCHINOV, 1976, p. 15).

É interessante perceber que muitos dos elementos da oralidade aproveitados na literatura têm, na fala, justificativas pragmáticas originadas pelas próprias condições de produção e por fatores de ordem extralinguística, motivo pelo qual podem ser reproduzidas apenas parcialmente no texto escrito, que as empregam com base em fatores de ordem estilística/estética. Trata-se de processo intencional com o intuito evidente de construir uma linguagem cada vez mais próxima da utilizada pelo leitor, que, por meio da identificação estabelecida com a obra literária, tem possibilidade de interagir mais efetivamente com ela.

No conto *Milagre Chué*, temos uma paródia dos contos de fada, uma fábula “às avessas” que questiona a contraditória condição humana: uns com tanto dinheiro e sorte, outros, miseráveis e famintos e, no entanto, ambos frágeis e insatisfeitos. Percebemos que a história é cheia de comicidade, mas o discurso e o modo como foram narradas as passagens, não conduzem apenas ao riso. Usando de sutil ironia, oculta na figura do narrador onisciente, deixa transparecer sua voz lírica: “Que não há nada para acontecer como as coisinhas da vida” (ANTÔNIO, 2012, p. 03).

¹A expressão Estilística dialógica é um conceito advindo dos estudos bakhtinianos que se consolida em terreno brasileiro e que promove descontinuidades à Estilística tradicional que foi durante tanto tempo primada no hall dos estudos literários. Ancorados em Brait (2003), compreendemos que a Estilística dialógica se constitui como esse “emaranhado de conceitos produzidos em diferentes condições de produção, formulados a partir de estudos em interação” (ALMEIDA; SILVEIRA; SANTANA, 2019, p. 137).

O jogo irônico de antíteses do autor também se faz presente na forma como nos são apresentadas a estrela de Pícolo e a de Jacarandá:

Na linha do horizonte, um clarão abrindo suave, dourado. Surgiu uma fina carruagem levada por animais brancos, raçudos, limpos e fortes. Magníficos, um desfile. Segurando as rédeas, com doçura, uma fada de condão mágico que lembraria a infância de Jacarandá, se aquilo fosse coisa de se lembrar (ANTÔNIO, 2012, p. 07-08)

Embora o astuto protagonista imagine que, ao utilizar-se de todas essas artimanhas e ao ficar próximo de santos que possam protegê-lo, consiga adquirir uma sorte melhor, ele só alcança um “milagre chué”: um dinheiro ganho somente porque sua “estrela da sorte” estava dormindo. Jacarandá não pôde fugir ao seu “fado”, traçado numa realidade que lhe parece irracional.

Ao observar a presença de determinados componentes que se repetem e que se fazem, portanto, invariantes no rol de possibilidades de interdiscursividade na prosa, esse ensaio estabelece uma observação que concentraria mais significativamente a prosa no que tange à oralidade, tentando acompanhar alguns mecanismos recorrentes da obra.

A relação entre oralidade e língua literária acentua-se durante o período do Realismo-Naturalismo (MOISÉS, 2000), o que é bastante justificável por se tratar de uma fase da Literatura Brasileira em que se fazem muito presentes personagens originários de um meio social menos privilegiado tanto econômica quanto social e culturalmente (MOISÉS, 2000; COUTINHO, 2008). Desse modo, é explicável a preocupação dos escritores em retratar a linguagem empregada por esses tipos sociais, o que funciona como recurso expressivo fundamental para a caracterização dos personagens, conferindo à obra, de uma maneira geral, a atmosfera de realidade e verossimilhança tão almejada pelos seguidores dessa escola literária.

Outro recurso fônico que se baseia na oralidade é a harmonia imitativa, considerada um tipo mais amplo de onomatopeia que se estende ao longo do enunciado como um todo, evocando um efeito sonoro estritamente relacionado à ideia expressa (MARTINS, 2008). As alterações fonéticas também surgem com frequência nos textos em que predomina a linguagem coloquial, já que os metaplasmos em nível sincrônico refletem tendência bastante comum não só nas variantes populares, mas

na língua falada de maneira geral, estando diretamente ligados a questões da pronúncia².

É perceptível que, cada vez mais, a literatura contemporânea vem encurtando a distância tradicionalmente imposta entre linguagem oral e escrita. Na tentativa de estabelecer uma aproximação cada vez maior com o público, os escritores realizam uma espécie de “revolução” na linguagem transpondo da oralidade para o escrito, reivindicando, de maneira implícita e silenciosa, por meio de seus textos, um olhar menos preconceituoso no que diz respeito à transposição de estruturas e elementos típicos da oralidade.

Para compreendermos melhor a concepção de verossimilhança, buscaremos, como base, os estudos de Gérard Genette (1972), que a princípio voltou suas pesquisas, sobretudo, na literatura francesa e sua aproximação com a racionalidade humana. Entretanto, seus conceitos podem, na medida em que abarcam uma complexidade de reflexões pertinente à universalidade da literatura, traçar um paralelo com nosso *corpus* de pesquisa. Para o autor, a verossimilhança, ao contrário de uma crença instituída que remete a esse elemento a função de tornar a ficção real — que, seria abstrata demais para ser apreendida pelos sentidos — busca proporcionar nuances que aproximem o leitor do objeto ficcional. É, portanto, a ambientação que a narrativa oferece, em um imaginário coletivo, de condições em que as representações pareçam possíveis mesmo que fantásticas (GENETTE, 1972).

No caso do conto *Milagre Chué*, seria difícil acreditar que uma estrela que concede desejos fosse real. Dessa forma, como podemos verificar a verossimilhança? Reenunciando os estudos de Genette (1972), por meio dos elementos da narrativa, o absurdo, bizarro, mágico e/ou fantástico podem ser, por meio de elementos estéticos da narrativa, facilmente aceitos. Em outras palavras, o leitor, através das tramas, mergulha na narrativa de modo a não se importar com a realidade. Nesse momento, o leitor torna-se um apreciador que contempla o “devendo-ser” (GENETTE, 1972, p. 9).

Para exemplificar, recorreremos à linguística textual. Koch e Elias (2017) destacam que todos os gêneros textuais, independentes de sua esfera de produção,

²Geralmente, quando se lê, ocorre um compartilhamento de ideias, sendo o texto literário, aquele que pode oferecer um maior compartilhamento dos conhecimentos e das culturas, pois nos aproxima da sociedade e nos permite manter uma relação profunda tanto com o mundo, como com os que estão nele inseridos.

recorrem a elementos linguísticos que visam determinado efeito de sentido. No caso da esfera literária, João Antônio busca, por meio de operadores argumentativos, construir um texto que atenda determinada função comunicativa e ideológica. Em outras palavras, dentro dos recursos lexicais, as escolhas feitas possuem a pretensão de formar sentidos desejados, possuindo maior ou menor carga semântica, que chamamos, nos estudos literários, de ambientação.

Vejamos no exemplo a seguir extraído do conto *Milagre Chué*:

A maré era de *urucubaca raiada* e o mais que o poeta do momento logrou sensibilizar um comissário da Primeira DP, na Praça Mauá, ao implorar, entre *chororó*, e humilhado que era um homem em trânsito pela cidade (ANTÔNIO, 2012, p. 4, grifos nossos).

Nota-se que as palavras destacadas são uma transposição da fala para o texto escrito. Com isso, o autor determina o efeito de sentido pretendido, neste caso, uma conotação de tom impessoal, como quem conta um acontecimento vivido a um terceiro. Essa marca estética representa dentro do campo semântico uma proximidade entre leitor e narrador – recurso que permite trazer o imaginário do leitor por meio da discursividade.

Partindo dos pressupostos teóricos postulados por Koch e Elias (2017), que dialogam com os conceitos de verossimilhança na medida em que as marcas de oralidade apresentadas no texto de João Antônio tornam-se expressivas, essas marcas constroem uma familiaridade com o leitor. Esse fenômeno traz à narrativa uma forma mais próxima do usual e, dessa forma, os leitores habituados, se familiarizam com o texto. Como podemos perceber no trecho do conto *Milagre Chué*: “*Mandou-se para o cafezal. Depressinha, a esperança acesa. Plantou-se no mesmo lugar, griando: — Estrela de Jacarandá! Apareça! **Eu** estou na **pior*** (ANTÔNIO, 2012, p.8, grifo nosso).

Percebe-se, que a primeira palavra grifada, é uma transposição da expressão “se mandou” que usamos para nos referir, na fala casual, quando o sujeito deixou determinado local. *Depressinha*, neste caso, é claramente uma marca de oralidade. Este advérbio de modo não poderia sofrer flexão de grau, segundo a gramática normativa. Entretanto, *depressinha* possui o sufixo do diminutivo para imbuir à palavra afetividade — carga semântica utilizada na comunicação oral cotidiana. No caso do pronome “eu”, na escrita, poderia ser suprimido não pelo tempo verbal, mas pelo fato

de ser possível distinguir a primeira pessoa na flexão verbal. seguido do termo “pior” refere-se ao modo coloquial da Língua Portuguesa.

Vejamos a oralidade no trecho que introduz um diálogo entre Jacarandá e Pícolo “Chamado, *vexou-se. Desenxabido* pelas roupas sujas e barba por fazer, a peça atendeu. E ouviu a história mirabolante do homem que se chamava Pícolo e já estava enfiado de ser tão rico”. (ANTÔNIO, 2012, p. 6, grifos nossos). Neste caso, “vexou” + “se”= vexou-se – temos a presença de um verbo transitivo e uma partícula pronominal que introduzem no texto o sentido de introvertimento. Essa utilização foge dos padrões cultos da língua e representa uma transposição dialética.

O mesmo ocorre com a palavra “Desenxabido” que no campo da morfossintaxe é classificado como adjetivo, logo, sua função é caracterizar o substantivo. Essa escolha lexical possui o sentido de desgracioso, envergonhado. Nota-se que essas escolhas condizem com o enredo, uma vez que se refere à Jacarandá, um homem pobre. Ao entrar no campo semântico que remete a esse personagem, o narrador utiliza-se de palavras que se aproximam da linguagem usual do grupo ao qual Jacarandá pertence, logo, cria-se um contraste que (re)afirma a posição social de desigualdade comparado a Pícolo.

3. A oralidade na escrita como estética literária nos contos de João Antônio

Para verificarmos a oralidade na escrita de João Antônio, retiraremos do conto *Casa de Loucos*, alguns trechos em que é possível observar esse fenômeno. Entretanto, salientamos que não conseguiremos, neste único artigo, esgotar todas as marcas contidas no texto.

A estratégia literária de João Antônio consiste em expor, reportar e fazer aparecer as histórias dos viradores, dos marginais sociais. Trata-se antes do relato de uma condição do que de uma sugestão de resposta à essa condição. Esse perfil mostra-se na narrativa que compõe o conto *Milagre Chué*, explicitada de maneira irônica e fantástica através da contraposição de duas personagens pertencentes a dois estratos sociais diferentes, estratos estes que se comportam como sinas, ou mais do que isso, fados.

Vale ressaltar que, na malandragem, não como ofensa, mas como estética e elemento da narrativa que constitui uma obra incrível, tem em João Antônio, a herança

de grandes nomes da literatura como Lima Barreto – ao se interessar por humilhados e, também, Antônio de Alcântara Machado, devido a ambientação/ cenário das narrativas que se fazem na urbanidade.

Vejamos também:

João Antônio leva para seus diversos³ contos as marcas de seu tempo, e vai além. Em seus textos surge um narrador que nos convida a deslizar sobre a mesa de bilhar, a caminhar sob as luzes das ruas tão admiradas pelo jovem Perus, a conhecer o jogo noturno da vida, tão íntimo do velho Malagueta e do “armador” Bacanaço, ou então, a patinar no gélido caminho de Nego, a rir e a ter pena das atitudes de Jacarandá, refletindo sobre o que elas representam dentro de uma sociedade, ou ainda a viajar no galopante interior de Paulinho Perna-Torta, envolvendo-nos no jogo intrigante e complexo da sua trama narrativa (p. 89). Assim, João Antônio navega nas veias da malandragem e recolhe das madrugadas os cacacos, os retalhos, o gosto, o odor. (BARRETO, 1996 *apud*. SILVA, 2003)

O procedimento da alusão pode ser reconhecido no conto *Milagre Chué* de João Antônio, pois há uma paródia do mito dos contos de fada para apresentar uma “fada” que não proporciona prazeres nem sorte a Jacarandá, o anti-herói do conto. Quando falamos de linguagem coloquial é importante que haja uma busca de equivalentes na língua de chegada para que não se perca o valor das palavras para determinada sociedade, por exemplo, as gírias. Bergman (2007, p. 17) ressalta que

Procurar equivalentes, não significa apenas estabelecer um sentido invariante, uma idealidade que se expressaria nos diferentes provérbios de língua a língua. Significa recusar introduzir na língua para a qual se traduz a estranheza do provérbio original.

Por meio de manifestações como a música, o rap, por exemplo, utiliza de gírias e palavrões livremente como forma de expressão, arte e identidade. Mesmo sem a escrita o Rap pode transmitir espontaneamente aquilo que deseja, sem que haja um estudo antecipado sobre linguagem. As palavras surgem e são declamadas com sentido e sentimento. Percebemos, então, a importância da oralidade na linguagem escrita, em nosso caso, na prosa.

A gíria, como salienta Wagner (2008), pode ser um manifesto em registros de contos, transmitindo espontaneamente aquilo que se deseja, visto que, a importância da oralidade nos contos escritos pode explicar a gíria como podemos ver no trecho a seguir.

³Neste parágrafo, trata-se da produção de João Antônio como forma de conceituar a estética do autor.

O Vietnã, abrigando uns 130 pacientes, apenas homens, mas em promiscuidade num pavimento térreo, é o pavilhão dos doentes crônicos, de mal a pior, passando mal, os mais agitados, os *pirados*, os *piradões*, os *piradélicos*, os *maluquinhos*, conforme a linguagem ambiente. (ANTÔNIO, 1976, p.129, grifo nosso).

Ela é, portanto, uma variante da língua. Não existe isoladamente, mas necessita do interrelacionamento entre diversos fatores, como, por exemplo: social (indivíduo); histórico (tempo); regional (espaço); econômico, etc. Wagner (2008, p. 62) destaca que algumas gírias incorporadas pela sociedade atual têm origem em culturas distintas, na grande parte, instituídas através do uso da massa.

(...) palavras que originalmente caracterizam um grupo social passam a ser usadas por todos, mesmo por pessoas que não aceitam o grupo do qual se originaram. Há palavras ou expressões que tiveram sua origem no linguajar dos hippies e dos toxicômanos e que hoje todos utilizam: barato, paz e amor, bicho, sacou, curtiu, curtição, etc. (WAGNER, 2008, p.62).

O autor assinala que, diante de uma escrita, seja ela uma música, conto, poesia, é possível se usar uma gíria cultural, ou seja, as expressões faladas de uma comunidade, expressando algo. Como traço estilístico de João Antônio em seus contos, Durigan (1989, p.16) ressalta que:

A competência que garante a sobrevivência do narrador está intimamente ligada à sua capacidade de valer-se de textos (ditos populares, biografias, gírias, estereótipos etc.) e de características textuais (ritmo, pontuação, sonoridade) alheias. Sua sobrevivência como narrador depende, em outras palavras, do que não cria, mas do que agarra do mundo e dos outros e maneja com a maestria gerada pela necessidade de sobrevivência. O processo criativo do narrador malandro resulta e só pode ser verificado a partir da sua capacidade de montar, do trabalho de compor um todo harmônico com partes heterogêneas e resíduos descontextualizados.

Os estudos no campo da oralidade realizados por Crease (1993) demonstram que sua presença na literatura aponta para a concretização de uma ação no mundo em que representará o verossímil. Vejamos o exemplo: “Na segunda-feira eu não vou trabalhar E na terça-feira pra que me *amolar*?” (ANTÔNIO, 1976, p.127, grifos nossos). Nesse, nota-se a oralidade presente em duas perspectivas. A primeira refere-se à poética em que o som/rima proporciona – trabalhar e amolar –. A segunda, morfologicamente, amolar possui a função de verbo transitivo direto. Entretanto, sintaticamente, por metáfora, possui o valor semântico de provocar aborrecimento. Essa dualidade, presente em ambos os exemplos notados neste trecho, (re)afirmam

a ação que essas escolhas fazem na construção do texto literário como forma de estética.

Em *Casa de Louco*, podemos perceber em mais um trecho essa transposição da linguagem coloquial como forma de aproximação leitor –obra. Vejamos o trecho a seguir:

O diretor do sanatório, Dr. Aires, psiquiatra magro, quarenta anos, alto, tem uma *bigodeira* vasta, na moda. Fala-se que, de tanto lidar com malucos, acabou meio *zureta*, *matusquela*, *tantã*, *lelé*, *pirado*, *pancada*, *pinel*, com seu *cacoete* de estalar os dedos como se chamasse cães invisíveis. (ANTÔNIO, 1976, p.129, grifo nosso).

Observa-se que as palavras em destaque não pertencem ao uso formal da língua. Entretanto, constituem-se como elementos comunicativos, pois pertencem à um campo discursivo de circulação que permite inferências. Koch e Elias (2017), em sua teoria dos operadores argumentativos, salientam que a opção por palavras tem seu objetivo definido previamente. Neste caso, percebemos a qualificação por definição do Dr. Aires, sou seja, diversos adjetivos usuais do campo informal para demonstrar a insanidade do personagem.

Um outro conceito interessante que podemos nos subsidiar para compreender a estética da oralidade na prosa é o de performance que ela causa na estética da recepção do texto literário. Nesta perspectiva, temos em Zumthor (1997), o estudioso postula que as escolhas textuais que representam o mundo ou relaciona-se com o cotidiano real, corrobora para a perpetuação de uma tradição. Dessa forma, o índice maior ou menor de oralidade no texto escrito está ligado ao nível performático que o escritor idealiza que o leitor assuma sobre a obra.

Trazendo essa teoria para comprovação prática em nosso objeto de estudo: “O Diretor do sanatório, Dr. Aires, psiquiatra magro, quarenta anos, alto, tem uma *bigodeira* vasta, na moda. Fala-se que, de tanto lidar com os *malucos*, acabou meio *zureta*” (ANTÔNIO, 1976, p.128). Nota-se que a performance, neste caso, está intrinsecamente ligada à pretensão de causar risos. O humor é, portanto, a performance esperada pelo autor e, para isso, utiliza-se das marcações demonstradas.

Considerações finais

Após a análise referenciada, percebem-se as possíveis contribuições que a linguística, sobretudo a textual, pode, relevantemente, proporcionar para desvendarmos os sentidos implícitos ao texto literário. Quando pensamos em estética literária, em nosso caso, a oralidade a dualidade entre a escrita e a fala, nos textos de João Antônio assume a função de produzir uma estética de recepção.

Ao nos debruçarmos sobre os estudos referenciados, percebemos que o conceito de performance também se dá por meio dos efeitos de sentido que essas marcas proporcionam ao leitor e, conseqüentemente, na recepção da obra, gerando uma (re)significação de sentimentos que aproxima o leitor à obra.

Compreendemos, também, a presença da oralidade como manifestação de verossimilhança em João Antônio. O uso das palavras vindas da fala, como as demonstradas nos trechos, representaria um grau de poética presente na prosa. Com isso, foi possível demonstrar sua função dentro do campo da estética do texto literário.

Por meio da análise das obras mencionadas, parece ainda mais claro que a relação entre língua falada e língua escrita, principalmente se examinada sob o ponto de vista da Estilística dialógica, afigura-se cada vez mais estreita, evidenciando que a escolha de um determinado nível em detrimento do outro encontra-se ligado diretamente à questão das variedades e dos diversos usos da língua, os quais dependem de aspectos como situação e nível sociocultural, dentre outros fatores.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria de Fátima; SILVEIRA, Éderson Luís; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Por um ensino de línguas estilístico: ressonâncias da teoria dialógica do discurso. **Revista Forproll**, V. 3, N. 1, 2019, p. 137-152.
- ANTÔNIO, João. Milagre chué. In: **Contos reunidos**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ANTÔNIO, João. **Casa de loucos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ARISTÓTELES. **Arte poética**. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: editora 34, 2013 [1952-53].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006 [1979].

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

BRAIT, Beth. O conceito de estilo em Bakhtin. In: **Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada. Anais**. PUC-SP, 2003, p. 118-118.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CREASE, Robert P. **The Play of Nature: Experimentation as Performance**. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

DURIGAN, Jesus Antônio. João Antônio: o leão e a estrela. In: ANTÔNIO, João. **Leão-de-chácara**. 7. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

GENETTE, Gérard. **Literatura e Semiologia**. Org. Antônio Sergio Mendonça e Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1972.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística: A expressividade na Língua Portuguesa**. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. Editôra Cultrix, 2000.

SILVA, Cláudia Maria Cantarella. **O narrador em contos de João Antônio: Diálogo, experiência e discurso poético**. Dissertação de Mestrado. UNESP. Araraquara. 2003. Disponível em: http://www2.assis.unesp.br/cedap/acervo_joao_antonio/Mestrado/CLAUDIA%20MARIA%20CANTARELLA%20SILVA.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. 'Discurso na vida discurso na arte (sobre poética sociológica)'. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Freudismo: a marxist critique**. New York: Academic press, 1976. [Tradução para o português de Cristovão Tezza, para uso didático].

WAGNER, Luiz Roberto. **Use o português adequado: aspectos gramaticais e análise de textos**. 3. ed. São Paulo: All Print Editora, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Recebido em: 29/04/2021.

Aprovado em: 15/06/2021.

**“NÃO SOU FREIRA NEM SOU PUTA”: INTERARTES E O EMPODERAMENTO
FEMININO**

**“NÃO SOU FREIRA NEM SOU PUTA”: INTERARTES AND FEMALE
EMPOWERMENT**

Natália Caroline da Silva Dias*

Weslei Chaleghi de Melo**

Wilder Kleber Fernandes de Santana***

RESUMO: Este manuscrito buscou, por meio da análise discursiva, articular o empoderamento feminino em um contexto historicamente machista e patriarcal. Na escrita contemporânea feminina há diversos limites, alguns são: a identidade feminina, o ensejo e a subjetividade. Dessa forma, torna-se necessário um ensino que circunscreva a diversidade e a pluralidade existentes na sociedade. Partindo desse pressuposto, traçamos como objetivo geral: Realizar um estudo descritivo-analítico de alguns caminhos articulados pelo feminismo e seus reflexos em esfera literária. Decorrem daí, o objetivo específico de analisar uma canção de Lee e Duncan por meio de elementos literários levando em consideração aspectos artísticos, sociais e histórico-culturais. Nesse esteio, dá-se destaque à manifestação de um espaço feminino empoderado construído pelo ponto óptico de uma mulher rebelada, ativa e crítica com os parâmetros de seu cronotopo. A pesquisa teve como aporte teórico os estudos de Costa (2002), Pontes (2006), Culler (1997) e Melo (2020), dentre outros. Os resultados apontaram para o fato de que, por meio de discursos retratados na canção Pagu, velhos paradigmas sociais foram confrontados e reinterpretados, corroborando a formação de sujeitos críticos e participativos socialmente.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Canção. Pagu. Empoderamento feminino.

ABSTRACT: This manuscript sought, through discursive analysis, to articulate female empowerment in a historically macho and patriarchal context. In contemporary female writing there are several limits, some of which are: female identity, opportunity and subjectivity. Thus, it is necessary to teach that circumscribes the diversity and plurality existing in society. Based on this assumption, we have as a general objective: To carry out a descriptive-analytical study of some paths articulated by feminism and its reflexes in the literary sphere. Hence, the specific objective of analyzing a song by Lee and

*Graduada em Letras pelo Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR). E-mail: nataliacaroline586@outlook.com

**Doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: weslei@alunos.utfpr.edu.br

***Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling – UFPB). Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional. Especialista em Linguística Aplicada pela Faculdade (Faculdade do Leste Mineiro) e em Gestão da Educação Municipal (Pradime- UFPB). Email: wildersantana92@gmail.com

Duncan through literary elements taking into account artistic, social and historical-cultural aspects. In this support, emphasis is given to the manifestation of an empowered feminine space built by the optic point of a rebellious, active and critical woman with the parameters of her chronotope. The research had as theoretical support the studies of Costa (2002), Pontes (2006), Culler (1997) and Melo (2020), among others. The results pointed to the fact that, through speeches portrayed in the song Pagu, old social paradigms were confronted and reinterpreted, corroborating the formation of critical and socially participative subjects.

KEYWORDS: Literature. Song. Pagu. Female empowerment.

1 Acentos introdutórios

O ensino pautado na quebra de paradigmas sociais, no qual se inclui o empoderamento feminino, deve estar presente nos currículos escolares em práticas pedagógicas que busquem a emancipação do sujeito social, pois, compreendemos a escola como um ambiente propício a isso. Melo (2020) compreende que a didática engajada em assuntos socialmente importantes tem, na arte, uma forma de alcançar a humanização. Essa questão, para além dos estudos feministas – o que já garantiria seu lugar nas pesquisas acadêmicas – dialoga, de certa forma, com os estudos já postulados por Candido (1995) sobre a humanização por meio da Literatura, compreendida como um bem imprescindível que perpassam a mera segregação canônica que valoriza o homem branco, europeu, escritor da elite.

O ensino de literatura prioriza o cânone – obras instituídas por uma tradição literária, que passa por um processo de legitimação como a crítica literária, os exames vestibulares, sua atemporalidade e grau de autoria. Entretanto, poucas vezes a literatura de autoria de feminina chega às mãos dos alunos – sobretudo, no Ensino Médio, escopo desse artigo, etapa a qual os estudos debruçam-se nas listas cobradas para os processos seletivos das universidades. Além disso, há, ainda, a desvalorização da interartes nesse processo, como o diálogo entre poesia e música – artes com grande proximidade, mas dotada de sentidos e características próprias.

O conceito de interartes é entendido por Kristeva (1969) como o diálogo entre diferentes manifestações artísticas, como literatura, cinema, música o pitoresco, dança. Essas manifestações pressupõem o complemento de sentido – o que desloca a um novo conceito: intertextualidade e intermedialidades – Assim, Somoyault (2008) salienta que nenhum texto é autêntico, e sim um constructo com base em experiências

anteriores, formando uma biblioteca interna: construímos novos textos com base em uma memória discursiva.

O título “Não sou freira nem sou puta” faz referência a um primeiro momento, a música “Pagu”, de Rita Lee e Zélia Duncan, lançada no ano 2000. Além disso, a poética presente engaja-se na busca pela construção de uma identidade feminina que quebre os estigmas impostos por uma sociedade patriarcal e machista que pormenoriza o papel social da mulher (SANTANA; MARQUES, 2020), tendo como analogia Patrícia Galvão – ícone brasileiro nas lutas feministas –. A arte, em nosso caso a literária, pode ser compreendida sob dois vieses: os quais justificam a proposta feita pelo título. A primeira, como já postulada, e que neste primeiro momento de discussão mais nos interessa, remete-se à literatura como um ambiente de empoderamento feminino – uma literatura que dê lugar a vozes silenciadas socialmente –. Além dessa esfera, o título será retomado, ao longo desse texto, pela concepção de literatura como fonte estética; dotada de significados que podemos apreciá-los por meio da análise por meio da teoria do poema.

Partindo desse pressuposto, traçamos como objetivo geral: Realizar um estudo descritivo-analítico de alguns caminhos articulados pelo feminismo e seus reflexos em esfera literária. Decorre, daí, o objetivo específico de analisar uma canção de Lee e Duncan, intitulada *Pagu*, por meio de elementos literários levando em consideração aspectos artísticos, sociais e histórico-culturais. Nesse esteio, dá-se destaque à manifestação de um espaço feminino empoderado construído pelo ponto *óptico* de uma mulher rebelada, ativa e crítica com os parâmetros na atualidade. Em um primeiro momento, buscamos construir o *corpus* teórico, inferindo em novas referências que complementem os estudos de Culler (1997), Costa (2002), Pontes (2006) e Melo (2020), dentre outros.

Em termos estruturais a seção 2 *Do patriarcado à desobjetificação da mulher*, promove a contextualização histórica e ideológica de princípios que foram legitimados, desde o auge da Idade Média até o aparecimento de movimentos de resistência. Após isso, no tópico 3 *De mulheres para a humanidade: por uma literatura feminista* seguem discussões sobre a visibilidade de lutas para a inscrição de uma literatura feminista. Na seção 4 *Arte como resistência: análise da canção Pagu, de Lee e Duncan* é analisada uma canção de Lee e Duncan, *Pagu*. Aqui voltamos nossos esforços à interpretação de uma canção “Pagu”, de Lee e Duncan, para verificar nossa hipótese,

de que a canção pode ser um horizonte discursivo para a quebra de estigmas sociais alicerçado em uma cultura patriarcal.

2 Do patriarcado à desobjetificação da mulher

Nessa seção, torna-se imprescindível realizarmos um retorno, mesmo que tímido, ao fato de que no século XXI temos firmado bases contra as últimas amarras do patriarcado, que imperou durante séculos, tendo ápice na Idade Média. Com isso, recorreremos a trabalhos que protagonizam a mulher no sentido de reenunciar uma espécie de engessamento ainda existente e mergulhar nas forças sociais que tendem a desobjetificá-la (SANTANA; MARQUES, 2020).

Posturas acríicas existentes se relacionam de forma marcada ao contexto patriarcal, pois a linguagem abordada neste contexto masculino constrói uma ideologia de desigualdade social de gênero, autenticando as divisões: comportamento sexual reprodutivo, âmbito social do trabalho, política das mulheres na sociedade e cultural.

Para Beauvoir (1949) ser mulher é uma categoria que existe na sociedade assim como ser homem, contudo, esta segunda foi cristalizada como sendo superior à feminina. Assim, o homem é considerado o sujeito, enquanto a mulher um objeto (SANTANA; MARQUES, 2020); trazendo-nos a ideia que o “ser mulher”, enquanto sociedade de fatos é ser inferior, porém não por uma questão de natureza ou de essência, mas por uma construção social, foi se construindo uma existência feminina que as transformassem em seres inferiores. “Ninguém nasce mulher: torna-se” (1949, p.9), afirma Simone de Beauvoir, compreendendo que, para ser mulher, não se deve apenas criar uma essência na existência, mas desenvolver-se histórica e ideologicamente. Não por meio de uma transcendência individual, mas constituindo-se como sujeito mulher, ou seja, não adquirindo sentidos múltiplos durante sua existência.

Afirma Beauvoir, refletindo sobre o estado da mulher nos anos quarenta do século XX, que “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente á mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se separaram para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo” (BEAUVOIR, 1949 p.185). Tal palavra revela que as mulheres não tinham escolha para encontrar seu próprio caminho.

Destaca-se a palavra destino, pois faz referência a instituição a qual a mulher deve se relacionar para ter um posicionamento perante a sociedade. Os valores empregados em suas obras, o papel da mulher tradicional era o matrimônio, maternidade e ser do lar; essas características vêm de um contexto histórico-cultural.

Nesse direcionamento argumentativo, uma abordagem sobre uma literatura de autoria feminina visa que texto, para se tornar feminista, deve ser feito por e para mulheres, cita Duarte (2003). Graças aos estudos Culturais e à abordagem de análise literária com estudos feministas, cria-se uma “nova” visão sobre a imagem das personagens mulheres nos clássicos como *Lucíola* e *Senhora*, de José de Alencar. “Nova”, pois, até então, estas mulheres eram construídas por meio do viés masculino, e apenas autores homens estavam “aptos” a escrever. De acordo com Duarte,

O cânone das grandes obras e autores é visto como um instrumento de repressão e discriminação ao serviço de interesses dominantes, do poder branco e masculino e de uma ideologia de contornos patriarcais, racistas e imperialistas. A menos radical das reivindicações surge, então, sob a forma de revisão e abertura do cânone a textos representativos de saberes, classes e minorias tradicionalmente excluídas, numa espécie de suprimento da representatividade imperfeitamente assegurada pelas instituições políticas (DUARTE, 2009, p. 48).

Para Melo (2020), a concepção de cânone perpassa por pilares legitimadores do que pode ser considerado como alta literatura. Entre esses, encontramos a universidade que, pelos exames vestibulares, impõe obras que consideram importantes e são aplicadas no Ensino Médio. Além disso, a crítica literária tem seu papel, ao colocar determinados autores em pedestais em relação a outros. Ainda, conforme o autor, podemos salientar que, a postura de uma tradição literária também é um dos alicerces do cânone, por exemplo, se separarmos determinado trecho da obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, sem identificação, talvez, ao ler, diríamos que não se trata do que comumente chamamos de literatura, porém, ao dizer que se trata de um trecho com determinado grau de autoria, revelando o nome do autor, imediatamente afirmaríamos que se trata de literatura.

O Cânone sempre pertenceu à classe masculina, porém isso não impedia mulheres de escrever, contudo elas sempre faziam uso de pseudônimos masculinos. Esta teoria sempre foi criticada, porém a partir dos anos 80, começam a surgir vários estudos, abordando o gênero em questão. Coexistência, que boa parte de instituições

universitárias possui uma linha de pesquisa visando à literatura feminina. Afirma Costa, em seu artigo *O sujeito do feminino e o pós-estruturalismo, que*

As teorias de gênero, incluindo suas constantes revisões, contribuíram para que os estudos feministas de crítica da modernidade revelassem que, embora as categorias modernas e valores do Iluminismo tais como direitos, igualdade, liberdade, democracia inicialmente tenham instruído muitos dos movimentos feministas de emancipação, o discurso humanista da teoria moderna, juntamente com suas noções de Sujeito e Identidade intrinsecamente essencialistas, fundacionalistas e universalistas, tenderam a apagar as especificidades (de gênero, de classe, de raça, de etnia e de orientação sexual, etc.) dos diferentes sujeitos que ocupavam outras fronteiras políticas que aquelas do homem branco, heterossexual e detentor de propriedades (COSTA, 2002, p.59)

Fica evidente que a ideia do sujeito está marcada por características que cogitavam universalizar tal particularidade específica do homem branco, possessor de prioridades, heterossexual, tal sujeito torna-se a criar uma classe normativa e opressora. O patriarcado, um dos conceitos que tem por característica a discussão com o tema feminista, se perfaz pelo tradicional psicanalítico, analisando e discriminando o pensamento feminista nas Ciências Sociais no Brasil e o descaso com teorias feministas, de avaliar clássicos teóricos na observância de estudos em relação a homens e mulheres.

Essa negligência impediu que examinasse na medida em que o estudo realizado por autores brasileiros permita a interpretação a caráter social das mulheres, porém da mesma forma, eles não se adequa à interpretação dos homens. Sendo assim, o presente manuscrito tem por objetivo buscar, duas vertentes de ideologia, possibilitando a desenvolver esse intercurso. Em contrapartida, isso, tornava as mulheres e outros grupos invisíveis, ausentes e oprimidos.

3 De mulheres para a humanidade: por uma literatura feminista

No embasar de uma literatura escrita em que se visam mulheres que escrevem como forma de resistência, idealiza-se, na literatura, uma nova imagem da mulher, na subversão ao patriarcalismo e a reescrita de diversas literaturas como os contos de fadas de Angela Carter (1940 - 1992). Ou seja, o Ginocriticismo é uma teoria com o objetivo voltado ao olhar feminino, percepções, desejos e necessidades tem

prioridade e o propósito e remarcar a desigualdade ideológica cultural e nas experiências biográficas, tendo como base os modos de expressão feminina.

Tal vertente da crítica feminista foi denominada ginocrítica, devido a sua preocupação em analisar e interpretar obras escritas por mulheres. Para a pensadora, a ginocrítica oferece muitas oportunidades teóricas, pois “ver os escritos femininos como assunto principal força-nos a fazer a transição súbita para um novo ponto de vantagem conceptual e a redefinir a natureza do problema teórico com o qual nos deparamos” (SHOWALTER, 1994, p. 29).

Jonathan Culler, na obra *Sobre a desconstrução* (1997), discute experiências de leitura, mostrando a diferença de atitude do leitor homem para a leitora mulher diante do mesmo texto, apontando como uma cena significativa para a fantasia masculina, que desperte a cumplicidade dos pares. A depender de como o manuscrito é conduzido, isso pode constituir, para as mulheres, um retrato degradado da situação feminina.

Para a compreensão do empoderamento feminino, faz-se necessário conhecer a revolução da linguagem, é essencial que se falar (como) mulher se transforme em diversos tipos de manifestações semióticas, que vai desde os movimentos artísticos, culturais, educacionais, econômicos e políticos. Para solidificação dessa escritura, apoiamo-nos, em parte, no senso crítico construtivista, no que visa reconstruir o ser mulher na sociedade contemporânea, por meio da poesia escrita e cantada. Em uma visão contextual histórica é preciso considerar conceitos na escrita.

O termo *écriture féminine* foi escrito por Hélène Cixous (1975), convocando as mulheres a se desprendessem da mentalidade masculina, para entrar em contato com sua identidade feminina ligada, de forma intensiva, à dominação sexual e erótica do seu corpo. Com essa ideologia, Cixous (1975) tenciona que toda mulher possa falar sobre a sexualidade, de maneira que contribua para o empoderamento de outras, possibilitando a ideia de que as demais mulheres possam manifestar sua sexualidade. Apesar de ainda haver elementos sólidos na identidade sexual, observa-se que, em cada momento histórico, houve sentimentos de liberdade para ser conquistado. Por esse ponto de vista, mulheres retomaram a responsabilidade de agir criticamente e lutar por seus direitos, em gestos de manifestação para conscientização de que seu papel na sociedade deveria ter sido maior do que este que era empregado no império machista e patriarcal. Na perspectiva de Barongeneo (2009),

Referindo-se a teoria poética, música e poema, temos vários aspectos que norteiam o estudo da música, outro aspecto é levar em consideração o ponto de vista analítico, histórico, cultural, performático e composicional. O primeiro discute aspectos teóricos e metodológicos que podem orientar o estudo da canção. Cláudia Neiva de Matos mapeia a história das relações entre a linguagem poética e a linguagem musical segundo a análise crítica da modernidade. Tomando como referência estudos literários, filosóficos e musicais, entre outros, organiza o pensamento em torno de dois eixos de reflexão: o que premia as analogias intrínsecas entre música e poesia e o que prevê a interação de texto e música no canto (BARONGENEO, 2009, p.148).

A partir do exposto, quando analisamos criticamente os aspectos de um discurso ideológico, não estamos simplesmente identificando apenas registros sociais, mas também esclarecendo as estruturas linguísticas nas quais esses fatos são construídos e mantidos (SANTANA, 2019). Nossa análise sustenta o gênero discursivo canção, que reflete não apenas estrutura, mas uma unidade temática e o estilo. Ao escolhermos os léxicos das canções de Rita Lee, percebemos que o estudo e a disposição da língua por meio da qual se efetua a “categorização da experiência” e a “cognição da realidade”. Existem várias possibilidades de escolha criatividade para a literatura de uma língua oferecida ao leitor, os usos específicos das palavras nos permitem o contato com seus valores, ideologias e sua visão de mundo.

A partir desse ponto de vista, podemos dizer que a história da compositora e o seu fazer poético, que por meio da escolha de seus léxicos, demonstra sua indignação fazendo uso da figura de linguagem semelhante à metáfora para demonstrar qualidades ou ações de elementos. O deboche e a irreverência são marcas essenciais das letras das canções de Lee, pois os léxicos criam uma ruptura com os padrões musicais Bossa Nova, canções que atingem de modo peculiar, um contexto livremente feminino, temas pertinentes como o amor, ao cotidiano, e a sexualidade. O discurso é visto como uma ação, ou seja, um reflexo, com meio da qual suas ideologias sociais e os valores são modificados ou vinculados.

4 Arte como resistência: análise da canção Pagu, de Lee e Duncan

Um traço, na literatura, como elemento social, é a recorrência de temáticas que são valoradas por processos ético e estético (BAKHTIN, 2006 [1979]). Estudos já postulados por autores como Kristeva (1969) e Samoyault (2008) já apontam para o diálogo entre textos e, mais especificamente, em nosso caso, da esfera artística –

interartes –. Esse dialogismo corresponde a possibilidades que versam a quebra de velhos paradigmas impostos socialmente.

Como *corpus* de análise desse estudo num campo semântico, examinamos a figura clássica da música popular brasileira (MPB) - **de Lee e Duncan**. A canção “Pagu” e trata-se de uma construção artística que aborda questões referente ao empoderamento feminino e que se reflete no contexto atual. A análise desta canção convoca a leitura no contexto de desconstrução de estereótipos. Pagu: o desenvolvimento da figura feminina e a desconstrução com os padrões.

PAGU

Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão
Hum! Hum!

Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas à minha cobra
Hum! Hum! Hum! Hum!
Minha força não é bruta
Não sou freira, nem sou puta

Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem

Ratatá! Ratatá! Ratatá!
Taratá! Taratá!
(...)

Não sou atriz, modelo, dançarina
Meu buraco é mais em cima
(...)

Ratatá! Ratatá
Hiii! Ratatá
Taratá! Taratá!

(LEE; DUNCAN, 2000; grifos nossos)

A canção, a partir de perspectiva analítica do poema, é composta por quarenta e dois versos divididos em onze estrofes. Seus versos são brancos, ou seja, não possuem um esquema de rima fixo. O título “Pagu” faz referência a Patrícia Rehder

Galvão (1910-1962), conhecida como Pagu, que se comportava fora dos padrões da época. Comenta Pontes, sobre Patrícia Galvão:

[...] Figura emblemática do feminismo que se organizava na época, símbolo da mulher emancipada e libertária, escritora concretista “avant la lettre”, Patrícia Galvão virou uma espécie de ícone capaz de atender e preencher demandas e conteúdos diversos. Sua fama, amplificada pelos meios de comunicação, pela televisão que a transformou em heroína de mini-série, [...] Partido Comunista na época, um sentido renovado de abnegação de si em prol de uma causa maior, dirigida a dirimir as injustiças de todo o tipo que no entender dos militantes impediam a realização plena da humanidade. Luta de classes e luta política conjugam-se na militância de Pagu com uma obediência estrita e restrita às diretrizes do Partido, conformando uma vivência de gênero no registro da sujeição e do apagamento de si (PONTES, 2006).

Analisando o poema, tornam-se perceptíveis plurissignificações em relação à mulher, valorizando-a e empoderando-a. De forma positiva, atribui-se a ideia de independência, força e poder. Exponham-se os primeiros versos: *Mexo, remexo na inquisição/ Só quem já morreu na fogueira/ Sabe o que é ser carvão/ Hum! Hum!*

As expressões *mexo, remexo na Inquisição* refletem um posicionamento por parte das autoras no sentido de resistir aos atos ditatoriais e de objetificação permeados por uma sociedade que ainda tenta impor uma voz única tendo em vista as raízes da Inquisição (GREEN, 2011; RAMOS, 2017; CALLIMERI, 2018). Sambar consiste no riso que resiste, em práticas de resistência ao sistema opressor oficial, que se tornou hegemonicamente normal, em meio a lideranças governamentais reverenciem e se inspirem no regime ditatorial brasileiro (CALLIMERI, 2018; SILVEIRA; SANTANA, 2019). A expressão artística das autoras encarna, na literatura, um posicionamento axiológico desfavorável a um regime coercitivo-totalitarista.

Desse modo, “O riso, o escárnio e o deboche em fantasias e práticas realizadas em praça pública operavam como uma forma de resistência que dispensava o uso da força física. Isso porque a resistência constitui o funcionamento do poder” (SILVEIRA; SANTANA, 2019, p. 21). Constatou, então, Bakhtin, que apesar das tentativas de resistência pontuadas por Rabelais em um período que abriu espaço para o império da Igreja na Inquisição, “O riso na idade Média estava relegado para fora de todas as esferas oficiais da ideologia e de todas as formas oficiais, rigorosas da vida e do comércio humano” (BAKHTIN, 2010 [1965], p. 63).

Só quem já morreu na fogueira/ Sabe o que é ser carvão/ Hum! Hum! Nesse momento as autoras estabelecem relações de sentido por meio de afronta, pois vale lembrar que as pessoas que não sofreram, ou que não sofrem diariamente ataques de um sistema opressor não podem erguer bandeira em defesa do regime oficial, trata-se de hipocrisia em defesa do sistema opressor, propagados em posturas que revivem a Inquisição (GREEN, 2011; RAMOS, 2017).

Em *Eu sou pau pra toda obra* percebe-se que este verso contradiz o que a sociedade machista atribuía à mulher, em sua condição de inferioridade – não é capaz de praticar trabalhos manuais “pesados” como o manuseio de materiais em obras e outros pois, sempre foi visto com uma atividade feita por homens. Tal pensamento renuncia, de forma refletida e refratada, a confissão de Spinoza (2009 [1677]), de que a exclusão das mulheres da esfera política é a realização de um desejo dos homens. Desse ponto de vista, as autoras se posicionam firmemente, uma vez que, ao assumir “a obrigação única de casar-se, ter filhos e ser cuidadora do lar, a mulher é moldada socialmente como um corpo-instrumento” (SANTANA; SENE, 2021, p. 45), pois “durante muito tempo, o ser feminino serviu de uso para satisfação objeto/sexual masculina” (SANTANA; SENE, 2021, p. 45).

Em continuidade, com a enunciação de *Deus dá asas à minha cobra*, o verso opõe-se ao ditado popular “Deus não dá asas à cobra” expressando a ideia de que, Deus não dá poder nem oportunidades a pessoas “astutas” e “pecaminosas”, uma vez que o réptil, desde a narrativa do Éden bíblico, causa danos com seu veneno (discursivo). Contrária a essa solidez do ditado popular, a voz poética diz ser merecedora e que Deus fornece asas a sua “cobra”, isso em tom de oposição à normatividade do sistema patriarcalista brasileiro. Há, também, uma segunda interpretação, em Genesis, que o animal, símbolo de tentação, remete-se ao Diabo, representando um animal traiçoeiro. Quando o eu lírico – representando uma coletividade de mulheres – recuperam essa voz, vão contra o sistema medieval, que punia aqueles que se opuseram à igreja (GREEN, 2011; RAMOS, 2017).

Em linhas contínuas, o verso *Não sou freira, nem sou puta* atesta o estado de liberdade da mulher – não deve ser vinculada a nenhuma das extremidades, nem no nível do sagrado nem tampouco do profano. Há uma desobrigatoriedade de estar vinculada a papéis socialmente e hegemonicamente estabelecidos, ou a determinadas práticas que estão ligadas ao lugar de verdadeiro – o autorizado ou o

deslegitimado. Tal posicionamento enunciativo assumido pelas autoras criadoras reacentua vozes ativas sobre a mulher e as condiciona ao lugar crítico de história social e cultural das ciências (JORDANOVA, 1993). Também há versos que proporcionam a negação de estereótipos femininos na frase “não sou freira nem sou puta” existe um campo semântico de negação ao estereótipo extremo, quanto à imagem da mulher à freira ou à puta, que simboliza o tradicional que se considera ou não, a imagem intensamente sexualidade da figura mulher.

Nem toda feiticeira é corcunda – neste momento, temos a construção de sentidos que se contrapõem ao imaginário edificado pela Igreja medieval, de que as feiticeiras seriam feias, corcundas (GREEN, 2011), e que na contemporaneidade brasileira repercutem na visão de grande parte das pessoas. Em aspectos históricos, a construção do feio ou da feiura pode ser constatada por registros de Eco (2007), na obra *História da Feiura*. A voz das autoras se sustenta ao negar – nem toda feiticeira é corcunda, conforme a tentativa de cristalização advindas do propósito hegemônico eclesiástico medieval.

Em *Nem toda brasileira é bunda* retoma à figura objetificada – vendida internacionalmente como representação do biótipo das mulheres brasileiras – como um corpo fonte de desejos sexuais. Essa ideia é reforçada no seguinte: Meu peito não é de silicone. Aqui se percebem relações dialógicas de negação e de recusa a um preceito normatizado sobre a mulher como objeto (SANTANA; MARQUES, 2020). Ainda nessa linha de compreensão, seguem os versos *Sou mais macho que muito homem/ Não sou atriz, modelo, dançarina / Meu buraco é mais em cima*, em que torna-se perceptível a potencialização da figura feminina – deslocando de uma posição de inferioridade. Essa circunscrição histórica enforma que as mulheres também se posicionam para além de um corpo e instrumento de prazer (SANTANA; SENE, 2021). Tal percepção nos remonta a uma asserção de Bakhtin, quando afirma que “[...] cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade do campo de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes [...]” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 297, grifos do autor).

Diante de tal ato expositivo, tais valores axiológicos, retratados na canção, são projetados com o objetivo de quebrar paradigmas do ponto de vista patriarcal vigente no período (pós-) ditatorial brasileiro.

Considerações finais

Ao longo do manuscrito foi possível visibilizar a temática do empoderamento feminino. Sabe-se que o diálogo entre diferentes manifestações artísticas pode ser um valioso no processo de humanização – ao qual damos destaque à valorização da figura feminina. Desse modo, verificou-se, ao longo do trabalho, que a canção Pagu constitui-se como produto ideológico e cultural, ao expressar e propiciar reflexões de temas socialmente importantes em torno da mulher como protagonista em um sistema opressor.

Sendo lugar de fala de “vozes silenciadas e marginalizadas” como fonte de luta por direitos iguais e construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Incidimos estudos “sobre os mecanismos discursivos que tornam possível que ideias autoritárias circulem, democraticamente, em uma sociedade que saiu de um governo militar ditatorial e se estabeleceu em um Estado de Direito” (COSTA & SILVEIRA, 2018, p. 15). Além disso, foi possível perceber como elementos históricos são incorporados à arte produzida por mulheres.

Esperamos, em palavras não findas, que esta pesquisa possa provocar sujeitos a se debruçarem sobre estudos que orbitem em torno de estudos sobre identidade, gênero, mulher, e que os conduza a se posicionarem criticamente diante da sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. *Patriarcado, sociedade e patrimonialismo*. Sociedade e Estado, Brasília, v. vol.15, ed. no.2, Jun/Dez. 2000 2000

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação Verbal*. 4ª edição. Trad. Paulo Bezerra. Martins Fontes: 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010 [1965].

BARONGENO, Luciana. A palavra cantada. *Revista IEB*, Campinas, ed. Número 48, p. 147- 152, 2009.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

CALLIMERI, Rino. *A Verdadeira História da Inquisição*. 1ª edição. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASAGRANDE, Sarah Lúcia; ZOLIN, Osana. *A representação da mulher no conto "Colheita"*, de Nélida Piñon: mulher emancipada. *Acta Sci. Human Soc. Sci.*, Maringá, v. 29, ed. Número 1., p. 15-22, 2007.

COSTA, Claudia de leite. *O sujeito no feminismo: revisitando os debates*. *Cadernos Pagu*, n 19, p. 59-90,2002.

COSTA, Leonard Christy Souza; SILVEIRA, Éderson Luís. Efeito Bolsonaro: anatomia do autoritarismo. In: SILVEIRA, Éderson Luís (Org.). *Os efeitos do autoritarismo*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018, p. 15

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil: MULHER, MULHERES. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. vol.17, ed. no.49, Sept./Dec. 2003 2003

DUARTE, João Ferreira. *Cânone*. E-Dicionário de Termos literários de Carlos Ceia, [s. l.], 29 dez. 2009.

ECO, Umberto. *História da Feiura*. 1ª edição. Trad. Eliana Aguiar. Editora Record, 2007.

GREEN, Toby. *Inquisição: O reinado do medo*. Editora Objetiva; 1ª edição, maio de 2011.

JORDANOVA, Ludmilla. Gender and the Historiography of Science. *British Journal of the History of Science*, 1993, n.26, p.469-83.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à Semanálise*. Trad. São Paulo: Debates, 1969.

LEE, Rita; DUNCAN, Zélia. Pagu. Rita Lee e Zélia Duncan. In *Pagu*. Intérpretes: São Paulo: Universal Music, 2000. 1 CD. (50:07 min). Faixa 3.

MELO, Weslei Chaleghi de. *A diversidade e a inclusão social na arte: literatura e cinema em diálogo*. 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2020.

PONTES, Heloisa. *Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo*. Cadernos Pagu, Campinas, v. 29, ed. Número 26, Jan./Junh 2006 2007.

RAMOS, Samuel. *A Inquisição não acabou*. Editora Nossa Cultura: São Paulo, 2017.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. GARCIA, Rafael Marques. Objetificação da mulher na música brasileira: perspectivas discursivas com base nos estudos de gênero. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlii*. V. 9, n. 3, 2020, p. 440-457.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. SENE, Marcus Garcia de. Entre corpo-instrumento e sujeito mulher: relações dialógicas em uma tirinha de quino. *Interfaces*. Vol. 12 n. 1, 2021, p. 39 – 50.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade: memórias da literatura*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SILVEIRA, Éderson Luís. SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Ressonâncias da ditadura no Brasil: (tentativas de) opressão e silenciamento. In: *Ecos (dialógicos) da ditadura no Brasil*. Wilder Kléber Fernandes de Santana Éderson Luís Silveira - organizadores. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. 127p.

SPINOZA. *Tratado político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: M. Fontes, 2009.

Recebido em: 29/04/2021.

Aprovado em: 15/06/2021.

**OS CAMINHOS E O RIO: DOS JOGOS DE LINGUAGENS A OUTRAS
PERSPECTIVAS**

**THE PATHS AND THE RIVER: FROM LANGUAGE GAMES TO OTHER
PERSPECTIVES**

Sirley da Silva Rojas Oliveira*

RESUMO: Este trabalho visa mostrar o jogo de linguagem criado pelo autor Sérgio Medeiros e as inovações contidas em seus caligramas, presentes no livro *Os Caminhos e o Rio*. O livro possui duas seções de poemas sendo que na primeira há dez poemas intitulados Caminhos e um intitulado Rio, já a segunda parte do livro é composta por 32 caligramas coloridos, os quais, segundo o autor, foram feitos após uma viagem à França, inspirados nas obras dos franceses Apollinaire e Mallarmé. Utilizando as visões dos vários jogos de linguagens de Wittgenstein, a poesia experimental de Carlos Reis e as mudanças de regra, métrica e ritmo da poesia moderna de Hugo Friedrich pretende-se fazer a leitura do jogo de linguagem criado na obra de Sérgio Medeiros e da poesia visual com ressignificações que o poeta constrói.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Poesia. Caligramas.

ABSTRACT: This paper aim to show the language game created by the author Sérgio Medeiros and the innovations contained in his calligrams, present in the book *Os Caminhos e o Rio*. The book has two sections of poems and in the first there are ten poems entitled Caminhos and one titled Rio, while the second part of the book is composed of 32 colorful calligrams, which, according to the author, were made after a trip to France, inspired in the works of the French Apollinaire and Mallarmé. Using the views of Wittgenstein's various language games, Carlos Reis' experimental poetry and the changes in rule, metrics and rhythm of Hugo Friedrich's modern poetry, we intend to read the language game created in the work of Sérgio Medeiros and visual poetry with new meanings that the poet builds.

KEYWORDS: language - poetry - calligrams

*Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (2007) e mestrado em Estudos de Linguagens, na área de concentração em teoria literária, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2011). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul ministrando disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas literaturas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Waly Salomão, tropicalismo, canção e poesia. E-mail: sirley.oliveira@ifms.edu.br

Sergio Medeiros é de Bela Vista Mato Grosso do Sul, mas atualmente reside em Santa Catarina, onde atua como docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Medeiros é tradutor, ensaísta e poeta. Em seus poemas traz muito da linguagem e mitologia ameríndia. Além de poemas que trazem descrições que levam o leitor a imaginar cenários, imagens e sons, o poeta cria também caligramas, nos quais utiliza menos escrita e mais imagens, cores e sons. Os personagens que mais aparecem em suas obras, são folhas, galhos, rios, animais, enfim elementos constitutivos da natureza.

No presente trabalho serão observados os jogos de linguagens construídos por Medeiros na primeira parte de seu livro *Os Caminhos e o Rio*, por meio da noção de jogos de linguagem criados pelo filósofo Wittgenstein. Em seguida, na segunda parte do livro, serão analisados alguns dos trinta e dois caligramas coloridos em que o poeta continua mostrando caminhos e rios, mas agora por meio de imagens. Os caligramas de Sérgio Medeiros se diferenciam da poesia visual criada por Apollinaire e, mais à frente, utilizada pelos concretistas brasileiros, por utilizar mais imagens, cores e menos linguagem escrita. Essa segunda análise será feita com base nas teorias sobre poesia experimental e características da lírica moderna de Carlos Reis e Hugo Friedrich.

O filósofo Wittgenstein, autor do *Tractatus Logico – Philosophicus*, alarga o olhar defendido nessa primeira obra abandonando a perspectiva lógica que havia traçado. Nos cadernos que passou a escrever a partir de então afirmou que seu *Tractatus* era insatisfatório, já que considerou suas primeiras reflexões “como incapazes de elucidar todos os problemas da linguagem em virtude de resultarem de uma maneira ‘supersticiosa’ de abordagem” (Wittgenstein, *Investigações filosóficas*, p.13). Para o filósofo a linguagem possui “superstições” que precisam ser desfeitas e é tarefa da filosofia tentar anular os efeitos que a linguagem estabelece sobre o pensamento.

O funcionamento da linguagem acontece de forma prática, o que torna a indagação sobre os significados das palavras irrelevante, já que essa acontece em seus usos. Assim há variadas e múltiplas maneiras de se usar a linguagem, quanto a isso Wittgenstein, em sua segunda reflexão, a chama de “jogos de linguagens, entre os quais poderiam ser citados seus empregos para indagar, consolar, indignar-se, ou descrever.” (Wittgenstein, *Investigações filosóficas*, p.14). Esses jogos são

comparados a ferramentas que um operário necessita para trabalhar como serra e martelo, da mesma maneira as expressões da linguagem não possuem somente uma função “O que se pode dizer que existe são certas semelhanças, ou nas palavras do próprio Wittgenstein, certo ‘ar de família’, certos parentescos que se combinam, se entrecruzam, se permutam.” (Wittgenstein, *Investigações filosóficas*, p.14).

Logo, a linguagem não deve ser definida como uma estrutura única e lógica, já que um uso não carrega o todo da linguagem, a qual acontece por meio de diferentes e múltiplos segmentos, cuja única semelhança é “‘um certo ar de família’, constituindo cada um deles um ‘jogo de linguagens’”. O jogo de linguagens seria definido, portanto, por meio de traços semelhantes e que definem uma série de jogos. É essa linguagem estabelecida por meio de jogos que o poeta Sérgio Medeiros utiliza em seus poemas. Seu livro *Os Caminhos e o Rio* é um bom exemplo de um jogo no qual o leitor é enredado e por meio das semelhanças entre as palavras de cada poema constrói o sentido. Já na capa o autor dá dicas de como compreender os versos e as imagens que estão presentes no livro.

Já no início do livro, Medeiros deixa a dica para o leitor, na orelha do livro aparece a informação de que no livro a escrita real é imaginária de que “O traço sancionado e o traço fantasioso se misturam e fluem juntos” (MEDEIROS, 2019). Logo os poemas são feitos de muitos poemas reais e imaginários. O poeta ainda atribui o poema ao “Jardineiro Doudo, cuja obra é atravessada por um ou vários rios: o rio Apa, o rio Sena, etc.” (MEDEIROS, 2019). Em seguida o poeta menciona Apollinaire como um francês imaginário, já que nasceu em Roma e com outro nome e acrescenta que esse sonhava colorir os seus famosos caligramas. Medeiros encerra a fala sobre Apollinaire afirmando que em seu livro “Todos (ou quase todos) os caligramas estão doudamente coloridos.” (MEDEIROS, 2019).

Após essas dicas para o leitor, Sérgio Medeiros apresenta, no sumário, a informação que há dez caminhos e o rio na primeira parte de seu livro e logo em seguida 32 caligramas coloridos. O leitor esperto já começa a compreender o título: *Os caminhos e o Rio*, são dez poemas que tratam de algum caminho e um sobre o rio. Em seguida vem a nota do autor com mais dicas de leitura, na qual Medeiros explica que seus caligramas são uma homenagem a Paris, onde ele releu as obras de Apollinaire e Mallarmé e conheceu, na Biblioteca Nacional, a arte do poeta medieval Raban Maur. O autor encerra sua nota com mais dicas para o leitor compreender o

jogo criado, contando que preencheu as folhas adquiridas em Paris com uma escrita imaginária. Tal escrita teve por estímulo descritos reais e alguns desses estão na primeira parte do livro (os dez caminhos e o rio), que segundo ele “acabaram ficando ilegíveis – num dos poemas essa escrita fantasiosa germina como uma semente e cria raízes profundas, sob o olhar de um ídolo pagão de Paul Gauguin.” (MEDEIROS, 2019). Por fim segue a informação que os descritos reais vêm de cadernetas que estão guardadas em sua casa.

Após essas dicas de leitura para o leitor compreender os poemas e o jogo criado por meio da linguagem começam os poemas. O primeiro dos dez caminhos é *O Caminho Animal*, no qual um caminho de animais é descrito:

- o cachorro distraído que trotava livre na rua de repente ¹
volta voando seguido de perto por um velho veículo trêmulo
- o inseto prateado aguarda em pé na borda de uma
camélia como se ela fosse uma caverna rubra
então salta para trás (MEDEIROS, 2019, p.13).

Esse primeiro poema leva o leitor a imaginar um caminho percorrido por um cachorro e um inseto prateado, imaginando o percurso que esses fazem da perspectiva de cada animal, que geralmente não é levada em consideração, já que o homem tende a observar tudo de acordo com a perspectiva, com o olhar humano. O segundo poema do livro é *O Caminho Celestial*, onde aparece um caminho, no qual o céu é posto em evidência:

- a escada de caracol é levada pela caminhonete veloz
por uma estrada ziguezagueante como um saca – rolhas que
apontasse o afiado bico para o céu azul
- depois que o aviãozinho passa buzinando atrás das
palmeiras imóveis da praia surge no céu cinzento a longa
faixa azul ondeante que ele arrasta (MEDEIROS, 2019, p.14)

O leitor é levado a imaginar uma escada de caracol que ao percorrer um caminho sobre uma caminhonete coloca o céu azul em evidência. Após a imaginação do céu azul como base para o movimento de uma escada que funciona, na construção do poeta, como um saca-rolha é possível imaginar a cena de um avião voando entre as palmeiras e deixando, novamente, o céu em evidência com sua faixa de fumaça.

¹Os poemas foram digitados da forma mais próxima do que está no livro para respeitar a forma dada pelo poeta, por isso saíram das normas da citação com recuo.

O leitor atento consegue entender o jogo de linguagem construído pelo poeta que tem agora como base o céu. O próximo poema é *O Caminho Assombrado*, em que uma cena que remete a um filme de terror pode ser imaginada:

- as folhas caem (ou se jogam) dos galhos como se a brisa quase nula fosse súbita ventania
- depois de rodopiar no ar agitado o saco de plástico gruda numa grade de ferro onde fica parado como uma ave que tivesse feito um pouso aprazível (MEDEIROS, 2019, p.15)

Ao descrever: folhas, ventania, um saco plástico rodando no ar e grudando em uma grade, juntamente com o título *O Caminho Assombrado*, o poeta leva o leitor a um cenário assustador. Isso é acentuado pelo som das palavras grade e grude, a aliteração composta por sons fechados que contribuem para a sensação de um cenário assombrado, como o título do caminho. O próximo poema é *O Caminho Rude*, esse caminho traz uma trajetória rude do mar:

- a grade do jardim é arrancada pelo mar
arrancada e logo colocada por ele no mesmo lugar
em pé
e apenas úmida de sereno
- o mar dá um chute no portão de alumínio
mesmo sem tocá-lo
mesmo sem salpica-lo de espuma (MEDEIROS, 2019, p.16)

O caminho traçado pelo mar é rude como o título, no entanto aqui a escrita imaginária citada pelo autor no início do livro aparece, já que o mar arranca a grade do Jardim e logo a devolve apenas úmida de sereno e depois chuta o portão, mas sem tocá-lo. O poema seguinte é *O Caminho Extravagante*, no qual um percurso de aeronaves e pássaros é descrito de forma bem diferente:

- um pequeno avião preguiçoso mal avança no céu azul
acelera e desacelera caprichosamente
na manhã fria
- depois que o helicóptero passa escuro indo para o sul um bando de pássaros de asas fechadas se lança do oeste como balas sobre o jardim (MEDEIROS, 2019, p.17)

Esse caminho leva a imaginação de um avião, um helicóptero e pássaros voando o céu de forma extravagante, para quem imagina a cena é fora do comum pensar um avião que acelera e desacelera no ar, enquanto um helicóptero passa para o sul e na

outra direção pássaros se lançam como balas, termo esse que pode ter o significado de rápido, sobre o jardim. Um caminho bastante diferente do que se costuma ver de voos sob o céu, talvez por isso o nome extravagante. Em seguida vem *O Caminho Poético*, no qual há uma visão poética das cenas descritas:

- na calma lagoa na tarde parada uma garça verde –
esmeralda parece uma escultura mas é um saco de lixo preso
a um pau enfiado na beira da água
- o menino que ainda chupa bico avança ao meio dia
na direção das ondas usando um par invertidos de sandálias
rosa gigantes
a água se esforça para alcançá-lo deixando a areia
rapidamente empapada diante dela (MEDEIROS, 2019, p.18)

Nesse caminho é perceptível a imaginação do autor que enxerga a escultura de uma garça verde-esmeralda onde há, na verdade, um saco de lixo preso a um pau enfiado na beira da água. Além disso, a ênfase dada aos detalhes do bico e das sandálias rosa gigantes invertidos do menino que se aproxima da água mostram a importância dada às minúcias que geralmente passam despercebidas pela maioria em meio a uma sociedade, cujo o tempo é cada vez mais escasso e acaba, dessa forma, privando as pessoas de olhar os detalhes que podem trazer o diferencial da vida. Somando a isso tudo a percepção de que a água tenta alcançar o menino e não o inverso deixa evidente que o autor coloca, nesse poema, um olhar diferenciado, um olhar poético sobre seu caminho. Em seguida aparece o caminho árduo, no qual há trajetos cansativos para duas pessoas:

- levando redes coloridas nos ombros o vendedor de
pernas finas se afasta como um avestruz pela praia ensolarada
- de touca peruana o homenzinho depõe no chão um
saco de lixo
enorme esfera negra abarrotada de folhas secas (MEDEIROS,
2019, p.19)

É possível perceber que esse poema descreve um caminho cansativo primeiro do vendedor de pernas finas que carrega nos ombros redes coloridas e depois do homenzinho que carrega um saco de lixo cheio de folhas secas. Justifica-se, assim o título caminho árduo. O poema que vem em seguida é *O Caminho Iluminado*, onde é descrito um caminho com luzes

- aconchegada no meio de uma árvore frondosa e escura

a lâmpada está sempre acesa de noite e de dia iluminando a calçada
 - com as asas fechadas dois bem - te -vis como dois peixes
 amarelos passam rente às pequenas palmeiras iluminadas
 e se põem a cantar numa árvore próxima

O poema recebe o título que já ajuda o leitor a compreender o jogo de linguagem criado por Medeiros. Ao ler *O Caminho Iluminado* o leitor já espera o que virá: um caminho com uma lâmpada acesa que mesmo estando em meio a uma árvore frondosa e escura consegue iluminar a calçada. O que talvez o leitor não espere e se surpreenda é com a visão do poeta que descreve dois bem-te-vi voando, comparando-os a peixes, por estarem com as asas fechadas. Aqui a visão imaginária do poeta reaparece. O décimo caminho do livro é *O Caminho Real*, esse é bem surpreendente, já que ao ler a palavra Real o leitor deve esperar algo próximo a realza

- o inseto voa na direção da porta de vidro como uma
 pedra negra redonda
 - escuros pássaros concretos voam baixo contra o sol nuvens
 criam asas que quase prontamente desaparecem na volumosa massa
 branca

Diferente dos outros caminhos que tinham uma relação mais clara do título com o jogo de linguagem estabelecido pelo autor, *O Caminho Real* trata de um inseto que voa na direção de uma porta de vidro, parecendo uma pedra negra. O que há em comum na segunda descrição do poema é a cor dos pássaros que são escuros e voam baixo contra o sol enquanto nuvens criam asas que desaparecem em meio a massa branca. Esse poema pode ser lido como o caminho que mostra a realidade, já que são descritas ações reais, apenas com a comparação dos insetos a pedras negras e a percepção de que as nuvens criam asas como imaginações que diferem do real. O leitor ao ler deve lembrar de algum momento em que já olhou para as nuvens e ficou procurando formas enquanto elas se mexiam. Esse caminho traz, portanto, descrições reais com menos cenários imaginativos, mas comparações mais comuns, como no caso do inseto como uma pedra negra redonda. E encerrando os poemas escritos do livro vem *O Rio doce*, onde há um misto de sons e imagens que remetem a um rio:

- quando o poeta liga de madrugada o chuveiro o som
 de um helicóptero se aproxima da casa e no instante em que
 a água molha o piso uma luz varre os azulejos da parede

- no domingo de manhã sem sol o velho barco amarelo
se afasta rápido sem ruído enquanto outros
escuros
acionam os motores indóceis imóveis na água tremida
(Medeiros, 2019, p. 23)

Ao ler esse poema o leitor imagina os sons descritos: o som do chuveiro, depois de um helicóptero e logo em seguida a cena da água que cai do chuveiro e molha os pisos. Isso tudo ao mesmo tempo lembra um rio e mostra como Medeiros consegue misturar o real com o imaginário como aparece no início do livro “Neste livro a escrita real é imaginária” (Medeiros, 2019). Nessa primeira parte do livro é perceptível um jogo de linguagem criado em cada Caminho e por fim no rio, pelo título de cada poema o leitor consegue a dica para entender o jogo estabelecido e os sentidos criados por meio de uma linguagem carregada de imaginação. Com descrições que levam à cenários cheios de imagens e sons o autor vai deixando seu traçado “O traço sancionado e o traço fantasioso se misturam e fluem juntos” (Medeiros, 2019) e com uma semelhança nos traços que compõem cada poema, Medeiros confirma a percepção de Wittgenstein de que a linguagem funciona na prática, no uso e por meio da familiaridade entre as palavras é possível criar vários “jogos de linguagens.

Utilizando as palavras com seus significados diferentes e os parentescos entre eles o poeta Sérgio Medeiros construiu jogos de linguagens na primeira parte de seu livro *Os Caminhos e o Rio*. Já na segunda parte do livro o autor coloriu 32 caligramas, a escrita agora dá lugar ao visual. A poesia visual teve início com o poeta francês Apollinaire e é bem explicada pelo professor português Carlos Antônio Alves dos Reis. Em sua *Introdução aos Estudos Literários*, Carlos Reis aponta para a questão do ritmo na poesia ter sido “libertado” com a instituição dos versos livres, o que começou a acontecer na segunda metade do século XIX, com a revolução na linguagem poética. O ritmo passou a ser mais adequado à fluidez dos sentidos representados, fugindo não apenas aos métodos convencionais de metrificação, mas também aderindo ao propósito de motivar “o discurso poético de forma imprevisível e inteiramente livre” (REIS, 1999, p.331). Motivação esta que também pode acontecer por meio da elaboração da imagem gráfica do texto.

Foi em meio a essa libertação rítmica, iniciada por poetas simbolistas como Mallarmé, juntamente com o impacto das correntes artísticas de vanguarda, que a poesia experimental foi impulsionada. Porém, desde a antiguidade há tentativas que

apontam para esse rumo, “relacionadas quer com uma concepção lúdica e dessacralizadora da criação poética, quer com a influência do cabalismo e do hermetismo” (REIS, 1999, p.332).

A poesia experimental não utiliza apenas sintagmas e vocábulos apresentados em versos, mas apresenta desenhos e manchas traçados pelos próprios caracteres utilizados em sua composição. Seguindo as novas ideias a poesia experimental abriu espaço para outras culturas, como explica Carlos Reis: “... a poesia experimental dos nossos dias se abre a diversas influências culturais, cruzando-se ainda com outras linguagens e materiais artísticos: as escritas ideográficas, a pintura, a publicidade, a televisão, etc.” (REIS, 1999, p.334). É essa poesia que Sérgio Medeiros faz na segunda parte de *Os Caminhos e o Rio*, Medeiros cita Apollinaire já no início do livro dizendo que o poeta sonhava colorir seus caligramas e que em seu livro eles estarão “doudamente coloridos”. Medeiros coloca em *Os Caminhos e os Rios* Caligramas coloridos que mostram imagens de rio e alguns caminhos:

Figura 1: Caligrama colorido presente em *Os Caminhos e o Rio*

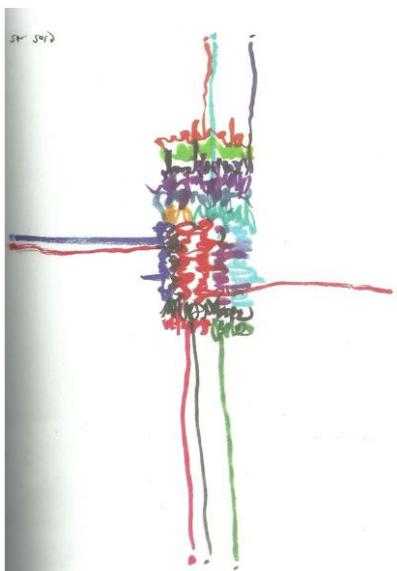


Fonte: MEDEIROS, Sérgio. **Os Caminhos e o Rio**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

Com uma poesia visual que utiliza mais imagens e cores, Medeiros distingue suas obras das poesias experimentais visuais criada por Apollinaire e utilizadas no Brasil, inicialmente pelos concretistas. Já Sérgio Medeiros traz outras perspectivas em suas poesias visuais trazendo mais cor e imagens, em *Os Caminhos e os Rios* várias imagens e formas de rios com caminhos em volta são explorados. Em alguns

caligramas parece que há uma ponte e em volta dela os caminhos que vão para distintos pontos da cidade.

Figura 2: Caligrama colorido presente em *Os Caminhos e o Rio*



Fonte: MEDEIROS, Sérgio. **Os Caminhos e o Rio**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

Já em alguns caligramas parece haver o rio e em volta deste a cidade, que cresceu ao seu redor e até o corta em várias partes:

Figura 3: Caligrama colorido presente em *Os Caminhos e o Rio*



Fonte: MEDEIROS, Sérgio. **Os Caminhos e o Rio**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

Há também aqueles em que o rio aparece de forma mais soberana, com o azul de suas águas evidentes e a civilização chega apenas próxima a ele:

Figura 4: Caligrama colorido presente em *Os Caminhos e o Rio*



Fonte: MEDEIROS, Sérgio. **Os Caminhos e o Rio**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

E por meio de suas imagens Medeiros vai mostrando ao leitor distintas visões do rio, há aqueles em que a cidade foi construída em volta e o rio é cortado por pontes, por ruas e não aparece com sua cor original, talvez já fazendo referência à poluição. Já nesse em que a civilização só chega à margem, o rio mantém sua cor azul e aparece muito mais imponente. Dessa maneira, trazendo em seus 32 caligramas coloridos imagens de rios e seus caminhos, Sérgio Medeiros mantém o jogo de linguagens criado no livro todo e já anunciado ao leitor no título do livro *Os Caminhos e o Rio*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma linguagem que explora vários significados das palavras, Sérgio Medeiros cria jogos de Linguagens na primeira parte de seu livro *Os Caminhos e o Rio*. O leitor astuto perceberá que já no início do livro, no sumário, é possível perceber o jogo criado por meio das palavras e significados contidos em caminhos e rio. Em cada poema também há um jogo e a dica para a descoberta desse está no título, os caminhos e o rio são construídos com traços, que misturam o real e o imaginário, por meio de palavras com certo parentesco, que são muito bem utilizadas por Medeiros para enredar o leitor em seus jogos.

Já na segunda parte do livro, os Trinta e Dois Caligrammas Coloridos são feitos utilizando cor e mais imagens do que a poesia visual de Apollinaire e dos concretistas brasileiros. Sérgio Medeiros cria uma poesia visual mais próxima da pintura e que chama mais atenção para as imagens. Em seus caligramas coloridos o poeta não deixa de fazer referências a caminhos e o rio, em cada caligrama é possível visualizar um rio e alguns caminhos que partem desse.

Referências

CAMPOS, Haroldo de. *Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira*, In: CAMPOS. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 231-255.

CAMPOS, Augusto de. *Viva Vaia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MEDEIROS, Sérgio. *Os Caminhos e o Rio*. São Paulo: Iluminuras, 2019.

REIS, Carlos. Capítulo V – *A poesia lírica*. In: _____. *O conhecimento da literatura. Introdução aos estudos literários*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1999.

WITTIGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

Recebido em: 29/04/2021.

Aprovado em: 15/06/2021.

PARA TER ONDE SE IR: HABITAR POÉTICO E ACONTECIMENTO EM MAX MARTINS

PARA TENER DONDE SI IR: HABITAR POÉTICO Y EVENTO EN MAX MARTINS

Adonai da Silva de Medeiros*

Resumo: Viagem mais do que necessária, *Para ter onde ir* é um livro cuja travessia poética se efetiva como um habitar, de modo que o poeta habita porque há um acontecimento apropriativo que o conduz *para ter onde ir*. Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo interpretar o habitar poético e como ele vem eivado de um acontecimento poético-apropriativo na obra *Para ter onde ir*, de Max Martins (2016). O habitar poético será pensado como a casa onde o ser mora e para onde o poeta se põe a caminho, havendo, assim, a construção de poemas que se referenciam à casa que vigia, isto é, o poema é como um suporte no qual o poeta se reporta ao que aprendeu estando em travessia. Isso se encaminhará e se aprofundará por um acontecimento poético-apropriativo, pois que o poeta, para propriamente apropriar-se do que lhe é próprio e o pertence, conduz sua travessia agindo/pensando, de maneira a se relacionar com o ser ao se assumir como entre-ser (*Dasein*), promovendo uma experiência. Autores como Heidegger (2003a, 2003b, 2008, 2015), Benedito Nunes (1998, 2011, 1992), Manuel Antônio de Castro (2014a, 1982, 2014b), Paes Loureiro (2000) e Octávio Paz (1982), acompanhar-nos-ão neste trabalho. O poético do habitar promove a consumação do que o poeta recebeu para ser acolhido como seu: sua morada.

Palavras-chave: *Para ter onde ir*. Habitar poético. Acontecimento poético-apropriativo. Travessia. Experiência.

Resúmen: Viaje más de lo necesario, *Para ter onde ir* es un libro cuya travesía poética se efectúa como un habitar, de una manera que el poeta habita porque hay un evento apropiante que lo lleva a tener un lugar al que ir. En este sentido, el presente trabajo tiene como objetivo interpretar el habitar poético y cómo está impregnado de un evento poético-apropriante en la obra *Para ter onde ir*, de Max Martins (2016). El habitar poético será pensado como una casa donde vive el ser y donde el poeta emprende su camino, teniendo así la construcción de poemas que remiten a la casa que mira, es decir, el poema es como un soporte en el que el poeta se refiere a lo que aprendió en su travesía. Esto conducirá y profundizará a través de un evento poético-apropriante, ya que el poeta, para apropiarse adecuadamente de lo que es suyo y le pertenece,

*Graduado em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestrando em Estudos literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro integrante do Grupo de Pesquisa Linguagens Artísticas e Estilos Poéticos (LAESP-UEPA), vinculado à linha de pesquisa Literatura, Escrita e Estilo. Membro integrante do Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia (NIK-UFPA). Atuou como monitor bolsista (editais 051/2018 e 071/2019) na área de Estudos literários pelo Programa de Monitoria da UEPA. E-mail: adonai.medeiros18@gmail.com.

conduce su camino obrando/pensando, para relacionarse con el ser asumiéndose como ser-aquí (*Dasein*), promoviendo una experiencia. Autores como Heidegger (2003a, 2003b, 2008, 2015), Benedito Nunes (1998, 2011, 1992), Manuel Antônio de Castro (2014a, 1982, 2014b), Paes Loureiro (2000) e Octávio Paz (1982), nos acompañarán en este trabajo. El poético de el habitar promueve la consumación de lo que el poeta recibió como propiamente suyo: su morada.

Palabras clave: *Para ter onde ir*. Habitar poético. Evento poético-apropiante. Travesía. Experiencia.

1. Primeiras palavras: abertura do humano ao poético

Ir, é não apenas o poema que abre e entreabre o livro de poesia de Max Martins (2016), intitulado *Para ter onde ir*, como é a palavra verbal que inaugura o caminho pelo qual percorreremos ao abrimo-nos e entreabrimo-nos aos chamamentos da obra. O verbo no infinitivo diz de algo que, sendo, não se encontra acabado em um pretérito, ou que ainda não foi alcançado e/ou realizado. Contudo essas descrições gramaticais acerca do verbo são muito mais um “prendimento” acerca do vigor que o *ir* do poeta paraense instaura: um desprendimento. Não à toa nos diz Maria Esther Maciel (2016, p. 13, *grifos da autora*), no prefácio à obra, que “percorrer o livro *Para ter onde ir* (...) requer um exercício de desprendimento”. Percorrer diz de um movimento circular capaz de aprofundar-se durante o curso através do ler o livro, e ler “é o vigor do nomear que faz aparecer o que se estende adiante na luz e pelo qual a presença das coisas presentes se faz ocultar-se como tal” (CASTRO, 1982, p. 101).

O que lemos são as palavras, e estas conferem ser às coisas nomeadas como tais (Cf. HEIDEGGER, 2003). O poeta nomeia para evocar à palavra, buscando trazer para próximo esse evocado. E evocar significa “sempre provocar a vigência e invocar a ausência” (ibid. p. 15-16). O que se mantém aí é uma dialética tensional entre aproximação e distanciação: aproximação distanciadora; distanciação aproximativa. Se há um *desprendimento*, então há uma moção, uma transmutação, uma iniciação, um pôr-se a caminho, em suma: um retirar-se de onde se está fincado (*péras*) para pôr para além e para fora (*ex-*), para o aberto, e isto é *experienciar*.

Esse desprendimento é evocado e provocado desde o título do livro: *Para ter onde ir*. Mas a localidade do *onde* e o locomover-se do *para* não dizem respeito, outra vez, de um *ir* a algo que está postado, mas sim a algo que, junto ao *ir*, permanece e

ao qual se pertence: *ter* o caminho de *ir*. Caminho e caminhante, parafraseando Parmênides, *são um e o mesmo*, assim como ser e pensar. O primeiro poema nos diz:

Ir
Ter onde Isto
é aconselhável diz
o Velho Rei
e ri
 (MARTINS, 2016, p. 23, *grifos do autor*)

Este é poema é a abertura do humano ao poético, de vez que o poético, em seu sentido originário provindo do verbo grego *poien*, “significa agir. Este diz todo passar do não-ser ao ser” (CASTRO, 2014b, p. 200). Passar é movimentar: *ir*. Se passo, tenho para onde ir: *ir/ ter onde*. O onde, como advérbio de lugar, é o humano como lugar de brilho do ser (Cf. CASTRO, 1982), possibilitando ser abertura para o não-ser que em si resguarda. O humano é sendo travessia, o *isto* que constantemente *passa* do ser ao não-ser. O não-ser dimensiona ao ser. O humano é o que é sendo porque abriu-se para o questionar ao pensar. Pensando, ele pode restituir ao que lhe doou possibilidade de abertura, o ser. Se pensa e se questiona porque, manifestando-se, algo se deu a pensar e a se questionar, e isso é agir: “quem age é o ser (...). O homem só age, verdadeiramente, enquanto pensa” (CASTRO, 2014a, p. 17-18). O pensar do poeta é plasmado em sua palavra, pois que a palavra que nomeia “manifesta o que se desvela, o que chega a ser na unidade coligente da nomenclatura” (NUNES, 1992, p. 267), provocando a vigência da morada poética do ser, bem como invoca, intuitivamente, o caminho (o processo de criação) poético que o poeta teve de atravessar, e se atravessa para acontecer poética-apropriativamente.

Estas primeiras palavras (bem como este trabalho) não querem esgotar nada. Mas com ela queremos, além de promover considerações iniciais, realizar e mostrar a passagem para o habitar poético na obra *Para ter onde ir*, de Max Martins (2016). Neste sentido, nossos objetivos é interpretar e pensar, abrindo-nos à questão da obra e com ela restituindo, o habitar poético e como ele conduz a um acontecimento poético-apropriativo. Na primeira seção deste trabalho refletiremos sobre o habitar poético na obra, já com inserções acerca do acontecimento poético-apropriativo, para, na segunda seção, aprofundarmos este habitar em relação ao acontecimento poético-apropriativo

2. A paz do habitar

O poeta habita no que há (*habitar* provém de *havere*) porque foi construído. Diz-nos Heidegger (2002, p. 137) que “construir é fundar e articular espaços”, pois ele recebe, por meio das manifestações, a presença como força de sentido pela qual, junto dela, o poeta erige¹. Que seria essa “presença”? Havendo “presença”, haveria também “ausência”? Anteriormente vimos que o evocar do nomear da palavra provoca “vigência” e invoca “ausência”. Aqui faremos o devido questionamento desses dois planos que o evocar promove. Para tanto, leiamos outra vez o poema:

Ir
Ter onde Isto
é aconselhável diz
o Velho Rei
e ri
 (MARTINS, 2016, p. 23, *grifos do autor*)

De imediato, o que vemos e ouvimos é uma reiteração dos fonemas sugestivos, dentre outras coisas, do caminhar do poeta pela via, como os fricativos /s/ e /v/, e da passagem célere, porém significativa e contundente em sua força de produção, dos mortais sobre essa terra, por meio dos fonemas tepes /r/ e /R/. Por mais célere e breve que seja nossa passagem, e os momentos de esclarecimento e decisão, como o de *ir*, sejam preciosos para a nossa busca, a palavra torna essa procura eterna por meio da contenção (efêmera) do/no poema. É o que nos diz, sobre o poema, Paes Loureiro (2000), isto é, que ele é o suporte material na qual a poesia, enquanto um eterno devir, um *perpetuum mobile* se faz como presença manifestadora de força vigorante. Não que a poesia seja algo “abstrato” e móvel, contraposta à concretude e o caráter do poema. O poema, diz-nos Paz (1982, p. 46), “é criação original e única”, de maneira que suas palavras se reportam não somente para um processo particular de construção e de pensamento, mas também para a própria efetivação da poesia a partir da leitura, e da recriação do poema. A leitura é um processo no qual se busca articular dialeticamente a integração que correlaciona o fundamento da obra e sua forma de manifestação no eixo de uma realidade discursiva-literária², em que seu aspecto

¹Em sua etimologia, “construir” é formado do prefixo latino “com-”, que significa “junto”, e “struere”, que podemos relacionar aos verbos edificar, estruturar, erigir.

²A “realidade discursiva-literária” diz respeito ao tecido que é construído por palavras, estas significando a matéria da qual o poeta se servirá para, por força do imaginar, formar e erigir o poema, de maneira

concreto se “destaca as funções como elementos da construção de um todo dinâmico, onde nada falta, mostrando um sistema solidamente instituído, onde nada é supérfluo” (CASTRO, 1982, p. 112). Concreto é o que “cresce com”. O que cresce com o poema “ir” é o “ter”, ambos no infinitivo, ambos em construção, ambos construindo dizer cuja solidez é o movimento. O “ter” marca o crescer e o expandir do “ir” para o “onde”, a casa, a linguagem, o caminho.

Ocorre que o “ir” também aparece espelhado, cuja diferença marca uma ausência: *ir/ri*. A diferença entre os pares idênticos-opostos (*ir – ri*) está em sua flexão: o primeiro está no infinitivo, demonstrando seu caráter eterno, de manter-se sempre em estado de movimento (e isso é imutável); o segundo está conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, indicando a ação do sábio do reino (“Velho Rei”) após a sua fala; esse *indicar da ação* refere-se não a um acabamento, mas um constante estar a se tornar concreto, ou seja, um contínuo estar a nascer com o *ir* e por isso se torna em seu *ri*. Esses dois fatos dizem-nos: a travessia realiza-se no presente, assim como ela não se limita apenas nesse tempo, mas dá-se ao seu antecessor, continuando de onde ele parou e buscando atravessar a trilha não percorrida, e a seu sucessor, projetando e abrindo novas formas de ir. Para que se tenha onde ir é necessário, antes de tudo, em primeira e última instância, *ir*, atravessar. Caminho e caminhante fazem-se e constroem-se mutua e continuamente.

Neste sentido é que visualizamos a correspondência entre início e fim, de modo que não se tornam excludentes, embora estejam de lados opostos (nas extremidades esquerda, *ir*, e direita, *ri*), mas sim complementares e fundamentais para a compreensão do homem imbuído de e pela linguagem do caminho. O poeta está em pleno e intenso movimento de ir a ser e vir a ser, de vez que tão logo que chega e atinge a esse ponto, ocorre-lhe a necessidade de voltar a pôr-se a caminho, pois habitar propriamente é estar e ser em movimento de ir a habitar³. Habitar vem do verbo latino *habere*, haver. O que há é o caminho e a travessia, sendo o poeta o caminhante que se faz atravessando o caminho.

que o poeta se confrontará com o limite que a realidade, como uma entre várias manifestações do real, possui. Isso encaminha para a *mimesis*, mas esta deve ser pensada radicalmente, isto é, referenciada à poética, ela é um suporte pelo qual o homem reporta-se ao agir do ser.

³Em certo sentido, a “ida” do poeta estabelece-se, em cada passo que dá, como o momento mesmo de chegada ao habitar, pois, pertencendo ao caminho e à viagem, estes ficam sendo, durante a travessia, o modo efetivo de habitar, o que se consolidará quando no poema escrito, enquanto morada, passa a poeticamente habitar, e, com isso, volta a pôr-se a caminho, ou seja, em eterna ida para, justamente, “ter onde ir”.

O poeta transmuta-se em linguagem porque deseja escutar a palavra originária por ela mesma. Desta forma, a sua palavra fica sendo um vínculo intrínseco que o permuta e perdura na eterna procura do instante e do ponto em que se aproximará, propriamente, desse dizer vigoroso.

Ora, diz Paz (1982), que é na participação ativa (terceira e última instância do processo de criação poética) que o poema se consolida como tal. Se o poema não deixa a poesia se dissipar pelo tempo, conforme afirma Paes Loureiro (2000), isso significa que nós leitores também pertencemos à linguagem porque nós nos entregamos ao poema que se revela através do contato com essa força originária e manifestativa. Neste sentido, ao deixarmos-nos “tocar propriamente pela reivindicação da linguagem, a ela nos entregando e com ela nos harmonizando” (HEIDEGGER, 2003, p. 121), estamos favorecendo o acontecer da linguagem por meio de uma leitura (e uma escrita, no caso dos intérpretes) cujo o intuito é desvelar o não-dito tendo por intermédio o próprio conhecimento poético (e do poeta) que se mostra no texto, pois

(...) na obra poética a linguagem é liberada como linguagem⁴ que fala por si mesma, propondo à escuta dos que sabem ouvi-la, no espaço de abertura franqueado pela obra o diálogo com ser, em que o pensamento se encontra desde sempre engajado (NUNES, 1992, p. 262).

Desta maneira, os poemas, enquanto espaços, “abrem-se pelo fato de serem admitidos no habitar do homem” (HEIDEGGER, 2008, p. 136) um encontro entre ele e a linguagem, apresentando-o o/ao caminho para a poesia, e assim constituindo o poético pelo *desejo de duração* nutrido pelo/no poema a partir do momento em que o poeta passa a harmonizar-se com a linguagem. A duração do poético provém não apenas das palavras do poema, mas também porque o poético é a ação originária, daí sua origem *poien* dizer de um *agir*. O homem *faz* escultura, poemas, literatura, mas apenas age verdadeiramente quando pensa (Cf. CASTRO, 2014), quando se abre ao questionar e se torna questão, de maneira que sua obra pensante manifesta o encontro com o ser a partir do acontecimento. O acontecimento é este fenômeno que diz respeito do experienciar (pôr-se para fora, para o aberto, *ex-*, dos seus limites, *péras*, do lugar de onde se está) contato e relação entre homem e ser. O homem acontece quando se assume como o *entre-ser* (*Dasein*, ou *presença*), isto é, como

⁴Como a casa do ser que a tudo resguarda.

aquele que constante e continuamente põe seu próprio ser em questionar ao ser e estar entre as coisas e os seres, de modo que estabelece relação ontológica quando se torna lugar do brilho do ser e espaço de abertura para as possibilidades (Cf. HEIDEGGER, 2015). O pensar esse acontecimento é justamente reportar-se a um pertencimento, ao que há, à casa do ser e na qual o poeta habita: a linguagem.

A linguagem da obra poética sempre remonta para um pensamento particular, demonstrando-nos a maneira peculiar das escolhas linguísticas do poeta. À medida em que nos atentamos para a expressividade do texto literário, estamos inserindo-nos em um espaço permissivo ao habitar, de vez que na “questão dos limites entre ficção e poesia lírica o uso da linguagem nos ofereceria um mundo que podemos habitar” (NUNES, 2011, p. 142). Habita-se porque se acontece poeticamente. Isso então diz de um apropriar-se do seu modo de ser do homem: travessia, ir, de sempre haver um lugar *para ter onde ir* a ser.

A permutação do vir a ser em ir a ser, satisfaz e extasia o poeta durante a jornada – habitamos de fato quando atravessamos. Eis a essência do habitar no poema, a partir do jogo imagético acerca da correspondência e transmutação entre início e fim (e do início em fim, e vice-versa):

Ir
Ter onde Isto
é aconselhável diz
o Velho Rei
e ri

Como observamos acima, a seta traçada do “ir” e “ri” (primeira e última palavras do poema) atravessa também o verbo possessivo “ter” e o advérbio de lugar “onde”, demonstrando a nossa propriedade⁵ sobre o caminho, e deste sobre nós enquanto habitantes, de modo que o infinitivo manifesta a eterna ida (*ir – ri; ri – ir*) do ser aos lugares a que pertence mais propriamente; apropriamo-nos do que nos é próprio, aquilo sobre o qual somos, *travessia-caminho*; na medula da *seta* (disparada pelo arco do verso), temos o “conselho” do “Velho Rei” (o sábio do reino) sendo apreendido (e gerando aprendizado) em cada instante do presente, desse eterno agora (e a forma

⁵O verbo “ter” com a inicial maiúscula, além de demonstrar uma frase acabada por meio do verbo intransitivo “ir” no primeiro verso, indica e ratifica a força da relação de pertencimento entre o ser e o seu habitar.

do adjetivo no presente ratifica nossa afirmação); e, no terceiro momento, antes da risada natural e inocente do “Velho Rei”, o substantivo é perfurado, sugerindo a entrada do poeta no reino, bem como a escuta atenta do seu conselho: *é aconselhável ter onde ir*.

O pronome demonstrativo “Isto” sugere a harmonia e a necessidade existencial de termos para onde ir, de vez que ele indica e aponta para a primeira pessoa do discurso. O caminho e a travessia já ficam sendo o nosso habitar, o qual será consolidado na permanência da linguagem quando chegarmos ao “isto” que já somos e para o qual estamos, excepcionalmente, indo a ser (o pronome com a inicial maiúscula fortalece a ideia de habitar nesse agora do ato de “ir”).

O pronome demonstrativo também aloca temporalmente o conselho do “Velho Rei”, uma vez que o seu dizer consagra-se no presente, bem como ele, o pronome, marca dois momentos no poema: no primeiro momento (anterior ao pronome), os verbos estão no infinitivo, demonstrando o estado infinito e relativo do ato de atravessar para a habitar, de vez que sempre estamos a caminho de casa; no segundo momento (posterior ao pronome), indica-se, pelos verbos na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, que o conselho proferido pelo “Velho Rei” será projetado como uma experiência de eterna ida, consumando a viagem no próprio ato de ir, fazendo ressoar em nossa memória as palavras que no agora são retomadas – *é aconselhável ter onde ir*.

Não somente harmonização dos opostos, *ir* e *ri* são o que asseguram vigência e invocam ausência por meio do nomear das ações (Cf. HEIDEGGER, 2003b). O habitar vige-se na segurança posta na matéria linguística expressa como o acontecer do momento da morada instalada no poema enquanto lugar, enquanto espaço. O poeta apropria-se desse espaço porque nele acontece poeticamente. Daí então haver no habitar poético um acontecimento poético-apropriativo: habitando porque age em sua estrutura concreta, no poema que cresce junto a quem o pensa, o poeta busca entrar em relação com o que nele brilha e o possibilita tornar-se – ao dele se apropriar, isto é, o ser apropriando-se do entre-ser (Cf. HEIDEGGER, 2003a), havendo então uma dupla apropriação e dois acontecimentos atuando em conjunto –, espaço de abertura, porque seu pensar o faz transcender para o aberto, para o que não há, mas que acontece (lembrando os dizeres da formosa estória “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa), o ser em seu silêncio, que se torna fundo à linguagem.

O poema, enquanto linguagem elevada a sua capacidade expressiva máxima, possibilita, pela abertura, a efetivação desse homem que está indo ao seu ser mais próprio desde o momento em que se harmonizou com a linguagem. A cada elevação, uma nova trilha é aberta, e um novo instante poético é inaugurado, e o ciclo é posto em funcionamento:

A poesia efetua esse retorno sempre renovado. E o poeta é aquele que perfura os mananciais, tomando os vocábulos como palavras dizes. Seu caminho não vai além das palavras; ele caminha entre elas, de uma a outra e escutando-as e fazendo-as falar (NUNES, 1992, p. 267).

O poeta encontra nas palavras da poesia a possibilidade de realizar uma travessia sem a necessidade de mover-se fisicamente. Viajar *entre* as palavras revela, em cada palavra, signo e sentido, um horizonte capaz de fornecer-lhe renovada perspectiva referente ao dito e ao não-dito, ou seja, o poeta (e o leitor) viaja *entre a linha* das palavras do poema justamente porque corresponde-se, imanente e transcendentalmente, com a linguagem, tornando, pois, o momento da travessia sua própria segurança, de vez que o *entre* precisa da durabilidade de uma viagem e a forma firme de sua trilha (HEIDEGGER, 2003, p. 21) fornecidas pelas palavras: “atravessamos espaços de maneira que já os temos sobre nós ao longo de toda travessia, uma vez que sempre nos *de-moramos* a lugares próximos e distantes, junto às coisas” (HEIDEGGER, 2008, p. 136, *grifos nosso*)

O poema é enquanto espaço porque a linguagem e suas palavras nos alocam no mundo do texto, no qual podemos nos *de-morar* e nos encaminhar para o habitar – habitamos porque já possuímos a linguagem, e encaminhamo-nos ao habitar porque queremos propriamente sermos a linguagem que somos e que ainda seremos: “O lar, a casa, de que o *Dasein* é nostálgico onde quer que esteja, não é senão o todo, o mundo, onde já nos encontramos e a caminho do qual vamos” (NUNES, 1998, p. 115, *grifo do autor*).

O acontecimento poético-apropriativo no habitar poético promove, por meio do pensar – o poético em suas duas significações essenciais que mais são complementares do que excludentes (o agir e o labor com a palavra que dá presença manifestativa concreta a esse agir) –, uma restituição ao que doou ao poeta o que pensar e o que poetar:

Solidariedade

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Cornélio Procópio, Volume 15, n.1 (2021) - ISSN 2175-3687

chove
 e a terra intumesce
 (agradece)
 (MARTINS, 2016, p. 37)

Porque pertencente à terra, dela proveniente, o humano (*húmus*) há de ser grato e de restituir quando pensa. Pensar também diz e manifesta uma dialética que articula receber, acolher e devolver: o homem recebe o envio do ser através da sua casa, a linguagem; recebe para acolher e torná-lo próprio em sua pertença; acolhe para devolver, e devolve para restituir o que lhe foi doado, uma obra poética. O título do poema diz: *solidariedade*. A terra se expande (*intumesce*), nunca se esgotando porque é a dimensão mais velada que resguarda sentido, incorpora ao tudo (o que há e é presente) e ao nada (o que não há e é ausente) dando-lhes abrigo e dimensionando-os, porque a ela fora restituído a água que ela evaporou por meio da respiração das árvores, por exemplo.

Da terra ao céu, a água ascende, do céu à terra, a água descende. Ambos, terra e céu, doando e recebendo água em estados diferentes. Ambos os movimentos florescem um mesmo e excepcionalmente diferente caminho, porque algo aconteceu, o poeta se torna a terra provisória (*húmus*), “provisória” tanto no sentido de passageira quanto no sentido de ser aquele que está sempre em movimento, caminhando, de passagem do ser ao não-ser, de poema a poema.

E com essa solidariedade que nos encaminharemos para o aprofundamento do habitar poético no acontecimento poético-apropriativo.

3. Solidariedade: o labor e sua pertença

Começamos falando do leitor para retornarmos ao poema enquanto forma de um habitar poético.

O leitor provoca, no sentido de estabelecer vigência, a constituição da linguagem do poeta, consolidando o poema como o lugar imanente e transcendente da casa erigida poeticamente. As matérias que fundamentam a morada do poeta não são senão as palavras, postas em rotação de signos (lembrando Octávio Paz) e sentidos no seio da linguagem, na qual o poema se encontra sempre imerso e fazendo emergir a eternidade da poesia:

Quer sigas o fogo, quer sigas a água
 sê só do fogo ou só da água
 (pois não há caminho
 e a lei
 é o inesperado)

Ainda oculta (aqui) a tua semente
 está
 (MARTINS, 2016, p. 57)

Que seja a semente senão o estado manifestativo de principiar da árvore? O principiar é a fonte de tudo, a qual fornece possibilidade da árvore ser árvore, da flor ser flor. Que seja a plenitude da semente senão retornar e o recolher-se ao principiar quando sua doação atinge o máximo? A árvore dando frutos, a flor morrendo, o silêncio vigorando, pois. A semente dá possibilidade de caminho, mas quem decide caminhar e como caminhar é o recebedor. O poeta clama ao seu interlocutor para ser criativo para que mantenha ativo a ação de levar à plenitude.

O primeiro hexagrama de *I Ching* (livro tradicional de ensinamento, levado ao sumo por Max Martins para construir seu *Para ter onde ir*), sob os comentários de Wilhelm (2006, p. 29), é intitulado, na edição brasileira, de “O criativo”. Explicita-se nesse hexagrama a força espiritual inerente aos seres e à natureza, de modo que a harmonização entre os opostos mantém a essência da correspondência ativa desses extremos, conectando-os intrinsecamente.

Quando Max Martins diz “sê criativo o dia todo”, nada mais explicita do que as forças atuando e fluindo sobre as ideias (“te empenha”), de maneira a conservá-las como mutuamente complementares, tornando-as mais próprias à medida em que o próprio ser se torna também, por conta da fluência e confluência que é trabalhada, naturalmente mais pleno em sua conduta contemplativa (“o dia todo cauteloso”). Esforçando-se e exercitando-se como “criativo”, Max Martins, convertendo os ensinamentos de *I Ching* em seus conselhos dirigidos aos leitores, aconselha a preservar, perseverar e conservar a continuação do movimento, da transformação natural e inerente ao homem porque a *physis* assim o estimula por meio da natureza, plasmando-se, qual a poesia, na forma de seus atributos essenciais.

Que seja a semente senão o surgir em sua força originária e imperante em seu vigor de força originária? A semente, sendo uma “re-apresentação” material da *physis*, a luz que, surgindo, brilha nas coisas e nos homens, iluminando-os, sendo possível assim um aparecer e um mostrar(-se), como também, a partir desses, nomear, é o

que faz surgir criatividade, já resguardando o seu encobrimento. O fragmento 119 de Heráclito (1991, p. 91) nos diz: “*Physis kryptestai philei* – Surgimento já tende ao encobrimento”. O encobrimento do homem é a terra, da qual provém e da qual voltará. O ensinamento bíblico nos diz: *do pó vieste e ao pó retornarás*. Esse ensinamento, pensando-o originariamente, refere-se ao principiar, no caso do poema, da semente e sua con-sumação na plenificação, o recolher-se ao próprio principiar.

Enquanto esforça-se para ser criativo o dia todo, o poeta, o humano, está, conseqüentemente, mantendo “todos os dias” a preservação de sua natureza de devir, perseverando para ir a caminho de seu equilíbrio (“comum”). A maneira “hesitante”, que pode decorrer de uma vaga impressão causada pelo “malogro”, não atrapalha necessariamente a conduta criativa, mas a favorece, de vez que ela faz o homem atentar-se, cautelosamente, para o “voo” que acontece ao seu redor, fornecendo aprendizado, no sentido de ter realizado uma travessia, uma *ex-periência*, relativo ao processo de criação. Aprender diz-nos: agarrar ao que nos toma (*preendere, prendere*) ao nos lançarmos para o caminho (*ad-*). Heidegger (2003b) diz ainda que aprender é ser *quem viu e entreviu*, porém esse ver não é simplesmente um ver, mas sim um ver-acontecer o surgir da semente quando, pondo-se a caminho, o homem atravessa para entre-ver-acontecer.

O que é “comum” a todos os homens é a manutenção de sua natureza de transmutar-se em outro que não é senão uma forma mais elevada de ser si-mesmo (apropriar-se do que lhe é próprio). Assim é que a segunda estrofe, decorrente de um ato de contemplação ativa, ou de um agir contemplativo, lança mão da imanência “comum” exalada pelo “olor da fêmea”, como a flor que nascerá como último estágio do desenvolvimento da semente quando se firma como raiz.

Ora, a raiz é o órgão que dá base e fundamento a qualquer ser elementar, que se conecta tanto à terra quanto ao céu: estando sob a terra, eleva a seiva até o ápice da árvore, fazendo com que a flor tenha substância para exalar o *olor* comum a todas; estando na terra, a raiz nutre-se das águas que caem dos céus, firmando-se mais inteiramente, fortalecendo a base *comum* da árvore.

A quarta estrofe possui a base conceptual de suas metáforas, referentes à água e ao fogo, em hexagramas de *I Ching*, também relacionados ao *Criativo*. Os hexagramas possuem duas ideias complementares, cujos títulos já as identificam: “O Abismal (água)” (o que se despenca e forma abismos, escuros, o velar, o encobrir,

que resguardam e dimensionam o ver-acontecer) e “O Aderir (fogo)” (o que se estabelece ao passar a ser com o que o apropria e acontece apropriadamente, fazendo o apropriado a propriamente apropriar-se ao se tornar espaço de aderir). A água, de acordo com Wilhelm (2006, p. 103-105) possui a capacidade de ser receptiva, de modo que se adapta a qualquer condição, sem nunca, porém, se desvirtuar e se descaracterizar. Sem perder seu caráter de fluxo ininterrupto e contínuo, a água é receptiva, quer à beira, sendo delimitada espacialmente pelas margens, quer pelo abismo, estando no fundo de um poço. A água, em qualquer condição que esteja, sempre segue o seu caminho e, conseqüentemente, atinge ao seu destino. No que tange ao fogo, este, para realizar-se, deve aderir à matéria, de forma que a consumação da matéria a que adere é a única maneira de ser essencialmente (WILHELM 2006, p. 106-108). As suas chamas ardem para iluminar e clarear a casa do ser.

Neste sentido, Max Martins, à maneira de conselho, dirige sua palavra ao leitor que o escuta, afirmando que, para ser propriamente criativo, e iniciar-se como tal, é necessário ser receptivo à condição e aderir à matéria que o condiciona, de vez que, alcançando o seu ser criativo, há de se ter a consciência que o “inesperado” também faz parte do processo (e os parênteses, demonstrando o acaso e o fortuito do caminho, surgem como uma entrega à não-ação dita pela filosofia taoista).

O inesperado apresenta-nos, em certo sentido, as condições, favoráveis ou não, de seguir o caminho. Ocorre que, excepcionalmente, ele também é o que se espera que aconteça, aquilo que se conserva como comum: o poeta chega a habitar porque a semente está sempre oculta, e a travessia, feito a chuva, fertiliza-a para levá-la à plenitude, ao recolhimento, ao encobrimento. Apenas se pode encobrir o que se revelou através de seu brilho: *ainda oculta (aqui) a tua semente/ está*. Mas o que permanece (*ainda*) oculta não se trata tão somente da semente em sua materialidade, mas também do desvelamento que plantou a semente na terra e a mostrou: *ainda está oculta (aqui) a tua semente*. O poema, como o habitar e o ir a habitar, é circular, cujo começo resguarda, lembrando os dizeres loureirianos em seu romance *Café central*, o fim do fim, e o fim salvaguarda o começo do começo. Em sua circularidade, o acontecimento acontece, porque ele se estabelece quando passado, presente e futuro são um e o mesmo, lembrando Heráclito.

Desta forma, o que vemos é a conservação, na frase, da posição da “semente” nos segundo e penúltimo versos do poema: *oculta (aqui) a tua semente*. O que muda é o estado poético, isto é, o agir em seu surgir de semente: a posição do advérbio de tempo “ainda”, indicando o alcance do ser ao seu projeto, e do verbo de ligação “estar”, formando, em sua última aparição, um único verso, demonstra a capacidade de transmutação do caminho – “pois não há caminho” definido e material, mas sim diversas formas autênticas e originárias de sê-lo com a linguagem, com a *physis*, com o surgir e encobrir.

Esses atos de surgir e encobrir, promovidos pelo principiar da *physis*, desencadeiam uma harmonização dos opostos por meio de uma dialética que se quer inconclusa e dirige ao aberto do questionar. Há um tensionar dialético nesta harmonia. A harmonia permite que o homem perdure sobre essa terra pacificamente pelo fato de que a ficção, eivada pela poesia, abre-nos o mundo virtual e simbólico forjado pelo manejo das palavras pelo intelecto senciente do poeta:

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O espaço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em sua plenitude, mostrasse tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra (HEIDEGGER, 2008, p. 130, *grifos do autor*).

O resguardar-se no habitar poético, bem como o *resguardo do* habitar poético, permite que o homem seja mais propriamente a partir do momento em que se *de-mora* na linguagem e no caminho aberto por ela, no acontecer apropriante, portanto, e por isso dela nunca se desvencilha, pois, sendo o homem “à medida em que habita” (HEIDEGGER, 2008, p. 127), somente pode ser efetiva e plenamente, realizar-se ontologicamente, quando pertence ao habitar, à linguagem e ao poético que se constroem em sua morada por meio da própria linguagem.

A linguagem fornece a possibilidade de o homem habitar sobre essa terra porque sua essência é mostrar e deixar aparecer por meio de sua saga do dizer. O poeta contempla e vislumbra no leitor um destino para a consolidação de seu habitar, o leitor contempla e vislumbra no poeta o início de sua conduta rumo ao habitar, e o poema está *entre* eles, servindo de elo que une os seus caminhos. Assim é que “construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que

somos como aqueles que habitam” (HEIDEGGER, 2008, p. 128, *grifos do autor*), pois nós mesmos, enquanto linguagem, já somos o lugar em que se erigirá o nosso habitar.

Encontramos auxílio um no outro para resguardarem-se em suas respectivas moradas (poéticas) a partir do momento que compartilham o mesmo poder instaurador da linguagem: “a essência do construir é deixar-habitar. A plenitude da essência é o edificar lugares mediante a articulação de seus espaços. *Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir*” (HEIDEGGER, 2008, p. 139, *grifos do autor*). O homem constrói lugares a fim de ter para onde ir e de onde ir, para lembrarmos o título da obra que interpretaremos. Chegamos a habitar porque somos o projeto daqueles que estão a caminho do habitar. Desta forma, “o *habitar* é a experiência da finitude, relativamente ao mundo e, mais do que isso, é a experiência de nossa finitude relativa à nossa linguagem” (NUNES, 2011, p. 157, *grifos do autor*), de maneira que experiência (*ex-periência*), conforme Heidegger (2003), significa fazer travessia com o objetivo de aprender sobre o nosso ser e para descobrirmos nosso modo de ser mais próprio – o poeta, sendo o “experenciador” por excelência, atravessa em sua linguagem porque tem consciência de que sua finitude, por meio da linguagem, torna-se infinita através dos poemas e suas projeções enquanto habitar poético dele e de nós leitores.

O poeta habita poeticamente porque constrói seus poemas, neles elabora seu lugar para ter onde ir e de onde se ir, como veremos ao final desta seção.

É com o poema “To what it works in” que contemplamos a reflexão do poeta em relação ao seu labor e os ensinamentos que daí aprendeu, vazando em versos:

“To what it works in”

A terra toda é o que agora trazes sob a tua roupa embaixo
E aí oculta, persevera, aprende: A arte é a conclusão
Auto-evidente o sangue discorre sob o silêncio

Entrega-te ao que estás criando e segue-o
Seis amantes em fogo lutam por seis amantes em fuga
O saco já está amarrado (e a beleza é dentro)
(MARTINS, 2016, p. 51)

Desde o título do poema visualizamos uma intensa contemplação ativa de Max Martins sobre a sua criação poética⁶, ainda que, para isso, tenhamos de ler as

⁶Literalmente, o título traduzido fica algo como: “para o quê funciona”. Mas o poema como (habitar) poético não se reduz à funcionalidade comunicativa como quis Jakobson sobre a poética. A poeticidade

palavras da língua inglesa sobre uma perspectiva indireta. Para tanto, interpretaremos o título do poema conceitualmente: para que o poema tenha sua funcionalidade ativada, é necessário que trabalhemos em suas partes mais próprias, ou seja, sua expressividade e metáforas trabalhadas poeticamente; para que o poema-ensinamento funcione e trabalhe sobre e a partir de si mesmo, é necessário que nos insiramos, desde a harmonização, nas palavras que dão forma ao poema e à poesia.

Ao trabalhar no poema um diálogo implícito, marcado por meio dos verbos conjugados na segunda pessoa, dirigidos a um tu que o escuta, a fim de ativar no futuro leitor – e por isso o poeta liga-se ao futuro como projeto – um processo de desprendimento de sua inércia, com o intuito de levá-lo ao caminho e a ele pertencer (“entrega-te ao que estás criando e segue-o”), Max Martins eiva seu poema de um ensinamento que representa o caminho em sua mais alta desenvoltura: a terra que o homem planta sua semente está sempre embaixo de sua roupa, ou seja, abaixo do corpo, em sua interioridade imanente e capaz de transcendência, a alma.

Assim é que o poeta aprende: sendo sensiente, apreende o que está na entrelinha (“oculta”) das palavras, suas sementes. As sementes que são plantadas na página, fazendo brotar o sentido plurivalente que substantiva e substancializa o poema (“o sangue discorre sobre o silêncio”), mas que também verbaliza em sua essência, pois que tem na linguagem a fonte e a terra que encobre, a água que nutrirá e fará as sementes germinarem (“persevera”). O *sangue* que *discorre* o faz porque tem no silêncio a fonte de todo cursar através do principiar. Ora, o principiar é que projeta a possibilidade de o rio correr e fluir em seu curso, bem como projeta possibilidade de ele decorrer. O mesmo caminho é atravessado de formas diferentes, porque possibilita vigorosamente ida (*curso*) e vinda (*decurso*), ou seja, estabelece dois (*dis-*) cursos (*currere*).

diz do funcionamento do poema, de fato, entretanto ela não diz do poético pensado enquanto agir e, agindo, fazer surgir. No inglês, como verbo, “work” refere-se ao trabalhar e também ao funcionar, mas como substantivo, ele traz em si a possibilidade de “obra”, e obra tem sempre valor verbal, de movimento que permanece. E o poema como um todo é trabalhado e tem sua funcionalidade ativada por meio do pôr em obra, do operar da *physis* de surgir e encobrir que vem manifesta no primeiro verso: *a terra toda*. Como terra provisória, o humano traz em si a terra nos sapatos, para lembrarmos o quadro de Van Gogh, de modo que os sapatos sujos de terra dizem respeito do labor, do trabalhar, do obrar enfim. Para ter o quê funcionar, o poeta há de obrar no poema, trazendo a imagem-questão da terra como a dimensão velada: *e aí oculta, persevera, aprende: A arte é conclusão*. O concluir não é simplesmente um findar, mas sim é um recolhimento para o silêncio, o que vigora.

O que permanece, e por isso persevera criando e seguindo, é o caminho na/da linguagem, de modo que “a arte” se torna a “conclusão” a partir do momento em que o poeta-leitor se põe a caminho. Quanto a isso, a imagem metafórica do quinto verso é categorial: *seis amantes em fogo lutam por seis amantes em fuga*. A sombra tem sua substância (o “sangue”) criada e projetada pela luz do fogo. Assim, o seu ritmo, o seu modo de ir, é delineado, desencadeado e condicionado pelo movimento do fogo, de modo que, tão logo o fogo se move, a sombra já traça sua “fuga” da luz.

Lutar, neste sentido, surge como uma conduta comportamental para fazer com que o “fogo” e a “fuga” permaneçam sendo um corpo e uma alma, estando sempre em correspondência harmônica, de vez que “o saco”, conservando o elo e a substância que interliga os opostos nas extremidades, mantém em si a essência que não deixa o caminho até a arte perecer e encerrar-se, mas sim permaneça, dentro do saco amarrado, em uma transmutação dos compostos (“e a beleza é dentro”). O “fogo” transcende como luz imanente a partir do momento em que a “fuga” é delineada, bem como a “fuga” liga-se e reporta-se ao “fogo” pela própria luz que é emanada dele, e por isso as “seis amantes em fogo” correspondem-se, cada qual, com as “seis amantes em fuga”.

O poema “A cabana” fecha o ciclo dessa nossa travessia iniciada pelo poema “Ir”⁷, de vez que, após atravessar, o poeta (e nós que o lemos) chega a habitar, resguardando-se na paz de sua casa, fortalecida pelos elementos poéticos recolhidos durante a escuta da saga do dizer ao transformar-se em linguagem, de forma que o acontecimento que ele evidencia diz respeito à relação intrínseca e essencial entre homem e travessia, indicada pelo verbo “ir”:

A cabana

É preciso dizer-lhe que tua casa é segura
 Que há força interior nas vigas do telhado
 E que atravessarás o pântano penetrante e etéreo
 E que tens uma esteira
 E que tua casa não é lugar de ficar
 Mas de ter de onde ir
 (MARTINS, 2016, p. 59)

⁷Para que não soe controverso, o ciclo de fato se fecha, mas não se encerra nunca, pois será entreaberto pelo poema seguinte, denominado “Revide. Este poema tem como mote reinserir o leitor (e o próprio poeta) na travessia realizada, a fim de que faça viver o que não fora vivido, o que faz com que, da antiga viagem, uma nova jornada seja realizada.

À medida em que diz, Max Martins faz com as palavras proferidas confirmam ser às coisas e aos estados a que se referem, pois dizer “Isto” é o ato mais originário de todo grande poeta. Ter o que dizer, e organizar esse dito para que possa expressar-se poeticamente, à maneira de sentir essa propriedade da casa (a segurança), é o que garante a capacidade de habitar poético da morada, pois o poeta mora e caminha nas e entre as palavras, que surgem como uma força de instauração de sentidos e de ponto de impulso para o horizonte que é resguardado para além da casa, no *pântano penetrante e etéreo*.

A força “interior das vigas do telhado” da casa é firmada a partir da repetição do pronome relativo “que”, antecedido do aditivo “e” nos terceiro, quarto e quinto versos do poema, de vez que elas, a força, as vigas e a casa, apenas existem porque a linguagem é o próprio ser do poeta, tornando-se, assim, a morada poética. Desta forma, a segurança de ser e estar nessa casa, a ela pertencendo, provém essencialmente da íntima relação desse poeta com seu habitar poético.

Desta maneira, podemos observar que o poeta conflui junto a sua cabana justamente porque a sua conduta é um eterno viajar para ir a ser, uma vez que o “pântano” que atravessará é já como o quintal de sua casa, aquilo que a cerca, mas não a delimita, pois o ser, pela imanência da casa, transcende poeticamente por meio desse “pântano penetrante e etéreo”. A sua casa, precisa em sua força, move-se à medida em que o poeta caminha, tendo em vista que o habitar mais próprio é aquele que se transmuda enquanto o poeta transmuda-se, para que este possa repousar após a *de-morada* jornada: *e que tens uma esteira*.

O pântano surge, qual a semente, surge como que suporte de manifestação da *physis*, de vez que provoca a vigência de um caminho a ser atravessado pelo poeta e pelo leitor, sempre chamado a atravessar por meio dos verbos conjugados na segunda pessoa.

Evidentemente que repousar tem aqui o sentido de plenitude de uma não-moção. Estando em repouso, o ser atravessa o pântano por meio de sua linguagem e sua imaginação, de vez que ele (re)conhece o terreno. A cada novo repouso, há um renovado habitar: *e que tua casa não é lugar de ficar*.

A casa é segura porque garante a possibilidade do poeta partir. E partir significa: retornar a viajar. Assim, porque “é preciso dizer-lhe que tua casa é segura”, o poeta emite ao leitor que somente o seu dizer garantirá a segurança de sua casa e

a força de suas vigas, de modo que o clítico “Ihe”, em posição de objeto direto, remonta e reporta para o sujeito ouvinte e leitor do discurso/conselho poético, ou seja, para assegurar a segurança de sua residência, deve-se dizer a si mesmo que o objeto (a sua casa) referido em seu dizer é seguro, pois, para onde o homem for, a casa sempre o acompanhará ao estar junto e à frente dele, em eterna espera de resguardo: *Mas [que a casa é lugar] de ter de onde se ir*. A casa do homem é sua língua, que serve de meio de relação para a linguagem/casa do ser. Diz nos Heidegger (2003a) que a linguagem do ente surgirá com a mesma força de instauração e vigor quando se realizar como a linguagem do ser, e, para tanto, ela terá de ser retirada de seu uso comunicativo, de sua funcionalidade, pois, para ser interpretação, para elevar-se a suporte do silêncio. Para tanto, o poeta há de, como Guimarães Rosa, limpar as cinzas que cobrem as palavras e a língua.

A casa surge como lugar de repouso, resguardo e pertencimento justamente porque a sua função é a de fornecer ao ser um lugar para onde possa ir e partir, *ter onde estar e ser*.

Neste sentido, o poema “Revide”, seguinte ao poema “A cabana”, é um recolhimento ao principiar, como uma reinserção (re-) do leitor na travessia de *Para ter onde ir*, a fim de voltar a ver-acontecer (“vide”), uma vez que o impulsiona a pensar a partir da partida, o extremo do poema “Ir”, o qual representa a ida, mas sem, contudo, deixar de a ele se ligar:

Revide

A cada fim
seu recomeço: Um broto
no galho morto
(MARTINS, 2016, p. 61)

Evidentemente que podar o galho morto não significa matá-lo, mas sim trazê-lo de volta à vida a partir de um descendente seu, ou seja, revigorá-lo a fim de deixar o acesso ao “pântano penetrante e etéreo”, conservando a sua imanência e a transcendência ao revitalizar o “galho morto”.

O retorno ao nascimento, quando “Um broto” faz o galho renascer, transmutando o pântano que atravessamos, faz com que a viagem de volta, embora seja a mesma trilha, reinaugure o caminho para a casa originária (e a trilha renova-se em sua repetição). O “Capítulo 4” de *Tao Te Ching* nos diz:

O Caminho é o Vazio
 E seu uso jamais o esgota
 É imensuravelmente profundo e amplo, como a raiz dos dez mil seres
 (LAO-TSÉ, s/d, p. 7)

Vazio é o que dimensiona, é o aberto de onde tudo provém em sua forma e força manifestativa. O Vazio não é esgotável, pois que não há, e por isso é o Caminho que, aparecendo, pode ser possível nomeá-lo. Mas sua nomeação é tão somente uma forma de ser e de aparecer à luz. A luz é o que dá garantia de ver-acontecer, mas este ver-acontecer encaminha o homem, por meio do nascer com (conhecer: *cognoscere*) o que vê-acontecer, a saber deste mesmo *um broto* que é renascência.

A forma indefinida do “broto”, por conta do pronome que o antecede, qualifica a natureza comum do nosso eterno renascimento, de vez que começar uma viagem é recomeçar a atravessar. O que permanece é a atitude natural de ir e vir dos mortais, explicitando um desprendimento que significa um voltar a pôr a caminho. É o que bem nos ensina Lie-Tzu:

Se bem que para nós [*mortais*] esta condensação da forma no estado de aglomeração constitua um começo - do mesmo modo que a sua dispersão um fim - do ponto de vista da dispersão é o vazio e o sereno que constituem o começo e a condensação na forma que formam verdadeiramente um fim. Por isso existe uma alternância contínua em que os constituintes são o momento e o fim, e a verdade subjacente é a de que não existe nenhum começo nem fim, absolutamente (LIE-TZU, 2017, p. 23).

Neste sentido é que podemos compreender inteira e internamente o título do poema, de vez que o “revide” que nele observamos não se trata de uma reação a algo, no seu sentido literal e isolado, mas sim uma reabertura dos poemas que lemos no decorrer da viagem “para ter onde ir”, de modo que o “fim” reporta-se para o “início” da obra: o prefixo “re-“ expressa um retorno, uma retomada, e a palavra “vide” um apontamento para o que lemos e visualizamos do habitar poético de Max Martins.

4. Considerações finais

O objetivo de nosso trabalho era de interpretar como o poema, na obra *Para ter onde ir*, qualifica-se como o habitar poético. Atingimos a esse objetivo à medida em que afirmamos, ao longo de nosso trabalho, direta e indiretamente, que a

linguagem é a casa do ser, de modo que o poeta nela habitando conduz-se ao seu habitar estando sempre resguardado na/pela linguagem que ele é já e se transmuta ao harmonizar-se com ela.

Assim, a linguagem já fica sendo o lugar primeiro e último de seu habitar, pois, iniciando-se no caminho da poesia, o poeta alcança seu destino quando a linguagem apresenta-se, no poema, como a sua morada:

[...] tudo começa e termina na linguagem, o *topos* por excelência do ser, em que se abastece os poetas e os pensadores, e em torno do qual eles convergem no caminho do retorno ao país natal, à residência poética do homem” (NUNES, 1992, p.278, *grifo do autor*)

Neste sentido é que Heidegger (2003, p. 8) afirma que “não queremos, porém, ir a lugar nenhum. Queremos ao menos uma vez chegar no lugar em que nós já estamos”, de vez que, a partir do momento em que o ser harmoniza-se com a linguagem, pertencendo e entregando-se a ela, o poeta insere-se na forma primordial e originária de seu habitar, tornando-o poético quando atravessa para chegar na cabana, o ponto máximo de seu acontecimento poético-apropriativo

A forma de ir do poeta Max Martins, no livro *Para ter onde ir*, manifesta a reincidência da viagem, sempre renovada por meio da poesia e da experientiação do acontecimento que provoca. O ciclo de sua obra, tendo a filosofia taoista como guia, seguindo os ensinamentos do “Velho Rei”, de forma alguma não se encerra, pois os próprios poemas reinventam, a partir de sua linguagem, a viagem (cíclica) que realizamos ao lê-los. O seu habitar poético, portanto, eiva-se justamente do caminho infinito da poesia para se ter de onde se ir.

Referências

CASTRO, Manuel Antônio de. Agir. In: CASTRO, Manuel Antônio de et al. **Convite ao pensar**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2014a. p. 17-18.

_____. **O acontecer poético**: a história literária. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982.

_____. Poética. In: CASTRO, Manuel Antônio de et al. **Convite ao pensar**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2014b. p. 200-201.

HEIDEGGER, Martin. **Aportes a la filosofía**: acerca del evento. Trad. Dina Picotti. Buenos Aires: Biblos: Biblioteca Internacional Heidegger, 2003a.

_____. **A caminho da linguagem.** Tradução Márcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2003b.

_____. Construir, Habitar, Pensar. *In:* _____. **Ensaio e conferências.** 5. ed. Tradução Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fugel; Márcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2008. p. 125-141.

LAO-TSÉ. **Tao Te Ching.** Tradução Wu Jyn Cherng. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000004.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2020.

LIE-TZU. **Tratado do Vazio Perfeito.** Tradução do Chinês para o Inglês Eva Wong. Tradução do Inglês para o Português Amadeu António Tavares Duarte. 2017. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/nxxnne>. Acesso em: 19. Abr. 2020.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. A poesia. *In:* _____. **Obras reunidas – Teatro e Ensaio.** São Paulo: Escrituras, 2000. p. 317-324.

MACIEL, Maria Esther. Uma poética do caminho. *In:* MARTINS, Max. **Para ter onde ir.** Belém: ed.ufpa, 2016. p. 13-20.

MARTINS, Max. **Para ter onde ir.** Belém: Ed.ufpa, 2016.

NUNES, Benedito. Conceitos fundamentais da Metafísica. *In:* _____. **Crivo de papel.** São Paulo: Editora Ática; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Mogi das Cruzes, São Paulo: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998. p. 113-130.

_____. **Hermenêutica e Poesia:** O pensamento poético. 2. reimp. Maria José Campos (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. **Passagem para o poético:** filosofia e poesia em Heidegger. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira.** 2. ed. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

WILHELM, Richards. **I Ching:** o livro das mutações. 23. reimp. Tradução do chinês para o alemão, introdução e comentários Richard Wilhelm. Tradução para o português Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto. São Paulo: Pensamento, 2006.

Recebido em: 29/04/2021.

Aprovado em: 15/06/2021.

CULTIVO DA UVA ITÁLIA (*Vitis vinifera* L) NO PARANÁ

GRAPE CULTIVATION ITALY (*Vitis vinifera* L) IN PARANÁ

Marcelo Luiz Sartori*

RESUMO O presente artigo tem como objetivo avaliar a capacidade do Paraná em produzir uva Itália e consistiu em avaliar parâmetros produtivos, qualitativos e fisiológicos da videira “Itália” (*Vitis vinifera* L.) sob diferentes lâminas de irrigação e diferentes níveis de adubação mineral, acrescidos de compostos orgânicos à base de ácidos húmicos e fúlvicos, bem como avaliar parâmetros químicos do solo. Foram aferidas as leituras dos seguintes parâmetros fisiológicos: fotossíntese, condutância estomática, concentração interna de CO₂, transpiração e temperatura foliar. A partir das coletas de solo, foram avaliados os teores de P, K, pH e carbono orgânico. Com o incremento da irrigação, houve redução da condutância estomática, configurando as irrigações como excessivas. O tratamento apresentou o maior número de cachos e, conseqüentemente, maior produtividade. A adição do produto orgânico não promoveu mudanças na lixiviação do P e do K.

PALAVRAS-CHAVES: Uva; irrigação; substâncias húmicas; lixiviação, temperatura.

ABSTRACT: The objective of this article is to evaluate Paraná's capacity to produce Italy grapes and consisted of evaluating the productive, qualitative and physiological parameters of the “Itália” vine (*Vitis vinifera* L.) under different irrigation depths and different levels of mineral fertilization, added of organic compounds based on humic and fulvic acids, as well as to evaluate chemical parameters of the soil. The readings of the following physiological parameters were measured: photosynthesis, stomatal conductance, internal CO₂ concentration, transpiration and leaf temperature. From the soil collections, the contents of P, K, pH and organic carbon were evaluated. With the increase in irrigation, there was a reduction in stomatal conductance, configuring irrigation as excessive. The treatment showed the highest number of bunches and, consequently, higher productivity. The addition of the organic product did not promote changes in the leaching of P and K.

KEYWORDS: Grape; irrigation; humic substances; leaching, temperature.

*Graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Metodista de Piracicaba (1995) e graduado também em Administração de Empresas e Rural pela Universidade do Estado do Paraná (2002). Atualmente tenho experiência acumulada com mais de 25 anos na área de Engenharia Mecânica, com ênfase em Engenharia de Projetos e em Manutenção Industrial. Sólidos conhecimentos em equipamentos industriais e de grande porte, maximizando o índice de confiabilidade e disponibilidade dos equipamentos e de melhoria contínua; Expertise bastante elevada no gerenciamento de custos e na análise de budget e ativos, com amplos conhecimentos em manutenção de classe mundial; Pessoa de fácil relacionamento, dinâmico e administrador por objetivos; Possui vivência na utilização de técnicas das ferramentas TPM, HACCP, ISO, Kaizen, FMEA, 5W2H, Ishikawa, Lean Manufacturing, GMP, além de domínio em informática, SAP e gestão de indicadores KPIs. E-mail: msartori70@gmail.com

INTRODUÇÃO

A produção mundial de uvas de mesa no ano de 1998 foi de aproximadamente 8,2 milhões de toneladas, sendo a Turquia, Itália, Chile e Estados Unidos os principais produtores. O Brasil produziu 736.470 toneladas de uva, em uma área de 57.749 ha no ano de 1998, sendo os Estados de Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Pernambuco e Bahia os principais produtores (AGRIANUAL, 2000). Além de exportar pouca uva de mesa, o Brasil não produz a quantidade suficiente para atender o seu mercado interno, sendo necessário a importação em alguns períodos do ano. No ano de 1998, o Brasil exportou 4.429 toneladas de uva e importou 41.954 toneladas, provocando um déficit de aproximadamente 46 milhões de dólares em sua balança comercial (AGRIANUAL, 2000).

Durante as últimas décadas a produção vitícola das regiões tradicionalmente produtoras permaneceu praticamente estável. Hoje as regiões tropicais têm experimentado uma grande expansão da área cultivada de uvas de mesa, com especial destaque para o Vale do Rio São Francisco, principalmente o pólo irrigado de Petrolina, e o Noroeste do Estado de São Paulo, notadamente a região da cidade de Jales, além é claro das cidades de São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul, também, no Estado de São Paulo. Nessas regiões, temos o cultivo de diversas variedades de uvas de mesa, em especial a uva Itália. Isto ocorreu em virtude do desenvolvimento da viticultura graças ao grande esforço da pesquisa e do setor produtivo na geração e adaptação de novas técnicas, condição que coloca a viticultura tropical brasileira como uma das mais avançadas tecnologicamente.

A maioria dos problemas que limitam a exportação brasileira de frutas, tais como a uva, está relacionado à classificação, padronização de embalagens e adequação às exigências fitossanitárias impostas pelos países importadores.

Atualmente, o mercado europeu vem dando preferência pela compra de uvas de mesa sem sementes, fazendo com que os produtores do Vale do Rio São Francisco invistam na produção de variedades sem sementes. No Estado de São Paulo, o Instituto Agrônomo desenvolveu uma nova técnica que permite a produção de uvas de mesa da variedade Itália sem sementes. Nesta técnica temos o uso da estreptomicina (antibiótico), que permite a produção da variedade Itália já conhecida pelo consumidor, porém sem o inconveniente das sementes.

1 HISTÓRICO

Acredita-se que a videira tenha surgido na Groelândia (Idade do Bronze) e outras regiões hiperbóreas, pelo fato de se encontrarem aí, fósseis mais antigos de plantas ancestrais das atuais videiras cultivadas. Já a prática da vinicultura iniciou-se no Oriente, espalhando-se com o tempo por todos os Continentes.

A videira vem sendo cultivada desde tempos remotos e parece ser uma das primeiras frutas aproveitadas pelo homem, tendo como centro de origem a região do Mar Cáspio. A videira é uma das plantas frutíferas mais conhecida desde a Antiguidade. Alguns vinhedos chegaram a durar até 150 anos de idade, sendo isto possível a partir do abandono da vida nômade pelas comunidades da época. Sob o ponto de vista mitológico ela é consagrada como símbolo da salubridade e da alegria.

A etimologia de certas denominações utilizadas mostra grande afinidade com línguas semitas, sendo, porém, admitido que os semitas tomaram conhecimento dela pelos hititas e árias. Existem relíquias de civilizações extintas que mostram a existência antiquíssima da videira, tais como sementes da idade do bronze na Suíça e nas tumbas egípcias. Na Bíblia, há referência a Noé e ao plantio da videira.

No Brasil, a videira foi introduzida por Martim Afonso de Sousa, em 1532, na capitania de São Vicente, porém o seu cultivo só tomou impulso em fins do século XIX, com os estudos e fomentos feitos pelo Dr. Luís Pereira Barreto.

A uva Itália é um exemplo do sucesso obtido pelo melhoramento genético da videira. Foi criada por Ângelo Piróvano, na Itália, através de hibridação entre duas castas de *Vitis vinifera*, realizada em 1911 (Bicane X Moscatel de Hamburgo). Trata-se, portanto, de uma cultivar pertencente à espécie *Vitis vinifera*. Inicialmente, foi identificada como Piróvano 65 e mais tarde, em 1927, denominada Itália pelo próprio Piróvano. Adquiriu importância na viticultura para mesa em vários países, como a Itália, Romênia, França, Iugoslávia, Portugal, Venezuela, Brasil e outros. No Brasil, além de denominações de Itália e Piróvano 65, os consumidores usualmente utilizam o nome de Dedo-de-dama. Foi introduzida em território brasileiro na década de 1920, possivelmente pelo paulista Francisco Marengo.

Seu cultivo no país iniciou-se em São Paulo, na década de 50. Posteriormente, expandiu-se por outros estados da federação e, graças a sua qualidade para consumo

in natura e as características de boa adaptação em várias regiões vinícolas, tornou-se a principal uva fina de mesa em cultivo no Brasil. Destacam-se, pelo volume de produção, os estados de São Paulo, Pernambuco e Paraná.

Em São Paulo e no Paraná, adotando-se o sistema convencional de cultivo, característico pelo repouso no período de inverno, a colheita concentra-se no mês de fevereiro. Entretanto, é comum a obtenção de dois ciclos anuais em ambos os Estados, através do emprego de técnicas especiais de cultivo e de uso de estufas. Nesse caso, a uva é colhida principalmente em épocas de entressafra, nos períodos compreendidos de agosto a novembro e de abril a junho. Em Pernambuco e em outras regiões semiáridas do Nordeste, adapta-se a ciclos sucessivos que, programados através da poda e do controle da irrigação, possibilitam colheitas em qualquer dia do ano.

A uva Itália é decorativa, com cachos grandes e vistosos. Os bagos são brancos, grandes, carnosos, com leve e agradável sabor moscatel. Resiste ao transporte e suporta conservação frigorífica por períodos razoáveis. Nos últimos anos, vem sendo exportada com grande sucesso para um enorme número de países de todo o mundo, principalmente para a Europa.

2 BOTÂNICA E FENOLOGIA

Botanicamente, a uva Itália pode ser assim classificada:

- Grupo: Cormófitas – planta com raiz, talo, folha e autotróficas.
- Divisão: Espermatophyta – Planta com flor e semente.
- Subdivisão: Angiospermae – Planta com semente dentro do fruto.
- Classe: Dicotyledonae – Planta com dois cotilédones, que dão origem às primeiras folhas.
- Ordem: Rhamnales – Plantas lenhosas com um só ciclo de estames situados dentro das pétalas.
- Família: Vitaceae – Flor com corola de pétalas soldadas na parte superior e de prefloração valvar, com cálice pouco desenvolvido, gineceu bicarpelar e bilocular com o fruto do tipo baga.

- Gênero: *Vitis* – Flores exclusivamente dióicas nas espécies silvestres e hermafroditas ou unissexuais nas cultivadas.
- Espécie: *Vitis vinifera*.
- Variedade: Itália – Cachos grandes, cilindro-cônicos, compactos; baga de cor branca e grande, elipsóide, com textura firme, agradável sabor moscatel e boa aderência ao pedicelo.

De modo geral podemos dizer que a videira é composta de: sistema radicular (raízes); sistema aéreo (tronco, ramos, folhas, flores, gavinhas, frutos e cachos).

A fenologia visa caracterizar a duração das fases do desenvolvimento da videira em relação ao clima, especialmente às variações estacionais, servindo para interpretar como as diferentes regiões climáticas interagem com a cultura.

A videira apresenta uma sucessão de ciclos vegetativos, alternados por períodos de repouso, podendo ser feita a seguinte subdivisão:

- Crescimento: da brotação ao fim do crescimento;
- Reprodutivo: da floração à maturação da baga;
- Amadurecimento dos tecidos: da paralisação do crescimento à maturação dos ramos;
- Vegetativo: do “choro” à desfolha;
- Repouso: compreendido entre dois ciclos vegetativos;

A duração desses períodos é, geralmente, condicionada pela condição térmica das regiões, tendo a temperatura do ar estreita relação com o início da brotação. O florescimento também é influenciado pela temperatura ambiente, esse estágio é crítico, influenciando o rendimento da cultura, mesmo que o crescimento vegetativo não seja afetado.

3 COLHEITA

3.1 PREVISÃO DE COLHEITA

As condições tropicais favoráveis ao crescimento contínuo das videiras permitem que a época das podas seja regulada pela demanda de mercado, podendo-se obter colheitas escalonadas ou concentradas, bastando-se observar os ciclos fenológicos das cultivares que estão sendo utilizadas para que se possa estabelecer seus períodos de repouso e conseqüentemente verificar o número de colheitas que podem ser realizados, sem esgotar as plantas.

No processo produtivo é importante que seja feita uma previsão da quantidade de uvas a serem colhidas de acordo com a quantidade demandada. Pode-se estimar a produtividade de um vinhedo através de uma série de cálculos simples, sempre relacionados com a condução do vinhedo.

Através da poda, chega-se a um padrão para a área de unidades de produção por planta (UPP) que é calculada pela seguinte fórmula (SALES, M; MELO, B. 2000):

- $UPP = BS \times UP$, onde:
- BS = Braços secundários por planta
- UP = Unidades de produção por braço secundário
- Para o cálculo total de cachos por hectare (CPH), tem-se que:
- $CPH = UPP \times NPF \times pl/ha$, onde:
- UPP = Unidades de produção por planta ou varas por planta
- NBF = Número de brotações férteis
- pl/ha = Plantas por hectare, de acordo com o espaçamento

Para que o cálculo da produtividade da área seja preciso, é necessário que as podas e a condução dos ramos sejam bem executadas e que as plantas estejam equilibradas nutricionalmente, não demonstrando problemas com a fertilidade dos ramos brotados.

3.2 PONTO DE COLHEITA

A uva é uma fruta não-climatérica que apresenta taxa de atividade respiratória relativamente baixa e não amadurece após a colheita. Portanto, somente ao atingir o estágio ótimo de aparência, flavor e textura, é que a colheita pode ser efetuada. A aparência é determinada pela cor da epiderme, característica de cada cultivar. Há a necessidade de se conhecer o limite mínimo de cor de cada variedade e a porcentagem mínima de bagas do cacho que deve apresentar essa coloração na época da colheita.

Vale ressaltar que o processo fisiológico de maturação das uvas se caracteriza pelo incremento do conteúdo de açúcar, diminuição da acidez, acúmulo das antocianinas responsáveis pela coloração da película das uvas rosadas e pretas e a modificação da textura e do aroma típicos de cada cultivar. É muito importante que a colheita seja feita no ponto ideal para o consumo, pois as uvas cessam o processo de maturação após terem sido colhidas, permanecendo inalterados os teores de açúcares e de ácidos. (SALES, M; MELO, B. 2000)

Normalmente, as uvas são colhidas quando o teor de sólidos solúveis atinge nível superior a 15° Brix, uma vez que, sob condições tropicais, as uvas são menos ácidas e apresentam boa palatabilidade, mesmo possuindo um teor de açúcar relativamente menor. O teor de açúcar é determinado através do uso de um aparelho chamado refratômetro.

Pelas normas internacionais de comercialização, o teor mínimo de sólidos solúveis (açúcar) para uvas de mesa é de 14 a 17,5° Brix, dependendo da variedade. A amostra de suco a ser analisada com o refratômetro é composta pelo suco de quatro bagas: uma da parte superior, duas da parte mediana e uma da parte inferior do cacho. A cultivar que não apresentar o nível mínimo de sólidos solúveis deve pelo menos satisfazer a relação sólidos solúveis / acidez de 20:1.

Outro aspecto importante, associado às uvas colhidas para exportação, diz respeito ao tamanho dos bagos, que devem possuir no mínimo 22 milímetros de diâmetro. Quando o vinhedo é bem conduzido em todas as suas etapas de produção, o percentual de uvas com esse diâmetro é alto garantindo um aproveitamento quase total dos cachos para exportação.

3.3 COLHEITA MANUAL

A colheita deve ser feita nas horas mais frescas do dia, evitando-se os períodos com orvalho e os dias chuvosos. A colheita manual é feita usando-se uma tesoura especial. O cacho deve ser cortado com o pedúnculo longo, para evitar a desidratação do engaço. O contato das mãos com as bagas deve ser evitado ao máximo para não remover a sua cera natural (pruína), que lhes dá um aspecto de frescor e as tornam apetecíveis para os consumidores. Para tanto, recomenda-se segurar os cachos pelo pedúnculo. Nesta fase costuma-se fazer a primeira toaleta nos cachos, visando a retirada de restos foliares, bagas com defeitos e gavinhas.

Em seguida, os cachos colhidos são cuidadosamente colocados, em camada única, em contentores próprios para colheita com 10 Kg de capacidade. Estas caixas devem ser revestidas com um forro de poliestileno expandido, ou palha, para evitar a ocorrência de danos mecânicos aos cachos. O transporte das caixas de colheita para o galpão de embalagem deve ser realizado com veículo apropriado, de preferência com amortecedores e em baixa velocidade.

3.4 EMBALAGEM

A colheita deve ser feita nas horas mais frescas do dia, evitando-se os períodos com orvalho e os dias chuvosos. A colheita manual é feita usando-se uma tesoura especial. O cacho deve ser cortado com o pedúnculo longo, para evitar a desidratação do engaço. O contato das mãos com as bagas deve ser evitado ao máximo para não remover a sua cera natural (pruína), que lhes dá um aspecto de frescor e as tornam apetecíveis para os consumidores. Para tanto, recomenda-se segurar os cachos pelo pedúnculo. Nesta fase costuma-se fazer a primeira toaleta nos cachos, visando a retirada de restos foliares, bagas com defeitos e gavinhas.

Em seguida, os cachos colhidos são cuidadosamente colocados, em camada única, em contentores próprios para colheita com 10 Kg de capacidade. Estas caixas devem ser revestidas com um forro de poliestileno expandido, ou palha, para evitar a ocorrência de danos mecânicos aos cachos.

O transporte das caixas de colheita para o galpão de embalagem deve ser realizado com veículo apropriado, de preferência com amortecedores e em baixa velocidade.

4 ARMAZENAMENTO

Para que as uvas possam chegar ao consumidor em ótimas condições de consumo, após terem sido colhidas e embaladas, elas devem ser armazenadas e transportadas sob condições adequadas. No armazenamento, em especial, devem ser tomados alguns cuidados importantes, entre eles o tratamento com anidrido sulfuroso e a refrigeração.

O tratamento com anidrido sulfuroso é feito com o intuito de retardar a ocorrência de podridões por fungos nas uvas. Recomenda-se a fumigação com anidrido sulfuroso pois este apresenta uma ação fungicida que elimina todos os fungos que estão sobre os cachos e também conserva a coloração verde da ráquis por mais tempo.

A aplicação pode ser feita de diferentes maneiras, seja em câmaras de fumigação, pela queima de enxofre ou pela liberação direta do gás comprimido proveniente de botijões, seja mediante a colocação em cada caixa de um papel gerador dessa substância. (SALES, M; MELO, B. 2000).

A refrigeração visa uma melhor e mais prolongada conservação do produto. Para isso, as caixas devem ser colocadas em uma câmara fria para conservar as uvas, em especial no caso delas não serem comercializadas de imediato.

Mesmo tomando todas as precauções possíveis, ainda podem ocorrer problemas durante a fase de armazenamento que venham a depreciar a qualidade das uvas. São três as principais desordens de armazenamento verificadas: o branqueamento, o congelamento e o escurecimento interno da baga.

O branqueamento é uma injúria promovida pela fumigação com o SO₂, que se desenvolve sempre que o gás consegue penetrar a cutícula através de rupturas, lesões ou aberturas naturais próximas ao pedicelo, destruindo pigmentos como clorofilas e antocianinas. O branqueamento é mais evidente nas cultivares roxas ou negras.

O congelamento ocorre quando a uva é armazenada em temperaturas inferiores a -1°C . Quando isso ocorre, as bagas congelam, ficando com aparência encharcada e translúcida e a polpa torna-se marrom, quando exposta ao ar. O escurecimento interno da baga é verificado em condições de armazenamento principalmente naquelas uvas que sofreram estresse acentuado durante o manuseio e transporte e elevadas temperaturas.

5 COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização da uva pode ser distinta de acordo com a variedade produzida, se é para utilização como fruta de mesa, ou se a sua destinação será a produção de vinho. A comercialização das uvas de mesa possui basicamente três sistemas de vendas vigentes. O primeiro deles é a venda realizada no próprio local de produção (sítio etc.), por caixa, à cotação do dia. O segundo é a venda feita em consignação, ou seja, o produtor envia a sua produção a uma empresa que atua na CEASA ou na CEAGESP, por exemplo. Após a venda do produto, é feito o pagamento. A empresa informa ao produtor o valor bruto do produto comercializado e os descontos; estes giram em torno de 5% para o transporte, 1.5% para carga e descarga e 15% para a comissão de venda. A terceira modalidade de vendas é a realizada através de cooperativas. Menos usual é o negócio a preço fixado, isto é, um preço único por unidade, acordado antes da colheita e para toda a safra.

As uvas colhidas no meio da estação apresentam melhor aparência, palatabilidade e condições de transporte, mas os preços estão baixos em virtude da maior oferta. No final da estação de produção os preços se elevam, com vantagens para certas variedades naturalmente tardias ou para a produção de zonas onde a colheita é mais atrasada. Os preços começam muito altos em novembro e caem com as entradas de janeiro.

A exportação de uvas também é uma prática interessante do ponto de vista comercial. Atualmente, as exportações brasileiras são para 17 países, destacando-se pela importância das compras: Canadá, Países Baixos, Reino Unido, Alemanha, Bélgica e EUA, com participação ainda da França, Itália, Suíça, Dinamarca e Noruega. Existem boas perspectivas para esse mercado, desde que o Brasil ofereça uvas finas, bem maduras e de boa apresentação.

Em relação ao mercado interno, a expansão do consumo de uva fresca no Brasil depende muito da melhoria dos meios de transporte e redução de fretes, já que a maior parte da produção é escoada pelas rodovias. Assim, os consumidores das regiões centrais e do nordeste do país, poderiam receber maiores quantidades da fruta. Nesse sentido, uma medida que poderá contribuir para melhorar a comercialização de uvas de mesa é o crédito oficial aos produtores e cooperativas, para aquisição de materiais de embalagem e de veículos para o transporte seguro e eficiente.

Com relação às uvas produzidas para a fabricação de vinhos, desde 1978 o governo federal, através da Comissão de Financiamento da Produção passou a fixar anualmente preços mínimos para as uvas destinadas a fins industriais, a vigorarem nos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Pernambuco, Bahia e São Paulo; tendo em vista dar segurança na comercialização e procurar manter a renda dos produtores.

A garantia de preços mínimos é efetivada indiretamente através de fabricantes de derivados de uva (vinho, suco, vinagre etc.) que são admitidos como mutuários, desde que comprovem que tenham adquirido a matéria-prima de produtores ou de cooperativas e pago à vista integralmente preços não inferiores ao valor mínimo estabelecido pelo governo.

Esses preços são estabelecidos por decreto, são livres de quaisquer deduções inclusive de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e da contribuição ao IAPAS (Instituto de Administração Financeira de Previdência e Assistência Social).

Enquanto o pagamento à vista permite ao produtor se capitalizar e investir em novos plantios, a política de garantia de preços mínimos por outro lado permite às empresas produtoras de vinho obter capital de giro a taxas de juros favorecidas, dando-lhes condições para comercializarem seus produtos com mais tranquilidade e fazer investimentos nos setores de produção e de engarrafamento. Essa atuação é muito importante principalmente no caso das cooperativas e pequenas empresas, possibilitando-lhes concorrer com as grandes vinícolas do setor.

6 CUSTOS DE PRODUÇÃO

A determinação de custos de produção se revela de suma importância na agricultura, não somente como um componente para a análise da rentabilidade da unidade de produção, mas também como parâmetro de tomada de decisão e de capitalização do setor rural.

Em relação à fruticultura da uva, os custos de produção devem ser abordados de duas maneiras: custos anuais de produção (que são variáveis, de acordo com a idade das plantas) e os custos anuais com as safras e suas respectivas despesas.

A seguir, seguem-se os principais itens anuais referentes aos custos de produção, que devem ser cuidadosamente avaliados pelo viticultor, finalizando com os custos e despesas das safras.

Primeiro ano:

- Preparo do solo - Aração e gradeação, combate a erosão, abertura de valetas e incorporação de adubos e calcário
- Adubação básica de formação
- Plantio
- Tratos culturais - Capinas
- Combate às pragas e moléstias - Fungicidas e inseticidas
- Despesas de administração
- Mão-de-obra para a realização das atividades.

Segundo ano:

- Adubação - NPK
- Enxertia - Técnicos e materiais
- Tratos culturais
- Combate às pragas e moléstias
- Colocação das espaldeiras - Mourões, arames etc
- Despesas de administração
- Mão-de-obra para a realização das atividades

Terceiro ano:

- Adubação de produção

- Cobertura com capim
- Complementação da espaldeira - Fios etc
- Tratos culturais - Poda, limpeza, amarração, desbrota e capinas
- Combate às pragas e moléstias
- Seguro
- Despesas de administração
- Mão-de-obra para a realização das atividades

Quarto ano:

- Segunda adubação de produção
- Cobertura com capim
- Substituição de espaldeiras - 10% ao ano
- Tratos culturais - Poda, limpeza, amarração, desbrota e capinas
- Combate às pragas e moléstias
- Seguro - Contra granizo
- Despesas de administração
- Mão-de-obra para a realização das atividades

Safras e suas despesas:

- Colheita e encaixotamento
- Caixa, papel, pregos e montagem das caixas
- Transporte ao mercado
- Comissões
- Leis sociais

6.1 ESTIMATIVA DE CUSTO/RECEITA - 2002

TABELA - CUSTO DE PRODUÇÃO DE 1 HA UVA ITÁLIA

INSUMOS	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	R\$/HA
1.1 Fertilizante 4-14-8	800.00	0.18	144.00
1.2 Fertilizante cobertura uréia	400.00	0.23	92.00
1.3 Adubo orgânico(ton)	8.00	50.00	400.00
1.4 Dormex	4.00	14.00	56.00
1.5 Calcário	1.10	25.00	27.50

1.6 Inseticida - Dipterex	2.00	7.20	14.40
1.7 Fungicida - Ditane	35.00	6.50	227.50
1.8 Fungicida - Sulfato de Cobre	20.00	5.00	100.00
1.9 Fungicida - Bayfidan	2.00	38.20	76.40
1.10 Fungicida - Kumulos	7.00	1.80	12.60
1.11 Cal virgem e hidratado (sc)	20.00	1.70	34.00
1.12 Grampo (cx)	30.00	2.00	60.00
1.13 Fita Plástica(rolo)	400.00	0.20	80.00
1.14 Espalhante	1.00	2.52	2.52
<i>SUBTOTAL 1</i>			<i>1.326,92</i>

OPERAÇÕES	DH/HA	R\$/DH	R\$/HA
2.1 Capina	15.00	6.00	90.00
2.2 Distribuição de maravalha	9.00	6.00	54.00
2.3 Poda e limpeza	31.00	6.00	186.00
2.4 Aplicação de Dormex	9.00	6.00	54.00
2.5 Aplicação de ins/fungicida	21.00	6.00	126.00
2.6 Desbrota / amarrio	38.00	6.00	228.00
2.7 Raleação com pente	30.00	6.00	180.00
2.8 Raleação com tesoura	80.00	6.00	480.00
2.9 Limpeza dos cachos	20.00	6.00	120.00
2.10 Colheita e armazenagem	30.00	6.00	180.00
2.11 Adubação na cova	15.00	6.00	90.00
2.12 Distribuição de cal	1.00	6.00	6.00
<i>SUBTOTAL 2</i>			<i>1.794.00</i>

OUTROS	PERCENTUAL	VALOR	R\$/HA
3.1 Funrural	0.022	13.300.00	292.60
3.2 I.T.R.	ISENTO	ISENTO	
3.3 Benfeitorias (12HA)	0.040	10.034.40	33.45
3.4 Administração (6m/30 ha)	2.000	70.00	70.00
<i>SUBTOTAL</i>			<i>396.05</i>
TOTAL			3516.97

RESULTADO OPERACIONAL / UVA ITÁLIA

VARIAÇÃO NA PRODUÇÃO	BAIXA	PROVÁVEL	ALTA
Produtividade (KG/HA)	10000	14000	18000
Preço (R\$)	0.95	0.95	0.95
Receita Bruta (R\$)	9.500.00	13.300.00	17.100.00
Receita Líquida (R\$)	5983.03	9783.03	13.583.03
Taxa de retorno	2.70	3.78	4.86
Custo por Kg	0.35	0.25	0.20

Na cultura da uva é possível observar que a rentabilidade da uva é muito boa, a uva gera um VPL de R\$ 71.300,00 para um fluxo de caixa de 40 anos, o que faz da uva uma cultura bastante atraente para o produtor. Mesmo assim, notamos que os pequenos produtores não entram de cabeça na atividade, devido ao custo da cultura que é bem elevado, sendo necessário desembolsar R\$ 3.516,17. Logo chega-se à conclusão que dificilmente a uva e outras culturas com a mesma estrutura de custos irão se expandir se não houver um incentivo, na forma de crédito, para os produtores que se encontram descapitalizados. Entretanto não podemos perder de vistas as perspectivas de mercado, se os preços da uva continuarem caindo 8% em média ao ano, e se não surgir novas tecnologias que baixem o custo marginal da produção, em 14 anos a cultura se inviabiliza.

7 PORTA-ENXERTOS

Quando a filoxera começou a dizimar os vinhedos europeus, tornou-se necessário utilizar porta-enxertos resistentes a essa praga do sistema radicular. O fato de os porta-enxertos não apresentarem o mesmo comportamento em todas as situações deu origem às pesquisas no campo do melhoramento genético.

Os aspectos a serem considerados para a avaliação dos porta-enxertos com relação à natureza do solo são:

- resistência à filoxera
- resistência aos nematóides
- adaptação aos solos calcários
- adaptação aos solos ácidos

- adaptação aos solos salinos
- resistência à seca
- adaptação à umidade
- resistência às podridões
- carência de minerais

E com relação a cultivar produtora são avaliados os seguintes aspectos:

- compatibilidade com a enxertia
- vigor

Assim sendo, podemos dividir as variedades de porta-enxertos mais utilizadas nas diferentes regiões vinícolas do Brasil. Na região do Trópico Semi-árido, mais precisamente no Vale do Submédio São Francisco, as variedades mais utilizadas são, Tropical (IAC-313) e a Jales (IAC-572), enquanto que no Estado de São Paulo as variedades mais utilizadas são, Campinas (IAC-766), Tropical (IAC-313), 420-A, Kober 5BB e Ripária do Traviú (106-8 Mgt).

- Tropical (IAC-313): Originário do cruzamento do porta-enxerto Golia com a espécie de videira tropical *Vitis cinerea* realizado por Santos Neto. Tem como principais características: vigoroso, adapta-se bem à diferentes tipos de solos inclusive os que apresentam acidez elevada, suas folhas apresentam resistência a moléstias, seus ramos lignificam tardiamente e dificilmente perdem as folhas, suas estacas apresentam bom índice de pegamento.
- Jales (IAC-572): Originário do cruzamento entre *Vitis caribaea* e *Vitis riparia* X *Vitis rupestris* 101-14 efetuado por Santos Neto e lançado para cultivo em 1970. Tem como principais características: vigoroso, vai bem tanto em solos argilosos quanto em solos arenosos, folhas resistentes às principais moléstias, ótimo enraizamento e pegamento.

- 420-A: Originário do cruzamento entre as espécies *Vitis berlandieri* e *Vitis riparia*, realizado em 1887, na França, por Millardet e De Grasset.
Tem como principais características: vigor médio, boa adaptação aos solos paulistas desde que não sejam excessivamente ácidos, suas estacas brotam tardiamente, mas com bom índice de pegamento, resistência à filoxera, apresenta certa resistência aos nematóides e produz flores masculinas.
- Campinas (IAC-766): Originário do cruzamento entre o porta-enxerto Ripária do Traviú com a espécie de videira tropical *Vitis caribaea* realizado por Santos Neto em 1958.
Tem como principais características: vigoroso, perfeita adaptação às condições ambientais paulistas, suas folhas são bastante resistentes às doenças, seus ramos hibernam melhor que os do porta-enxerto Tropical e suas estacas apresentam bom índice de pegamento.
- Kober 5BB: Originário do cruzamento entre as espécies *Vitis berlandieri* e *Vitis riparia*, realizado por Teleki e selecionado por Kober, na Austrália, no início deste século.
- Tem como principais características: vigor médio, adapta-se à diferentes tipos de solo, desde que não sejam excessivamente ácidos, apresentam resistência à seca, suas folhas apresentam resistência às doenças fúngicas, seus ramos lignificam tardiamente, o mesmo acontecendo em relação à brotação das estacas, mas o índice de pegamento é bom e produz flores femininas, podendo ocorrer frutificação.
- Ripária do Traviú (106-8 Mgt): Trata-se de híbrido entre *Vitis riparia* x (*Vitis rupestris* x *Vitis cordifolia*) 106-8 Mgt, obtido por Millardet e De Grasset, na França, em 1882, introduzindo como *Vitis riparia*, em Jundiaí, conhecido pelo nome de Ripária do Traviú, as vezes simplesmente Traviú.
Tem como principais características: vigor médio, bom desenvolvimento, adapta-se bem à muitos tipos de solos, principalmente os ácidos, suas estacas apresentam ótimo pegamento, mas é suscetível à antracnose,

necessitando tratamentos fitossanitários durante o desenvolvimento vegetativo.

8 CULTIVAR PRODUTORA

A uva Itália é classificada como uma variedade de uva fina para mesa. A espécie *Vitis vinifera* e certos híbridos entre ela e outras espécies, representam o que há de melhor em qualidade de uva: elevadas produções, uvas de finíssimo sabor, aroma agradável e boa textura da polpa. Por outro lado, as variedades de uvas finas são geralmente muito exigentes em tratos culturais, como tipo de condução, poda, desbaste de cachos e um rigoroso controle fitossanitário, sem os quais pouco ou nada se conseguiria produzir, pela elevada suscetibilidade às moléstias fúngicas.

Obtida por Piróvano pelo cruzamento entre Biscane e Moscatel de Hamburgo, a uva Itália é a mais importante variedade de uvas finas no Brasil, tendo sua produção concentrada nos Estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e na região do Vale do São Francisco no nordeste brasileiro.

A planta é muito vigorosa, de ciclo longo (mais ou menos 150 dias no noroeste de São Paulo e mais ou menos 180 dias no sul de São Paulo) com produtividade média de 30t/ha; apresenta pequena resistência às doenças e pragas. Necessita de poda longa (8 a 12 gemas).

Os cachos têm a forma cilíndrico-cônica, grandes (400 a 800g), um tanto alongados e naturalmente muito compactos, necessitando de intenso desbaste. Apresentam boa resistência ao transporte e ao armazenamento, podendo ser conservados em câmaras frigoríficas; bagas grandes (8 a 12g), de cor levemente amarelada quando maduras, ovaladas, com textura trincante e sabor neutro levemente moscatel, quando maduras; para melhor intensidade do sabor, deve ser colhida com pelo menos 16° Brix; a aderência ao pedicelo e a resistência ao rachamento são boas.

9 PROPAGAÇÃO

O processo de propagação da videira pode ser feito tanto pela forma sexuada (através de sementes), como assexuada (por via vegetativa). A propagação através

de sementes é desaconselhável, porque as novas plantas formadas irão apresentar vigor, produtividade e qualidade do fruto inferiores a planta-mãe, além de prolongar o tempo para a formação do novo vinhedo, afetando também a uniformidade das plantas. Isto ocorre, devido a videira ser uma planta alógama, com alto grau de heterozigose, portanto, o uso de sementes se restringe ao melhoramento genético, para a obtenção de novas variedades (Hidalgo, 1993).

A propagação vegetativa é o processo de propagação mais utilizado, porque as novas plantas formadas irão ter as mesmas características genótípicas da planta-mãe, devido às sucessivas divisões mitóticas, ocasionando a formação de um vinhedo uniforme. No processo de propagação vegetativa temos a formação de clones devido a desdiferenciação e totipotência celular dos ramos. A totipotência nada mais é, do que a capacidade que cada célula vegetal possui de, a partir de informações genéticas presentes em sua constituição, formar uma nova planta completa.

Os métodos de propagação vegetativa utilizados na videira são a estaquia, a enxertia, a mergulhia e, em menor escala, a micropropagação. Dentre estes métodos os mais empregados, atualmente, são a estaquia e a enxertia.

A enxertia da videira tornou-se imprescindível após a invasão da filoxera (*Daktulosphaira vitifoliae*), pulgão sugador das raízes, na Europa, proveniente dos Estados Unidos em meados do século XIX. O sistema radicular das variedades de uva da espécie *Vitis vinifera* é extremamente sensível à picada do pulgão causador da filoxera, podendo ocasionar a morte da planta. O uso de porta-enxertos resistentes tornou-se a única forma viável de controle deste parasita.

O processo de enxertia consiste na união de duas partes vegetais (estacas) para formar uma nova planta. Uma parte é o porta-enxerto ou cavalo, que é responsável pela formação do sistema radicular, enquanto que a outra parte é o enxerto, que é responsável por assegurar as funções de fotossíntese, transpiração, respiração e produção da planta.

As plantas destinadas ao fornecimento das estacas devem ser selecionadas quanto ao crescimento vigoroso, alta produtividade, sanidade (livres de doenças e pragas) e os ramos devem ser bem lignificados e formados.

O primeiro passo para a produção de uma muda de videira, consiste na formação do porta-enxerto, que pode ser plantado direto no campo ou em recipientes para ocorrer o enraizamento. Deve ser realizada uma seleção das plantas das

variedades recomendadas para porta-enxerto, considerando-se os aspectos de sanidade, especialmente viroses.

Para plantio do porta-enxerto direto no campo deve-se retirar estacas com comprimento de 0,30 a 0,60m de plantas matrizes, ou com comprimento de 0,20 a 0,30m, caso a estaca seja colocada em sacos plásticos para enraizar. As estacas devem ter um diâmetro aproximado de 7 a 12mm e possuir de duas a três gemas, devendo-se fazer um corte reto na sua parte inferior e imediatamente abaixo de um nó. Na sua porção superior, o corte deve ser efetuado em bisel e em torno de 2 a 3cm da última gema, evitando assim o seu ressecamento.

As estacas assim preparadas podem ser plantadas diretamente no campo, recomendando-se, porém, uma hidratação por 24 horas com a base submersa em água corrente, para favorecer o enraizamento (Albuquerque, 1996). Do contrário, elas podem também ser conservadas em câmara fria, com temperatura de 5°C e umidade relativa em torno de 90%, enquanto aguardam o momento de plantio.

No momento do plantio no campo, as covas que receberão as estacas devem ter sido preparadas com antecedência para evitar a presença de matéria orgânica em fermentação. Deve-se colocar duas estacas por cova, compactar ao máximo a terra ao redor e em seguida, fazer uma boa irrigação. A última gema do porta-enxerto deve ficar acima do nível do solo e ser coberta com um montículo de terra solta para evitar o seu ressecamento.

Após o plantio, ocorrerá simultaneamente a formação de raízes e a brotação da gema do porta-enxerto. Transcorridos cinco a seis meses (regiões quentes) ou um ano (regiões temperadas) de vegetação do porta-enxerto, este já apresenta o diâmetro apropriado para a enxertia da cultivar produtora.

Esse processo de obtenção de porta-enxertos, tem como vantagens ser barato e de fácil execução e, principalmente, não causar nenhum traumatismo às raízes da futura planta pois todo o enraizamento ocorrerá no local definitivo do plantio. Por outro lado, temos como desvantagens o tempo excessivo gasto para a formação da planta; a exigência em mão-de-obra e, ainda, a desuniformidade do vinhedo, em razão das possíveis falhas do pegamento do plantio e da enxertia.

Um segundo método empregado para a implantação de vinhedos é o dos porta-enxertos enraizados previamente em sacos plásticos. As estacas empregadas neste método devem obedecer aos mesmos critérios de dimensões e épocas de poda

indicados para as estacas usadas no processo de propagação de porta-enxertos direto no solo.

Neste método, a estaca é colocada em sacos plásticos de 25 x 35cm com substrato composto de terra + areia + casca de arroz carbonizada (2:1:1), ao qual pode-se adicionar adubos fosfatados e orgânicos. Após o plantio, os sacos plásticos devem ser mantidos sob ripado ou sombrite, com aproximadamente, 50% de sombra. Transcorridos três a seis meses, os porta-enxertos já se encontram enraizados e em franca vegetação, podendo ser transplantados para o campo, devendo-se, nesta ocasião, proceder a uma irrigação abundante e evitar dias muito ensolarados.

Esse processo tem como vantagens permitir a redução do tempo gasto na formação dos porta-enxertos em até seis meses, antecipando o momento da enxertia das cultivares produtoras e possibilita a formação de vinhedos bastante homogêneos, pois os descartes são eliminados ainda no viveiro. Como desvantagens temos o preço mais elevado das mudas e do transporte, o risco de disseminação de pragas e doenças do solo e, ainda, o custo com mão-de-obra para enxertia e formação das plantas no campo.

Independente do processo de obtenção de porta-enxertos escolhido, pode-se utilizar um regulador de enraizamento nas estacas para maximizar a formação de raízes. Dentre os reguladores utilizados, temos o ácido indolacético (AIA) e o ácido indolbutírico (AIB), que devem ser usados em doses inferiores a 500ppm, durante 24 horas de permanência da base da estaca imersa na solução, e de 800-1000ppm por somente 5 segundos.

O segundo passo para a produção de uma muda de videira é a técnica da enxertia, que pode ser dividida em enxertia de campo (enxertia de inverno e enxertia verde), e a enxertia de mesa com forçagem.

A enxertia de campo em porta-enxertos previamente enraizados é o processo mais usualmente empregado para instalação de vinhedos comerciais no Brasil (Sousa, 1996). Empregando-se, normalmente, dois tipos de enxertia por garfagem simples, a de inverno e a verde, a partir de ramos maduros ou herbáceos, de acordo com a época do ano em que é realizada.

A enxertia de inverno é o processo mais utilizado em todo Brasil e baseia-se no emprego de ramos maduros e bem lignificados, coletados durante o repouso da videira. Nas regiões tropicais, a enxertia no campo pode ser realizada em qualquer

época do ano, sendo menor o desenvolvimento dos enxertos durante o período mais frio (Albuquerque, 1996). Na prática, a época da enxertia depende da disponibilidade de ramos maduros. Preferencialmente, ela é efetuada durante os meses de junho e julho em porta-enxertos que foram plantados no campo nos meses de novembro/dezembro do ano anterior. Para a realização da enxertia, deve-se primeiramente certificar-se de que os porta-enxertos plantados no campo tiveram um bom desenvolvimento, apresentando um diâmetro aproximado de 12 a 15mm.

A coleta dos garfos de enxertia deve ser feita em plantas saudas e bem identificadas, sempre em ramos do ano que apresentem gemas bem desenvolvidas e intactas.

A operação de enxertia consiste, primeiramente, em cortar a parte superior da vegetação do porta-enxerto a uma altura aproximada de 2 a 3cm acima de um nó próximo ao nível do solo. No caso da enxertia aérea, frequentemente empregada em regiões tropicais, ela é efetuada em ramos pré-selecionados do porta-enxerto na altura aproximada de 20 a 50cm acima do nível do solo. Para sua execução, realiza-se uma fenda longitudinal no porta-enxerto, e o garfo, contendo duas gemas, é preparado em sua porção inferior com dois cortes em bisel, formando uma cunha. Após a preparação, o garfo é introduzido na fenda do porta-enxerto, tomando-se o cuidado para que ocorra a coincidência das cascas das partes enxertadas, para dessa maneira garantir a formação dos vasos condutores de seiva. Procede-se, então, ao amarrar do enxerto com um barbante ou fita plástica (enxertia aérea), protegendo-se as partes cortadas do ressecamento.

Após a enxertia, e durante o período de formação da nova planta, cuidado especial deve ser dado às operações de retirada dos ramos ladrões do porta-enxerto, eliminação das raízes que porventura brotarem acima da região do enxerto e de tutoramento do ramo principal do enxerto.

A enxertia verde é a técnica de enxertia mais recente, e também utiliza o método de garfagem simples, com a diferença de ser efetuada com ramos herbáceos durante a estação de crescimento (Camargo, 1992).

Para tanto, devem ser selecionados e conduzidos verticalmente dois ramos do porta-enxerto desde o início da vegetação. Quando eles possuírem um diâmetro mínimo de 5mm, retiram-se as gemas situadas nas axilas das folhas e corta-se o ramo aproximadamente a 20cm acima do nível do solo. Por sua vez, os garfos devem ser

coletados na porção mediana dos ramos do ano das plantas produtoras e possuir o mesmo diâmetro do ramo do porta-enxerto. Os garfos devem ser coletados no momento da enxertia para evitar problemas com desidratação.

Na operação da enxertia, faz-se uma fenda longitudinal no ramo do porta-enxerto e introduz-se o garfo previamente cortado em duplo bisel. Após a enxertia, deve-se amarrar o conjunto com fita de plástico fina, deixando apenas as gemas do enxerto descobertas.

Esse processo permite um bom índice de pegamento, mas possui os inconvenientes de danificar os ramos das plantas produtoras e ser bastante exigente em mão-de-obra, sendo mais indicado para a reposição de falhas verificadas na enxertia de inverno.

No processo de enxertia de mesa com forçagem, temos o controle das condições ambientais feito durante as diferentes fases do processo. As principais etapas da enxertia de mesa com forçagem podem ser divididas da seguinte forma:

9.1 COLETA, TRATAMENTO E EMBALAGEM

O material vegetativo, tanto de porta-enxertos como variedades produtoras, deve ser retirado de plantas-matrizes durante o período vegetativo (junho-agosto), e passarem por um processo de tratamento com fungicida e após o tratamento serem embaladas em papel umedecido e acondicionadas em sacos plásticos.

- Conservação em câmaras frias: A conservação do material vegetativo em câmara fria, permite o escalonamento das operações de enxertia, além de exercer um papel muito importante nas atividades fisiológicas no interior das estacas, favorecendo diretamente o processo de formação de raízes e de brotação das gemas.
- Preparo do material: O material é retirado da câmara fria com um ou dois dias de antecedência e preparado. Os porta-enxertos devem ser cortados, em sua porção basal, com um corte reto e próximo a um nó, onde teremos o enraizamento, e em seguida devem ser eliminadas todas as gemas para evitar a brotação de “ladrões”, durante o período de forçagem. Os enxertos devem ser podados e mantido apenas uma gema.

- Enxertia de mesa: Atualmente é utilizado o método mecânico de enxertia de mesa para videira. Nesse método temos um maior rendimento, e uma perfeita união entre o enxerto e o porta-enxerto de diâmetros semelhantes. Após o processo de enxertia, o enxerto é recoberto com parafina, para proteger a região de enxertia, de ressecamento e penetração de fungos patógenos.
- Acondicionamento dos enxertos: Os enxertos devem ser acondicionados em caixas plásticas ou de madeira, em camadas intercaladas com uma camada de substrato de enraizamento.
- Forçagem dos enxertos: Os enxertos devem ser colocados em condições ambientais favoráveis para a estratificação, iniciando-se assim, uma intensa multiplicação celular, que dará origem à formação de um calo. Com o desenvolvimento deste, ocorrerá uma ligação bastante estreita de células ainda indiferenciadas, originadas do porta-enxerto e do enxerto, e posteriormente, teremos o surgimento dos vasos lenhosos e liberianos, o que permite a formação de um conjunto organizado que dará origem a uma nova planta.
- Aclimação e transplante das mudas: Terminada a forçagem dos enxertos as mudas devem passar por um processo de aclimação para reduzir possíveis efeitos do estresse provocado pelo excesso de luminosidade e das variações bruscas de temperatura e umidade relativa do ar.

Após o período de aclimação os enxertos são transplantados para sacolas plásticas ou bandejas de isopor e devem ser colocadas em baixo de um ripado durante 30 dias até o plantio definitivo no campo.

O processo de enxertia de mesa com forçagem apresenta como principais vantagens, uma alta porcentagem de pegamento, uniformidade, redução do tempo de enxertia, redução da mão-de-obra e um alto controle de viroses, enquanto que, as desvantagens ficam por conta do custo das mudas e o trauma no sistema radicular. Este processo pode-se transformar em uma alternativa viável para a propagação da videira em escala comercial.

10 CLIMA

O clima, através de elementos, tais como: radiação solar, temperatura do ar, chuva, velocidade do vento, umidade relativa e molhamento foliar (orvalho), interfere na cultura da videira em todas as suas fases, tanto no desenvolvimento e crescimento das plantas, como na inter-relação dessas com as pragas e doenças. Estes elementos são os grandes responsáveis pela produtividade da cultura.

11 RADIAÇÃO SOLAR

A videira é uma planta heliófila que exige radiação solar. A exigência das videiras, quanto à radiação solar pode ser expressa pelo número de horas de brilho solar (insolação), durante o seu ciclo, que varia de 1.200 a 1.400 horas, sendo maior no subperíodo reprodutivo.

12 TEMPERATURA DO AR

A temperatura do ar influencia na viticultura tropical de várias formas (Coombe, 1987 – citado por Sentelhas, 1998). A primeira delas é no crescimento, haja vista que são requeridas temperaturas entre 10 e 40°C, com um ótimo entre 15 e 30°C. Outra influência é no desenvolvimento da videira, onde a variedade Itália produzida no Brasil, requer cerca de 1.990°C. dia, a uma temperatura base de 10°C, para atingir a maturação a partir da data da poda de produção (BOLIANI & PEREIRA, 1996 – citado por SENTELHAS, 1998).

A temperatura do ar também interfere na qualidade dos frutos da videira. Além da ação direta sobre as plantas, a temperatura do ar também afeta indiretamente a videira, quando da ocorrência de baixas temperaturas na floração, devido à baixa atividade dos insetos polinizadores, o que provoca deficiência na polinização.

13 VELOCIDADE DO VENTO

Regiões onde ventos com velocidade elevada ocorrem com freqüência, as videiras sofrem danos que vão desde fissuras nos tecidos foliares e nos ramos,

aumento excessivo na transpiração e queda e perda de pólen, até a queda de flores e de frutos (Nogueira, 1984 – citado por Sentelhas, 1998). Nessas situações, é recomendável o uso de quebra-ventos, os quais podem ser naturais (capim elefante ou árvores como a *Grevillea*) ou artificiais (telas plásticas). Esses quebra-ventos devem ficar dispostos perpendicularmente à direção do vento predominante, e as plantas utilizadas para tal fim devem ser: eretas, flexíveis e permeáveis.

14 MOLHAMENTO FOLIAR (ORVALHO)

A duração do molhamento foliar por orvalho está intimamente ligada com a ocorrência das doenças fúngicas na videira. Em condições de elevada umidade relativa, a presença de um filme de água sobre as folhas e frutos, propicia a instalação dos patógenos (em especial, os fungos).

15 INSTALAÇÃO

A instalação e a condução do vinhedo são de importância fundamental para que a cultura se desenvolva com sucesso. Uma instalação bem feita resulta, além de plantas com bom desenvolvimento e produção, em uma grande economia de tempo, serviço e dinheiro, o que resulta em lucro para o produtor, e este será maior quanto menos erros forem cometidos. A videira é uma planta sarmentosa e de hábito trepador que apresenta várias particularidades durante o seu desenvolvimento. É também uma planta muito exigente no que se refere a solo, clima, irrigação, adubação e práticas culturais. Deve-se também procurar adquirir um bom conhecimento de deficiências, de pragas e doenças da videira e saber identificar seus sinais e sintomas.

O estabelecimento do vinhedo pode ser resumidamente dividido nas seguintes etapas:

- Escolha da variedade (enxerto e porta enxerto)
- Preparo do solo
- Implantação do sistema de irrigação
- Adubação básica
- Construção das espaldeiras ou latadas
- Plantio

- Práticas culturais

16 ESCOLHA DA VARIEDADE

A escolha da variedade vai depender de muitos fatores como solo, clima, produtividade, finalidade, mercado consumidor etc. Deve ser realizada uma seleção de plantas de variedades recomendadas para porta enxerto, considerando-se os aspectos de sanidade, especialmente viroses. A enxertia é uma das práticas mais importantes para a formação de um bom vinhedo.

17 ESCOLHA DO LOCAL

O vinhedo deverá ser localizado em área com topografia apropriada. Deve-se fazer um estudo criterioso das características do solo com relação à textura, profundidade e fertilidade. Os solos que apresentam um perfil pouco profundo, com menos de um metro, devem ser descartados para o cultivo de uvas, pois a videira não se adapta a solos mal drenados e com lençol freático superficial. (SALES, M; MELO, B. 2000).

As fileiras de plantio devem ser orientadas no mesmo sentido dos ventos dominantes, pois as videiras se ressentem com fortes rajadas de vento, que lhes são prejudiciais, não só por provocarem a perda de ramos, mas também por causarem danos físicos nos cachos, tornando-os impróprios à comercialização, por se apresentarem excessivamente manchados. (SALES, M; MELO, B. 2000).

Recomenda-se também, que na implantação de um vinhedo, deve-se dispor de uma área livre para a instalação de quebra-ventos formados por espécies vegetais, tais como eucalipto, leucena, bananeira e capim Cameron. Pode-se também utilizar como quebra-ventos telas de nylon, com 70% de densidade, colocadas alto, na vertical, do lado em que penetra o vento, em toda a extensão do vinhedo. Desse modo consegue-se evitar que os bagos sofram danos mecânicos causados pelo vento, sob a forma de escoriações superficiais que desqualificam a uva no processo de comercialização. (SALES, M; MELO, B. 2000).

18 SOLO

A videira adapta-se a quase todos os tipos de solo e, além disso, há a facilidade de utilizar um número de porta-enxertos que possibilitam a exploração mais econômica, segundo constituintes do terreno. Deve-se, entretanto, evitar, quando possível, a utilização de solos excessivamente pesados ou leves e aqueles com alto teor em sais.

A estrutura e a profundidade do solo são mais importantes que a fertilidade. Em solos de baixa fertilidade, o vigor da planta é menor e seu desenvolvimento é mais lento, porém o fruto se apresenta mais firme, resiste melhor ao transporte, tem boa conservação e, ainda, possui melhor aroma e sabor. (SALES, M; MELO, B. 2000).

Alguns produtores afirmam que a qualidade do vinho está ligada ao teor de Cálcio no solo ou à existência de pedras no terreno. (SALES, M; MELO, B. 2000).

18.1 Preparo do solo

Na limpeza da área, deve-se eliminar do terreno toda a vegetação existente, de forma a permitir o total aproveitamento do solo. Essa limpeza, que consiste nas operações de desmatamento, roçagem e destocamento da área, deverá ser realizada quatro meses antes da data prevista para o plantio, o que resultará em tempo para a execução dos trabalhos subsequentes de sistematização da área, análise do solo, correção, instalação do sistema de irrigação, confecção do sistema de condução e outros.

- Sistematização da área: Conforme o método de irrigação a ser utilizado, o nivelamento poderá ser aconselhável. Entretanto, a remoção do solo deverá ser mínima, para que não ocorra exposição do solo.
- Análise do solo: Logo após a limpeza do terreno, três meses antes do plantio coletam-se amostras de solo representativas da área onde será implantado o vinhedo, em um perfil com profundidade média de 35cm. Tais amostras são enviadas a laboratório especializado em análise de solo para averiguação das necessidades de calagem e fertilização do terreno.

- Calagem: Na hipótese do laudo da análise de solo assinalar a necessidade de calagem, esta deverá ser feita de 30 a 60 dias antes do plantio, procurando-se sempre colocar calcário suficiente para que o solo atinja um pH em torno de 6,0 a 6,5.
- Gradagem e Aração: Após a distribuição do calcário é aconselhável a operação de gradagem, a fim de incorporar o corretivo ao solo, seguida de uma aração profunda revolvendo-se uma camada de 20 a 40cm. No caso de solo com camada compactada e desuniforme, pode-se utilizar com vantagens o subsolador, uma vez concluída a aração.
- Sulcagem para adubação básica: Por causa do pequeno espaçamento entre plantas nas linhas dos vinhedos, recomenda-se a aberturas de sulco para adubação. Pode-se também realizar a abertura convencional de covas para a adubação (40x40x40cm). Os sulcos são abertos com uma profundidade mínima de 40cm, e no sentido das linhas de plantio.

19 ADUBAÇÃO

19.1 Recomendação de Adubação

Na análise foliar, a análise química de tecido foliar tem sido usada com sucesso, em alguns países, como método para diagnose do estado nutricional e para formulação de recomendações de adubação dos vinhedos. No Brasil, a utilização desse método, somado ao método de análise do solo, possibilita uma adubação mineral e orgânica, com macronutrientes e micronutrientes, mais racional para os vinhedos. Isso implica em uma adubação adequada e equilibrada, apresentando reflexos positivos sobre a produtividade e qualidade da uva, tendo assim uma maior redução de custos e maior lucratividade para o viticultor. (SALES, M; MELO, B. 2000).

Embora as recomendações sejam divergentes sobre o tipo de material a coletar para a análise, o Instituto Agrônomo de Campinas recomenda a coleta de limbo e pecíolo da folha recém-madura, cortada a partir do ápice dos ramos da videira, na época de pleno florescimento ou no início do amolecimento das bagas.

A amostragem de um vinhedo deve obedecer aos seguintes critérios:

- A área a ser amostrada deve ser localizada em solo o mais homogêneo possível;
- As plantas que compõem a amostra devem apresentar o mesmo nível de vigor e de produção;
- As plantas com sinais visíveis de doenças deverão ser descartadas para a composição da amostra.

Os teores de nutrientes considerados adequados para a videira, tomando-se a falha ou o limbo e o pecíolo separadamente, são os seguintes:

Em pleno florescimento,

Nutriente	Folha	Pecíolo	Limbo
N %	3,2	1,5	3
P %	0,27	0,26	0,27
K %	7,8	2,5	0,85
Ca %	1,6	1,24	1,45
Mg %	0,5	0,45	0,32
S %	0,35	0,16	0,29
B ppm	50	40	40
Cu ppm	20	15	15
Fe ppm	100	100	-
Mn ppm	70	50	70
Zn ppm	32	35	25

No início do amolecimento das bagas,

Nutriente	Folha	Pecíolo	Limbo
N %	1,95	1,1	2,2
P %	0,22	0,22	0,2
K %	1,1	2	0,8
Ca %	1,3	1,3	1,45
Mg %	0,4	0,35	0,27
S %	0,22	0,13	0,2

B ppm	30	40	40
Cu ppm	14	15	15
Fe ppm	60	60	60
Mn ppm	30	20	30
Zn ppm	20	20	20

20 SINTOMAS DE DEFICIÊNCIA E EXCESSO NUTRICIONAL

20.1 Macronutrientes

- Nitrogênio: A videira requer quantidade relativamente grande de nitrogênio. Ele é absorvido fundamentalmente na forma nítrica (NO_3^-) e em menor quantidade na forma amoniacal (NH_4^+), apresentando grande mobilidade dentro da planta. Devido a essa grande mobilidade do nutriente, os primeiros sintomas de deficiência surgem nas folhas mais velhas.

A deficiência de N na videira caracteriza-se por apresentar uma paralisação de crescimento das plantas, com as folhas velhas ficando menores que as normais. Os sintomas iniciam-se nas folhas velhas que vão ficando amareladas, necrosadas ou desprendendo-se com facilidade dos ramos.

O excesso de adubação nitrogenada desequilibra a relação Carbono/Nitrogênio, que regula todo o mecanismo de diferenciação e indução das gemas florais, cuja consequência é a diminuição da fertilidade das gemas.

- Fósforo: A quantidade de fósforo absorvida é relativamente pequena quando comparada com a de nitrogênio, potássio e cálcio. O fósforo é absorvido na forma de H_2PO_4^- e apresenta-se com boa mobilidade dentro da planta, fazendo com que os primeiros sintomas de deficiência apareçam nas folhas mais velhas.

Os sintomas de deficiência de P são uma drástica paralisação do crescimento das plantas e o desenvolvimento de coloração vermelho-violácea marginal e internerval nas folhas velhas. Além desses sintomas, pode aparecer uma coloração avermelhada nos pecíolos e nervuras

principais e secundárias das folhas velhas, devido ao acúmulo de antocianina nesses tecidos.

- Potássio: O potássio é o elemento absorvido pela videira em maior quantidade e na forma de K^+ , coincidindo esta maior absorção com os estádios de lignificação dos ramos e maturação dos frutos. Devido a boa mobilidade desse nutriente na planta, os sintomas de deficiência iniciam-se nas folhas mais velhas.
- Como sintomas da deficiência de K na videira temos as folhas velhas com pequenos pontos necróticos, amarelecimento e posterior queimadura das margens das folhas, amarelecimento entre as nervuras das folhas intermediárias, enrolamento dos bordos das folhas para cima ou para baixo, folhas ásperas e corrugadas e folhas intermediárias com escurecimento entre as nervuras.
- Cálcio: O cálcio é requerido pela videira em quantidade relativamente grande e absorvido na forma de Ca^{2+} . É imóvel na planta, motivo pelo qual os sintomas de deficiência manifestam-se primeiro nas folhas mais novas. Os principais sintomas de deficiência do cálcio são o desenvolvimento reduzido das plantas, folhas novas com amarelecimento marginal e internerval, enrolamento dos bordos das folhas para baixo e morte dos ponteiros.
- Magnésio: O magnésio é absorvido pela planta na forma de Mg^{++} e, como ele se movimenta facilmente na planta, os primeiros sintomas de deficiência manifestam-se nas folhas mais velhas da videira.
O sintoma característico da deficiência de Mg é a clorose (amarelecimento) internerval das folhas velhas, permanecendo as suas nervuras com tonalidade verde.
- Enxofre: O enxofre é absorvido como SO_4^{2-} , porém as folhas podem absorver SO_2 na forma gasosa. É praticamente imóvel na planta e por isso, os sintomas de deficiência manifestam-se em primeiro lugar nas folhas mais novas da videira.

Os sintomas de deficiência em enxofre são semelhantes aos de nitrogênio, diferenciando-se apenas pelo fato de que o amarelecimento se dá nas folhas mais novas de uma forma uniforme. Geralmente não há deficiência

neste elemento pela sua presença nos adubos químicos, defensivos agrícolas e na poluição atmosférica.

20.2 Micronutrientes

- **Boro:** Este micronutriente é imóvel dentro da planta e, por isso, os primeiros sintomas de deficiência aparecem nos órgãos mais novos da planta. Os sintomas de deficiência de boro são: amarelecimento das áreas internervais das folhas apicais e cachos mal formados, com bagas normais entremeadas com bagas pequenas, das quais algumas são alongadas e com áreas deprimidas e escuras na casca, apresentando, muitas delas, necrose na polpa, bastante visível quando verde. De modo geral, há uma associação constante de clorose nas folhas e sintomas nos frutos. Em plantas bastante afetadas, podem ser notados paralisação do crescimento, ligeiro espessamento de alguns entrenós superiores, áreas necróticas nas margens foliares, secamento da parte apical e emissão de brotos laterais. O aparecimento da deficiência de boro em videira provavelmente resulta do seu baixo teor no solo, devido à falta de adubação adequada. As secas prolongadas, também podem contribuir para o aparecimento da deficiência em boro, pois dificultam a mineralização da matéria orgânica, o que reduz o teor de boro assimilável do terreno.
- **Cobre:** O cobre é absorvido como Cu^{2+} , e sua mobilidade é reduzida, levando-o a ser considerado imóvel na planta. Devido a isso os sintomas de deficiência poderão ocorrer nas folhas mais novas. Como os fungicidas usados na viticultura contém este elemento, dificilmente ocorrem sintomas de sua deficiência no campo. No caso de haver deficiência, a parte apical é a primeira a ser afetada, e as folhas podem apresentar clorose generalizada ou pontos necróticos.
- **Ferro:** A quantidade de ferro no tecido da planta é muito pequena. Devido a sua imobilidade na planta, os sintomas de deficiência apresentam-se primeiramente nas folhas mais novas da planta. A deficiência de ferro causa amarelecimento característico nas folhas novas e brotos. Uma vez que

somente as nervuras permanecem verdes, as folhas ganham a aparência de um retículo fino.

Algumas vezes não há falta de ferro no solo, porém o excesso de cálcio e umidade imobilizam o ferro, podendo gerar deficiência.

- Manganês: É absorvido como Mn^{2+} e Mn^{3+} e não se redistribui na planta, fazendo com que a deficiência se manifeste primeiramente nas folhas mais novas da planta.

Como sintomas de deficiência de manganês temos: partes apicais mortas, aspecto clorótico geral das folhas novas, amarelecimento internerval das folhas e permanecendo a área próxima às nervuras com coloração verde formando um reticulado grosso, retardamento no florescimento e na maturação dos frutos. Pode-se confundir seus sintomas com carência de ferro, zinco ou magnésio.

- Molibdênio: É absorvido na forma de $H_2MoO_4^{2-}$, sendo sua mobilidade considerada média, manifestando-se os primeiros sintomas de suas deficiências nas folhas novas.

Os principais sintomas de deficiência são a necrose dos bordos das folhas, progredindo para o seio peciolar e frutificação reduzida ou ausente. É possível a confusão desses sintomas com queimaduras acidentais.

- Zinco: É absorvido como Zn^{2+} e Zn quelante. É imóvel na planta, com os primeiros sintomas surgindo nas folhas mais novas. Seus sintomas de deficiência são: tamanho pequeno das folhas e aspecto clorótico das folhas apicais. Os sintomas dessa deficiência são confundidos com os de manganês e ferro.

21 CONTROLE DE PLANTAS DANINHAS

Logo após o plantio dos porta-enxertos são realizadas capinas manuais nas linhas, enquanto que nas entrelinhas pode-se usar grade ou roçadeira para diminuir a competição das plantas daninhas com a cultura. Durante a fase de formação das plantas e até a primeira colheita, não é recomendado o uso de herbicidas, devido ao risco de fitotoxidez nas plantas jovens. Após a primeira colheita, e preferencialmente na fase final do ciclo da cultura, poderão ser usados herbicidas, tanto nas linhas de

plantio como nas entrelinhas, ou o uso de roçadeiras ou grades leves nas entrelinhas, associadas a capinas manuais nas linhas. No sistema de latada o número de capinas será reduzido devido ao elevado sombreamento causado pelas plantas. No sistema de espaldeira é feita uma cobertura morta das linhas de forma alternada, anualmente.

22 PODA

22.1 Poda de Formação

A poda de formação é realizada em condições tropicais, aproximadamente, entre 12 a 18 meses após o plantio, sendo que esta poda induz o adequado desenvolvimento dos braços primários e secundários nas plantas jovens. (SALES, M; MELO, B. 2000).

Após o plantio das mudas na área do vinhedo, conduz-se um ramo principal por planta, guiado por um tutor para que suba bem ereto até a latada. Os ramos ladrões que saem do porta-enxerto e as brotações laterais são eliminados ainda novos, evitando-se que venham a competir com o ramo que está sendo conduzido. (SALES, M; MELO, B. 2000).

Na região Noroeste do Estado de São Paulo, a poda de formação é feita após a colheita, geralmente em outubro e novembro. Quando o ramo principal ultrapassar a latada em cerca de 30cm, efetua-se a sua poda, preservando-se a gema situada imediatamente abaixo do corte. O desabrochamento das duas gemas terminais, que em geral não é difícil, dá origem a dois ramos que serão conduzidos no sentido da linha das plantas e formarão seus braços primários, e a partir destes, a intervalos de 30-45cm, teremos a formação dos braços secundários. (SALES, M; MELO, B. 2000).

Sobre os braços secundários, através de podas sucessivas, forma-se as unidades de produção em torno de 2 a 3 por braço secundário, separadas de 15-20cm uma da outra. (SALES, M; MELO, B. 2000).

22.2 Poda de Produção

Cerca de 18 a 24 meses após o plantio realiza-se a primeira poda de produção, quando as plantas se encontram em repouso vegetativo. O período de repouso é

variável e pode ser determinado pelo produtor, em função das condições climáticas favoráveis ou ausência de chuvas durante as fases de brotação até a floração e colheita, e preços mais elevados no período de colheita. Após cada poda de produção inicia-se um novo ciclo vegetativo.

Através da poda de produção deixa-se em cada unidade de produção, um esporão de duas gemas e uma vara com quatro ou mais gemas. A finalidade do esporão é dar origem à vara e ao esporão da poda do ciclo subsequente, enquanto que a da vara é a produção de cachos.

O número de gemas por vara é determinado pelo vigor das plantas e pela localização das gemas férteis, enquanto que a fertilidade das gemas, isto é, a sua capacidade de emitir brotações com cachos está determinada geneticamente em cada cultivar, sofrendo também influência externa das condições climáticas no momento da diferenciação floral, bem como do estado nutricional das plantas.

De modo geral, é recomendável deixar-se o menor número possível de gemas por vara e que seja compatível com a cultivar trabalhada. Esta recomendação pretende minimizar os efeitos negativos da má brotação das gemas que ocorre nas áreas de clima tropical.

No caso da cultivar Itália é recomendado deixar-se de 4 a 8 gemas por vara, no caso do plantio ser no Nordeste do Brasil, ou 8 a 12 gemas por vara, se o plantio for no Estado de São Paulo. Entretanto, é necessário analisar a condição individual da planta, pois, a intensidade da poda depende do vigor dos ramos. Em plantas menos vigorosas, em que o diâmetro das varas é menor, realiza-se uma poda mais curta, ou seja, deixa-se um número menor de gemas nas varas para estimular o crescimento vegetativo e a formação de varas melhores no ciclo seguinte.

Durante a poda, ao passar de uma planta para a outra, deve-se fazer uma desinfecção das tesouras, em solução de hipoclorito de sódio, e retirar os restos dos ramos podados, para evitar a disseminação de doenças.

23 REGULADORES VEGETAIS

Em regiões de inverno ameno, a brotação da videira se mostra irregular devido à falta de frio intenso. Para uniformizar a brotação da videira através da quebra de dormência, deve-se, após a poda aplicar reguladores vegetais, tais como a cianamida

hidrogenada (H_2CN_2), que possui o nome comercial de Dormex, e a calciocianamida ($CaCN_2$), enquanto que, o ethefon (ác. 2-cloroetilfosfônico) deve ser aplicado de dez a quatorze dias antes da poda, sendo este utilizado no Nordeste brasileiro.

No Brasil, de modo geral, recomenda-se utilizar uma solução aquosa de 20% de calciocianamida, aplicada por pincelamento das gemas de interesse após a poda. Na região Noroeste Paulista, recomenda-se a aplicação de Dormex na concentração de 5%, através de pulverização nos meses de março a maio, enquanto que, na região do Submédio São Francisco, deve-se fazer duas pulverizações, sendo a primeira de maio a agosto, e a solução do produto deverá ter 7% do produto comercial; a segunda pulverização será feita no período de setembro a abril, e a solução deverá apresentar concentração de 6% do produto comercial.

Para aumentar o tamanho da baga da cultivar Itália e suas mutações, no noroeste paulista, é recomendada a aplicação de reguladores de crescimento, dentre eles, o mais comumente empregado é o ácido giberélico, que deve ser aplicado através da imersão ou pulverização dos cachos com uma concentração de 20 a 40ppm, aproximadamente 30 dias após o florescimento.

Atualmente encontra-se em estudo o uso de estreptomicina (antibiótico) para a produção de uva Itália sem sementes. A técnica consiste na aplicação da estreptomicina, nos botões florais dos cachos, para impedir a fecundação das flores, provocando a formação de bagas sem sementes. Isto ocorre porque temos o impedimento da fecundação das flores, provocando a formação das bagas partenocarpicamente. Deve-se aplicar uma solução preparada com 40g de estreptomicina em pó em 100 litros de água, pulverizando as flores quatro ou cinco dias antes de sua abertura, ou fazer a imersão das flores em uma vasilha com a solução. Não temos problemas com resíduos do antibiótico, pois, o tempo decorrido entre a aplicação do produto e a ingestão da uva pelo consumidor final é de 5 meses no mínimo.

24 IRRIGAÇÃO

O uso da irrigação é fator determinante na produção de uvas em regiões semiáridas, tais como no nordeste brasileiro, e em regiões onde o período de chuvas

é concentrado apenas em um ciclo da cultura, tais como a região noroeste do Estado de São Paulo.

A água é essencial para o crescimento e desenvolvimento de todas as partes da videira. No solo afeta o crescimento do sistema radicular, quanto a direção do seu crescimento, ao grau de expansão lateral, às ramificações e a profundidade de penetração das raízes, bem como a relação entre a massa foliar e o sistema radicular. Na parte aérea temos a redução do crescimento das brotações, e em casos de déficit hídrico prolongado temos um murchamento da folhagem e dos brotos tenros provocando a sua queda.

Com a falta de água, a produção vitícola é afetada provocando a diminuição potencial dos bagos e o peso e comprimento dos cachos, afetando também o conteúdo de sólidos solúveis e de outros componentes.

Para implantação de um sistema de irrigação deve-se fazer um planejamento detalhado, de modo que possibilite produções rentáveis, com produtos de qualidade, mantenha a capacidade produtiva dos solos e estabeleça um controle operacional adequado do sistema de irrigação.

Dentre os principais fatores que compõem o planejamento da irrigação, podem-se destacar os estudos dos recursos hídricos, topográficos, pedológicos, climáticos, planejamento agrônomo da cultura, escolha do sistema de irrigação e desenho do projeto de irrigação.

Os sistemas de irrigação utilizados na cultura da videira são a aspersão, microaspersão, sulcos e gotejamento, sendo que, o sistema deve ser escolhido levando-se em conta uma série de fatores técnicos, econômicos e sociais. Dentre os fatores técnicos, destacam-se: recurso hídricos (potencial hídrico, situação topográfica, qualidade e custo da água); topografia: solos (características pedológicas, retenção de água, infiltração, características químicas, forma das manchas do solo e profundidade); clima (precipitação, vento e umidade relativa); cultura (exigências agrônomicas e valor econômico); aspectos econômicos (custos iniciais, operacionais e de manutenção); fatores humanos (nível educacional, poder aquisitivo, tradição e outros).

De modo geral, os sistemas de irrigação por sulcos e por gotejamento são indicados para solos argilo-arenosos e argilosos, enquanto os sistemas por aspersão

e por microaspersão mostram-se mais adequados para solos arenosos e areno-argilosos (Albuquerque, 1996).

A irrigação por gotejamento caracteriza-se pela aplicação da água e de produtos químicos numa fração do volume de solo explorado pelas raízes das plantas, de forma pontual ou em faixa contínua, formando um bulbo molhado onde teremos a concentração do sistema radicular. Apesar de seu custo de implantação elevado, esse método apresenta vantagens quanto a aplicação controlada de água e nutrientes, o que é importante em áreas com pouca água disponível, possibilidade de automatização do sistema e apresenta menores problemas fitossanitários.

A irrigação por microaspersão caracteriza-se pela aplicação da água e de produtos químicos numa fração do volume de solo explorado pelas raízes das plantas, de forma circular ou em faixa contínua. Neste sistema de irrigação, as dimensões do bulbo molhado dependem do alcance e da intensidade de aplicação ao longo do raio do emissor e do volume de água aplicado por irrigação. Este sistema de irrigação apresenta como vantagens a aplicação controlada de água e nutrientes, o que é importante em áreas com pouca água disponível, possibilidade de automatização do sistema, menores problemas fitossanitários das videiras.

No nordeste brasileiro o umedecimento de quase 100% da área ocupada por planta tem proporcionado uma maior expansão do sistema radicular da videira, associada a redução da temperatura e a elevação da umidade do ambiente. Esta situação tem possibilitado a obtenção de uvas de melhor qualidade, principalmente nos ciclos de produção do segundo semestre (setembro a dezembro), quando comparado com outros sistemas de irrigação.

A irrigação por aspersão caracteriza-se pela pulverização do jato de água no ar, visando ao umedecimento de 100% da área ocupada pela planta. Temos dois tipos básicos de aspersores, sendo estes classificados em aspersores de sobrecopa e subcopa, isto em relação ao ângulo que os bocais formam com a superfície horizontal.

A aspersão do tipo subcopa tem sido utilizada com alguns transtornos para o manejo de água, em decorrência da interseção do jato de água com o caule das plantas. Esta interferência na distribuição de água pode proporcionar a obtenção de baixos coeficientes de uniformidade de distribuição de água. Por sua vez, a irrigação por aspersão tipo sobrecopa também é bastante afetada pela ação da velocidade do vento. Tanto na irrigação sobrecopa, quanto na subcopa, há necessidade de se

ajustarem os calendários de irrigação e de pulverização, devido ao umedecimento excessivo da folhagem e dos cachos.

O uso de irrigação pelo método de aspersão apresenta vantagens quanto a facilidade de execução do projeto e de manejo e o baixo custo inicial. Deve-se dar preferência ao sistema com aplicação subcropa de água, para evitar maiores problemas fitossanitários, tais como, podridões nos cachos.

A irrigação por sulcos caracteriza-se pela aplicação de água ao solo, através de pequenos canais abertos ao longo da superfície do terreno. A derivação de água nesse sistema de irrigação pode ser feita por sifões ou por tubos janelados. O sistema de irrigação por sulcos mostra-se uma alternativa viável para a exploração em pequenas áreas.

O manejo da água está diretamente relacionado com o sistema de irrigação selecionado. O valor da lâmina de água a ser aplicada deve ser obtido através do cálculo da evapotranspiração de referência utilizando-se de programas de computadores ou através de fórmulas empíricas indicadas para cada região. Para a resolução de tal cálculo é necessário também a utilização de dados da precipitação, umidade relativa e temperatura do ar, velocidade e direção do vento e evaporação do tanque classe A, devendo-se ainda utilizar uma série de dados com pelo menos dez anos de registros.

No processo de irrigação podemos também fazer a adubação das videiras, através da aplicação de fertilizantes solúveis na água, sendo este processo conhecido como fertirrigação. Esta é uma prática agrícola essencial ao manejo de culturas irrigadas, principalmente quando se utiliza irrigação localizada (gotejamento e microaspersão), sendo uma das maneiras mais eficientes e econômicas de aplicar fertilizantes, principalmente em regiões áridas e semi-áridas. Isso ocorre porque temos a aplicação de uma pequena quantidade de nutrientes aplicados com maior frequência, durante todo o ciclo da cultura, o que aumentará a eficiência do uso do nutriente pela planta.

A fertirrigação apresenta como principais vantagens: economia de fertilizante e melhor aproveitamento pela planta, menores perdas por volatilização ou escoamento superficial, maior eficiência de assimilação e melhor distribuição dos nutrientes, menor custo de aplicação e possibilidade de aplicação de outros produtos. Como desvantagens podemos citar: entupimento dos emissores devido a precipitações dos

diferentes nutrientes, aumento excessivo da salinidade da água e a baixa qualidade dos fertilizantes utilizados neste processo.

25 PRAGAS

- Filoxera: Agente causal *Daktulosphaira vitifoliae* (pulgão sugador de raízes). Atacam as raízes provocando galhas. A ocorrência de nodosidades e tuberosidades enfraquecem a planta ocasionando a sua morte. A única medida viável de controle é o uso de porta-enxerto resistente.
- Colchonilhas: Agentes causais: *Diaspidiotus uvae*, *Hemiberlesia lataniae*, *Pseudaulacaspis pentagona*, *Parassaissetia nigra*. Essas colchonilhas formam colônias no tronco e ramos da videira, onde sugam a seiva. Quando a infestação é alta, os ramos atacados definham, podendo até secar.
O controle deve ser feito pelo tratamento de inverno (raspa-se o ritidoma e aplica-se óleo “emulsionável” a 1% associado a um inseticida com princípio ativo Parathion methyl).
- Maromba: Agente causal *Heilipodus naevulus*. Besouro de 10 a 12mm de comprimento, provido de rostro. Atacam preferencialmente os brotos da videira, podendo ainda danificar folhas e cachos em formação.
O controle cultural é a catação manual noturna dos insetos. Como controle químico recomenda-se acrescentar um inseticida ao tratamento de inverno.
- Mosca das Frutas: Agente causal *Ceratitidis capitala*. As larvas abrem galerias nos frutos, e as bagas podem exibir manchas escuras abaixo da casca, na forma de riscos sinuosos.
Como controle cultural, recomenda-se o ensacamento dos cachos. O controle químico deve ser efetuado na forma de iscas tóxicas à base de melaço com os inseticidas fention ou triclorfom.
- Ácaros: Diversas espécies de ácaros atacam a videira, entre eles, ácaro branco, microácaros e ácaro rajado. Ataques intensos dessas pragas podem prejudicar sensivelmente a cultura. As plantas infestadas apresentam ponteiro danificados, com reflexos negativos para o seu desenvolvimento normal.
Como forma de controle devem ser utilizados acaricidas à base de enxofre.

Tripes: O tripes ocorre durante a florada e quando os frutos se encontram no estágio de chumbinho, causando picaduras e rachaduras, que se constituem em porta de entrada para fungos. O ataque do tripes nos frutos novos pode manchá-los, depreciando-os comercialmente. O controle mais eficiente é a utilização de inseticidas fosforados em pulverização.

CONCLUSÃO

Após estudo podemos verificar que o cultivo da uva é um excelente negócio, pois temos uma grande aceitação no mercado comercial, tanto externo quanto interno.

Mas para que se tenha um bom lucro do produto é necessário que se obedeça aos padrões da produção; padrões esses que são rigorosamente determinados pelos consumidores, principalmente quando se trata de exportação. Nesse caso deve-se levar em conta principalmente à classificação, padronização de embalagens e adequação às exigências fitossanitárias impostas pelos países importadores.

REFERÊNCIAS

AGRIANUAL. **2000**. São Paulo: Editora Argos, 2000. p. 535-546.

ALBUQUERQUE, T.C.S. de. Uva para exportação: aspectos técnicos da produção. Brasília: **EMBRAPA-SPI**, 1996. 53p. (FRUPEX. Publicações Técnicas, 25).

ALVARENGA, A. A.; ABHAHÃO, E.; REGINA, M. de A.; ANTUNES, L. E. C.; PEREIRA, A. F. Origem e classificação botânica da videira. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.05-08, 1998.

AMARAL, C. S. do. Noroeste de São Paulo colhe doces uvas de mesa. **Suplemento Agrícola**. São Paulo, n.2248, p.12-13, dezembro/1998.

BENATO, E.A. Colheita, manuseio e conservação de uvas finas de mesa. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.96-100, 1998.

CAMARGO, U.A. **Uvas do Brasil**. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1994. 90p.

CAMARGO, U.A. Utilização da enxertia verde na formação de plantas de videira no campo. Bento Gonçalves: **EMBRAPA-CNPV**, 1992.

CAMARGO, U. A. Cultivares para a viticultura tropical no Brasil. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.15-19, 1998.

DIAS, M.S.C.; CHALFOUN de SOUZA, S.M.; PEREIRA, A.F. Principais doenças da videira. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.76-84, 1998.

FRÁGUAS, J.C.; SILVA, D.J. Nutrição e adubação da videira em regiões tropicais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.70-75, 1998.

HIDALGO, L. **Tratado de Viticultura General**. Madri: Mundi-Prensa, 1993. 983p.

INGLEZ DE SOUSA, J.S. Uvas para o Brasil. **Biblioteca Ciências Agrárias Luiz de Queiroz** V.1, Piracicaba: FEALQ, 1996. 791p.

LEÃO, P.C. de S.; MAIA, J.D.G. Aspectos culturais em viticultura tropical uvas de mesa. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.34-39, 1998.

PERUZZO, E.L. Método de forçagem para produção de mudas de videira: novas técnicas permitem alcançar melhores resultados. **Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v.8, n.2, p.17-19, jun. 1995.

PIRES, E.J.P. Emprego de reguladores de crescimento em viticultura tropical. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.40-43, 1998.

POMMER, C. V.; PASSOS, I. R. S.; TERRA, M. M.; PIRES, E.J.P. Variedades de videira para o Estado de São Paulo. Campinas: **Instituto Agrônomo**, 1997, 59p. (Boletim Técnico, 166).

REGINA, M. de A.; SOUZA, C.R.; SILVA, T. G.; PEREIRA, A. F. A propagação da videira. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.20-27, 1998.

REGINA, M. de A.; PEREIRA, A. F.; ALVARENGA, A. A.; ANTUNES, L. E. C.; ABHAHÃO, E.; RODRIGUES, D. J. **Sistemas de condução para a videira**. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.28-33, 1998.

REIS, P.R.; CÉSAR de SOUZA, J.; GONÇALVES, N. P. Pragas da videira tropical. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.92-95, 1998.

SENTELHAS, P. C. Aspectos climáticos para a viticultura tropical. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.09-14, 1998.

SIMÃO, S. Tratado de Fruticultura. Piracicaba: **FEALQ**, 1998. 760p.

SOARES, J. M.; COSTA, da F.F. Irrigação na cultura da videira. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.19, n.194, p.58-69, 1998.

Recebido em: 29/04/2021.

Aprovado em: 15/06/2021.

**PROJETO DE UMA INDÚSTRIA DE USINAGEM DE EIXOS DO SEGMENTO
AUTOPEÇAS, NA CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO - PR**

**PROJECT FOR AN AXLE MACHINING INDUSTRY IN THE AUTO PARTS
SEGMENT, IN THE CITY OF CORNÉLIO PROCÓPIO – PR**

Marcelo Luiz Sartori*

RESUMO: Este trabalho objetiva-se na elaboração de um projeto de uma indústria de usinagem de eixos do segmento autopeças, a ser instalada na cidade de Cornélio Procópio. Sendo que este será detalhado em todas as etapas para uma melhor análise, da viabilidade econômica do empreendimento. De forma compacta todos os setores da empresa são descritos, pois devido às características do projeto, os níveis hierárquicos são poucos. Dissertaremos sobre orientações da qualidade e confiabilidade. Está inclusa a análise financeira com relação a lucros obtidos no período pela empresa, enfocando o cálculo da margem de contribuição. Descreveremos, sobre as normas de qualidade, sobre como se aplica a qualidade na linha de produção e na área administrativa. Quanto aos aspectos dos princípios de usinagem, incluímos uma explanação dos primórdios da usinagem e para um melhor entendimento, uma vez que há várias formas e princípios de usinagem. Há uma explanação de como são as cadeias de fornecedores e do como atender às montadoras. Descreveremos sobre as técnicas gerais do ciclo de produção da empresa e industrialização. Com relação aos aspectos mercadológicos há detalhes regionais, devido ser uma empresa de pequeno porte, porém, incluída no Sistema de Tributação Simples. Mesmo assim, obteve benefícios quanto a descontos de tributação de acordo com a atividade mencionada. Quanto às construções, tanto do setor administrativo, e setor fabril, foram elaborados projetos arquitetônicos, de modo aproveitar o máximo de sua capacidade. E para finalizar, foram anexados formulários essenciais ao ramo de atividade e layout's para facilitar o entendimento do funcionamento da empresa.

PALAVRAS-CHAVES: Produção Usinagem Qualidade Fornecedores e Normas.

ABSTRACT: This work is objectified in the elaboration of a project of an industry of workable of axes of the segment powertrain system, to be installed in Cornélio Procópio. And this will be detailed in all the stages for a better analysis, of the economic

*Graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Metodista de Piracicaba (1995) e graduado também em Administração de Empresas e Rural pela Universidade do Estado do Paraná (2002). Atualmente tenho experiência acumulada com mais de 25 anos na área de Engenharia Mecânica, com ênfase em Engenharia de Projetos e em Manutenção Industrial. Sólidos conhecimentos em equipamentos industriais e de grande porte, maximizando o índice de confiabilidade e disponibilidade dos equipamentos e de melhoria contínua; Expertise bastante elevada no gerenciamento de custos e na análise de budget e ativos, com amplos conhecimentos em manutenção de classe mundial; Pessoa de fácil relacionamento, dinâmico e administrador por objetivos; Possui vivência na utilização de técnicas das ferramentas TPM, HACCP, ISO, Kaizen, FMEA, 5W2H, Ishikawa, Lean Manufacturing, GMP, além de domínio em informática, SAP e gestão de indicadores KPIs. E-mail: msartori70@gmail.com

viability of the enterprise. In a compact way all the sections of the company are described, because due to the characteristics of the project, the hierarchical levels are few. We will lecture about orientations of the quality and reliability. It is included the financial analysis with relationship to profits obtained in the period by the company, focusing the calculation of the contribution margin. We will describe, on the quality norms, on as the quality is applied in the production line and in the administrative area. With relationship to the aspects of the workable beginnings, we included an explication of the first place of the turn bench and for a better understanding, once there are several forms and turn bench beginnings. There is an explication of as they are the chains of vendors and of the as to assist to the assemblers. We will describe on the general techniques of the cycle of production of the company and industrialization. With relationship to the aspects merchandising there are regional details, should be a company of small load, even so, included in the system of simple taxation. Even so, we obtained benefits with relationship to taxation discounts in agreement with the mentioned activity. With relationship to the constructions, so much of the administrative section, and section factory, architectural projects were elaborated, in way to take advantage of the maximum of its capacity. And to conclude, it was enclosed essential forms to the activity branch and layout's to facilitate the understanding of the operation of the company.

KEYWORDS: Production Workable Quality Vendors and Norms.

INTRODUÇÃO

A Segunda metade do século passado – o “século do vapor” – viu nascer e crescer esta magnífica invenção que é o automóvel e o motor térmico. Obra coletiva, fruto do trabalho devotado de numerosos pesquisadores, esse novo tipo de força motriz desencadeia paixões, provoca dramas, suscita muitos conflitos. Com o passar dos anos e a pacificação de todas as paixões provocadas pela sua vulgarização, o automóvel e o motor térmico são atualmente considerados como um dos maravilhosos instrumentos de nossa vida moderna que permite, além de suas aplicações industriais, ao homem se deslocar, transportar e multiplicar sua atividade sobre a terra.

Diante disso, é que vamos desenvolver este trabalho, não sobre o conjunto automóvel, mas sobre um de seus inúmeros componentes, tão importante quanto os demais, que é o sistema de transmissão, mais propriamente dito “eixo de transmissão”.

A criação de uma micro ou pequena empresa é um passo muito importante para o empreendedor, pois exigirá muita atenção, cautela, flexibilidade, criatividade e acima de tudo, planejamento, para poder ter a manutenção da empresa no mercado. Os administradores de micro ou pequenas empresas devem adaptar-se as novas

tendências, uma vez que as empresas serão muitas vezes contratadas por aquelas de maior porte, agregando o planejamento e um objetivo comum. Estar em sintonia com as novas tendências é sinônimo de vanguarda e maiores oportunidades de negócios.

O presente trabalho visa avaliar se o município de Cornélio Procópio, situada ao norte do estado do Paraná, tem o perfil para comportar uma empresa de usinagem de eixos para autopeças/montadora, cuja a qual deve atender aos mais rígidos padrões de qualidade, atingindo elevada performance a custos reduzidos sem comprometer sua presença de mercado.

1 QUALIDADE COMO ESTRATÉGIA

Em muitas empresas, a questão da qualidade é encarada com tal seriedade, a ponto de separar uma parte dela exclusivamente para o gerenciamento de qualidade. Qualidade é mais que uma preocupação para as empresas de hoje. É a chave de muitas delas. Jornais de negócios e revistas de gerenciamento são dominados por artigos sobre qualidade. Seguindo esta linha de pensamento, Nigel Slack (1999) em seu livro *Administração da Produção*, afirma: "...temos vivido uma "revolução de qualidade".

A ISO – International Standard Organization (Organização Internacional de Padronização) – vem suprir parte dessa necessidade. As normas da ISO servem para criar e gerenciar sistemas da qualidade de forma padronizada em todo o mundo. Segundo Carvalho (1996), muitas organizações que aderiram à ISO 9000 o fizeram devido a alguns motivos, a saber:

- Conscientização da alta administração.
- Imposição do mercado.
- Imposição de clientes.
- Competitividade.
- Marketing.
- Moda.

Isto se refere a um mercado cada vez mais exigente e volátil que dificilmente aceita produtos que não atendam às suas expectativas. É um diferencial nas

estratégias de crescimento e sobrevivência, frente à competição e total globalização de mercados, assim como no perfeito atendimento a seus clientes.

Segundo Slack (1999), a palavra “qualidade” vem justamente resumir o “ser conforme as expectativas dos consumidores”. A ISO utilizada nesta empresa será a ISO 9001, que se compõe de normas para Sistema da Qualidade – Modelo para Garantia da Qualidade em Projetos, Desenvolvimento, Produção, Instalação e Assistência Técnica – para uso quando a conformidade com os requisitos especificados tiver que ser garantida pelo fornecedor desde e durante o projeto até os serviços associados, com o produto em operação e passando por todas as fases intermediárias.

A versão que será utilizada é a 2000, e trata-se de uma atualização das normas que apresenta um documento de planejamento estratégico para o desenvolvimento da ISO 9000. Ela apresenta um estudo das tendências de mercado e suas necessidades, estabelece metas estratégicas para a série ISO 9000, possíveis problemas e implicações, fazendo recomendações que estão sendo consideradas nas alterações em discussão e desenvolvimento previsto para esta série de normas.

Como propõe o tema, ou seja, a utilização da ISO 9001 como ferramenta para a competitividade, para alcançar tal feito (ser competitiva) é necessário que a empresa tenha maior produtividade possível. Para ser competitiva, ela precisa ter meios de como atender a maior quantidade de clientes possível. Segundo Peter Drucker (Administração em tempos de grandes mudanças, 1999), a chave para a produtividade dos trabalhadores do conhecimento é fazê-los se concentrar nas suas atribuições reais.

Por anos, houve a crença por parte das empresas que qualidade e produtividade são incompatíveis (Deming, 1990). Caso se force a qualidade, a produtividade diminui se forçar a produtividade, a qualidade sofre. Durante muito tempo este pensamento pareceu lógico. Isto até que se conhecesse o significado do conceito de qualidade e se aprendesse como alcançá-la.

Certa vez, em uma reunião com funcionários da área de produção, Deming (1990) lhes perguntou o porquê de a produtividade aumentar à medida em que a qualidade melhora. A resposta foi que isso acontecia porque havia menos retrabalho. Outra resposta frequente era que não há tanto desperdício. Ou seja, para quem

trabalha na produção, qualidade significa que seu desempenho o satisfaz e que ele se orgulha de seu trabalho.

A melhora da qualidade transfere o desperdício de homens-hora e tempo-máquina para a fabricação de um bom produto e uma melhor prestação de serviços. Segundo Deming (1990), o resultado é uma reação em cadeia – custos mais baixos, melhor posição competitiva, pessoas mais felizes no trabalho, empregos e mais empregos.

A questão é que, enquanto um determinado mercado se preocupa em responder questões como “...até que ponto pode-se reduzir a qualidade sem perder clientes”, existe “alguém” investindo no aprimoramento do processo, sem se importar com números. Desta forma, estes aumentam a produtividade, diminuem custos e conquistam mercados. Em outras palavras, tornam-se mais competitivas.

As normas da ISO são ferramentas disponíveis e úteis para atingir a qualidade. Na verdade, foram feitas para este fim.

A palavra-chave das normas da ISO é Padronização, considerada por muitas das empresas mais modernas do mundo a mais fundamental das ferramentas gerenciais. A padronização é o caminho mais seguro para a produtividade e competitividade ao nível internacional, pois é uma das bases onde se assenta o moderno gerenciamento (Falconi, 1999).

Padronização nada mais é do que uma ferramenta gerencial para o controle e gerenciamento da rotina do trabalho diário. J. M. Juran já dizia que “...não existe controle sem padronização”. Ela é um meio para se conseguir melhores resultados (melhorias em qualidade, custo, cumprimento de prazo, segurança etc.).

Segundo Falconi (1999), padronizar é reunir as pessoas e discutir o procedimento até encontrar aquele que for melhor, treinar as pessoas e assegurar-se de que a execução está de acordo com o que foi consensado. Desta forma, o trabalho dos vários turnos estará padronizado.

Um dos grandes erros cometidos pelas empresas é considerar que a tarefa de padronização de toda a empresa possa ser delegada a um departamento especializado que seria responsável pela padronização. No entanto, na Qualidade Total a padronização é tarefa de todos e, portanto, um sistema tem que ser desenvolvido para isto (Falconi, 1999).

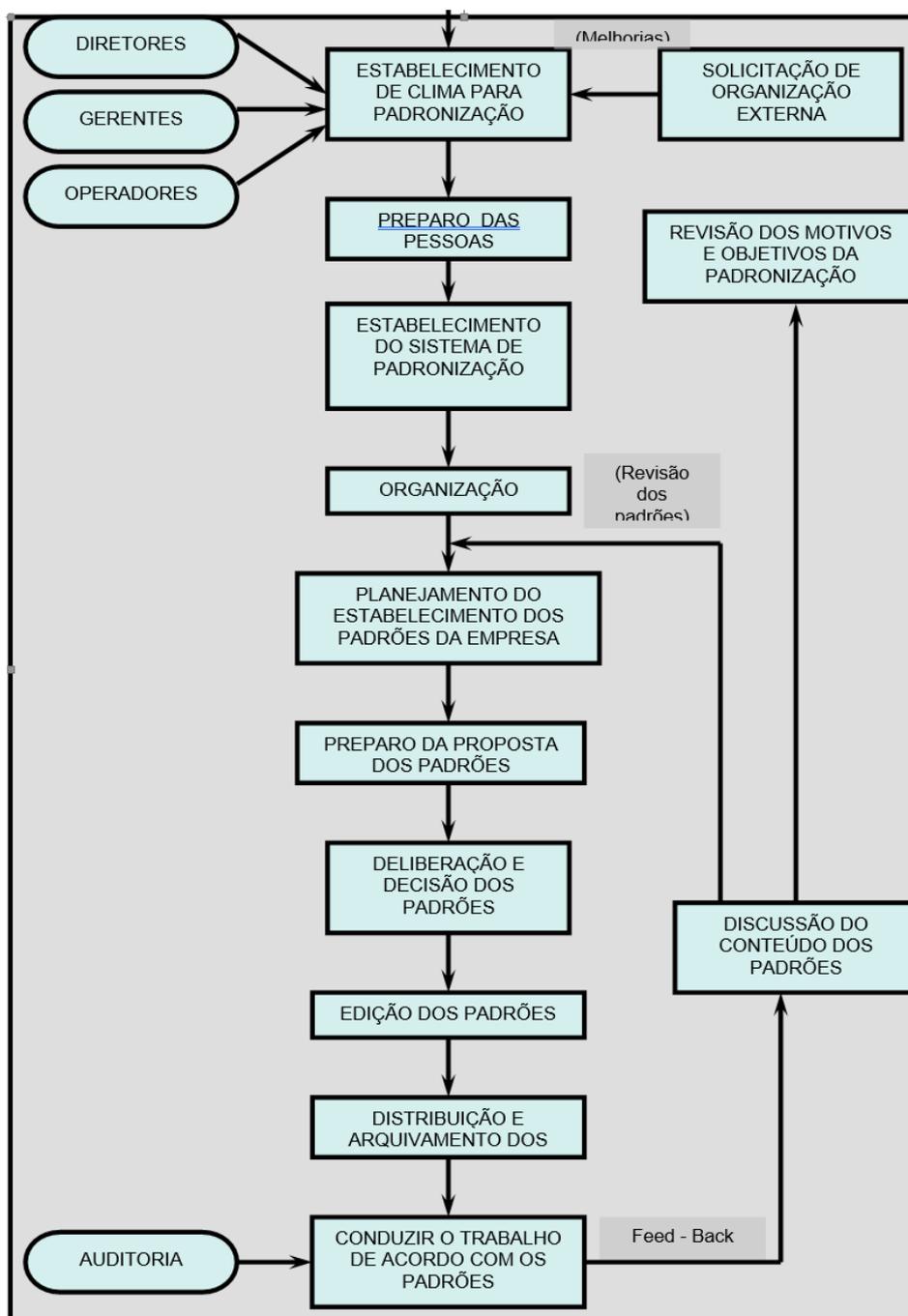
Na Qualidade Total todos controlam, portanto todos utilizam os padrões. É necessário, pois, estabelecer um clima propício à padronização através da conscientização de diretores, gerentes e operadores para a necessidade da utilização dos padrões. Neste sentido, o primeiro passo a ser dado é o estabelecimento das diretrizes de padronização, que devem especificar claramente as metas. A administração deve também mostrar um plano para atingir estas metas.

Seguindo o fluxograma da página seguinte, o estágio do “preparo das pessoas” significa educar e treinar as pessoas responsáveis pela padronização bem como aquelas que estarão encarregadas da sua promoção. Neste estágio deve-se educar e treinar chefias, staff e operadores, preparando-se apostilas com as informações necessárias a cada nível. É necessário que as altas chefias dominem os padrões de sistemas e padrões técnicos e que os operadores compreendam os procedimentos operacionais e manuais de treinamento.

Após o preparo das pessoas vem o “estabelecimento do sistema de padronização”, que é a determinação e consenso sobre os procedimentos de padronização, como mostra o fluxograma. A organização irá variar dependendo do tamanho da empresa. No entanto, três aspectos fundamentais devem ser observados:

- a. a padronização é responsabilidade da mais alta autoridade da empresa
- b. deve ser organizado um sistema de padronização da empresa
- c. as funções do sistema de padronização devem ser gerenciadas por alguma organização interna

FIGURA 1: FLUXOGRAMA DAS ETAPAS DECISÓRIAS



FONTE: Procedimentos De Padronização Da Empresa. (FALCONI, 1999, p. 18).

O primeiro passo no estabelecimento da organização da padronização na empresa é estabelecer um “Comitê de Direção da Padronização”. Este comitê pode ser um subcomitê de implantação da Qualidade Total e ficar diretamente ligado ao presidente. O coordenador do comitê poderá ser um vice-presidente ou diretor ligado

à área técnica. Os membros do comitê são os gerentes de alto nível das linhas funcionais. O secretário será um membro do staff ou gerente administrativo.

As funções deste comitê são as seguintes:

- Avaliar e aprovar um plano de implantação e programa para planejamento, estabelecimento, disseminação e atualização dos padrões de sistemas avaliação da necessidade dos padrões já estabelecidos estabelecimento de programa de redução do número de reclamações estabelecimento de programa para a solução de problemas críticos estabelecimento de padrões de qualidade nas organizações de produção preparação dos padrões de qualidade do projeto estabelecimento dos padrões de avaliação da qualidade e padrões de auditoria estabelecimento de padrões de avaliação do sistema de garantia da qualidade para toda a empresa.
- Avaliar e aprovar o estabelecimento, revisão ou rescisão dos procedimentos de padronização.
- Determinar critérios de prioridade para o estabelecimento, revisão ou rescisão de todos os padrões.

O comitê de Direção da Padronização é um comitê de alto nível. Ele avalia e aprova o planejamento geral da implantação e avalia o sistema em alto nível. A gestão da implantação da padronização fica em níveis inferiores da organização e é exercida pela linha hierárquica da empresa.

O segundo passo no estabelecimento da organização da padronização na empresa é instalar os “Escritórios de Padronização”, localizados em cada usina, ou fábrica, ou filial etc., como parte do “escritório central de padronização” localizado na sede da empresa. Em empresas pequenas e localizadas num só local, estes escritórios podem ser localizados junto às áreas de Controle de Qualidade, Organização e Métodos ou Sistemas etc., que acumulariam as funções.

Estes “escritórios de padronização”, mostrados no fluxograma de “Organização para implantação da padronização”, conduzem as seguintes funções:

- Planejar e estabelecer o seu próprio padrão organizacional de implantação.
- Editar, distribuir e controlar os padrões individuais estabelecidos.
- Planejar e estabelecer procedimentos para levantar e distribuir dados com a finalidade de avaliar a eficácia da padronização.

- Pesquisar e estudar informações externas sobre padronização.
- Implantar ou rever os padrões atuais de tal forma a manter a conformidade aos mesmos.

Os pontos importantes a enfatizar são:

- O comitê tem função de alto nível (autoridade), mas não gerencia a implantação da padronização, o que é feito pela linha hierárquica da empresa auxiliada pelo “escritório da padronização”.
- A linha hierárquica utiliza os padrões como base do seu “Gerenciamento da Rotina do Trabalho Diário”.
- A linha hierárquica renova o conteúdo dos padrões como decorrência das melhorias introduzidas (“Gerenciamento da Rotina do Trabalho Diário”).
- O escritório de padronização está voltado para a forma da padronização.

O escritório de padronização levanta e distribui dados para a avaliação da eficácia da padronização através de alguns índices, tais como:

- a. Índice de renovação dos padrões (tempo médio entre renovações, número de padrões sem renovação há mais de 1 ano etc.)
- b. Efeitos da padronização sobre o processo (índices operacionais antes e depois da padronização).

Segundo Falconi (1999), os padrões de sistema traduzem os procedimentos, a “maneira de trabalhar” em situações interdepartamentais (como é o caso do departamento de compras ou do sistema de desenvolvimento de novos produtos). Ao se estabelecer um padrão de sistema, o objetivo deve ser unificar, para assegurar que o sistema será conduzido sempre do mesmo jeito (mesma maneira de trabalhar) para conseguir atingir sempre os mesmos resultados, e clarear, porque cada indivíduo, cada seção, cada departamento, deve saber o que fazer, onde fazer, por quê fazer, quando fazer e como fazer.

Sendo estabelecido, tem havido o cuidado para manter o padrão, assim como para manter o aperfeiçoamento continuamente, através de auditorias internas. As auditorias geralmente resultam na introdução de melhorias no padrão de tal maneira que o objetivo seja cada vez mais eficazmente alcançado. Segundo Falconi (1999),

isto equivale a “girar o PDCA” nos sistemas empresariais e é denominado “Gerenciamento de Rotina de Trabalho Diário” dos sistemas administrativos.

Os padrões técnicos são todos aqueles padrões relacionados a uma especificação e constituem a base para a satisfação do cliente (Falconi, 1999). Os padrões técnicos lidam com números ou critérios baseados em padrões de comparação que provêm do desdobramento da qualidade e do desdobramento da função qualidade. Sendo assim, usando o dinamismo da empresa, estes números tendem a estar sempre mudando na direção de um menor custo, melhor qualidade, maior segurança, maior quantidade.

Mesmo sendo óbvio e não haver necessidade, vale ressaltar que o principal objetivo da empresa na padronização do produto é a satisfação total do cliente. Outro motivo que levou a empresa à padronização, foi o de levar a empresa à redução do custo e o aumento na eficiência do processo de produção. Também é notório o fato de que a fabricação contínua do mesmo produto propicia a melhoria na confiabilidade.

Segundo Mojdeh R. Tabari, secretária da ISO/TC – 217, a normatização é essencial para os países em desenvolvimento. Segundo ela, a normatização é ainda mais importante para esses países do que para os de 1º mundo, pois eles têm de enfrentar barreiras às exportações de seus produtos, muitas delas causadas pela não-participação na normatização. A Europa reconhece a importância do sistema de qualidade.

A ISO 9000 e outras normas ISO estão desempenhando um papel importantíssimo na circulação do euro, a nova moeda europeia. No planejamento do lançamento do euro, o Banco Central Europeu decidiu implementar um sistema de gerenciamento da qualidade nos 12 bancos centrais nacionais da União Europeia e no próprio Banco Central Europeu. O sistema se estende aos trabalhos de impressão das notas e cunhagem das moedas, bem como aos fornecedores de matéria-prima. O sistema da qualidade pretende assegurar que todas as notas e moedas produzidas sejam uniformes em qualidade e aparência, a despeito das diversas localidades de produção. É a confiabilidade do sistema de certificação.

Caso pessoas de dentro da empresa fizessem uma auditoria do sistema de qualidade, com certeza se saberia exatamente onde encontrar as partes mais deficientes do sistema. Afinal, esta é a finalidade dela: mostrar o que está certo e o que precisa ser melhorado (Zacharias, 2001). Nesse caso, então por que é que se faz

tanto alarde para que toda a empresa seja auditada? Só para mostrar aos clientes o papel pendurado na parede?

A série ISO 9000 é um conjunto de normas padrões para sistemas de qualidade adotada pelo mundo inteiro. Acredita-se então que se as atividades da empresa se aproximassem desses padrões, oferecer-se-ia aos consumidores um certo nível de confiança. Isto seria possível porque estes saberiam que há sistemas, processos e controles para assegurar a qualidade dos produtos e um aperfeiçoamento cada vez maior nas operações de produção (ROTHERY, 1993).

São, portanto, contratadas terceiras partes supostamente imparciais (organismos certificadores) para auditar os sistemas de qualidade implantados, assegurando dessa forma a confiabilidade. Para que esta confiança se estabeleça, é necessário que as empresas certificadoras contratadas sejam acreditadas por um órgão oficial de certificações, que pode ou não estar vinculado a um órgão governamental que controle o processo de aprovação (Zacharias, 2001).

Finalmente, de modo que os processos envolvidos na certificação da qualidade não variem de um país para outro, os organismos certificadores estabeleceram acordos entre si e frequentemente auditam-se entre si. Infelizmente, não encontramos a confiabilidade que se deveria.

O propósito de uma auditoria é simplesmente verificar se a norma está sendo seguida e ajudar a empresa a sanar seus pontos mais fracos no sistema da qualidade. O resultado desse processo deveria ser alguma certeza para os clientes e a empresa de que o sistema está funcionando e cumprindo seus objetivos. Mas o que se vê em muitos casos são coisas que não poderia haver de forma alguma:

- Não cumprimento do que se promete por parte dos auditores, como se o objetivo fosse apenas um pedaço de papel sem sentido
- A certificação se tornando um grande negócio envolvendo grandes quantias de dinheiro
- Quanto maior o número de competidores, maior o número de variações inseridas no processo
- Companhias preparando-se para auditorias, desenvolvendo planos para que os auditores fiquem ocupados e o trabalho real da companhia não seja exposto

- Pouco ou nenhum conhecimento dos auditores sobre a organização que estão auditando, pouco talento para auditar ou ainda conhecimento incorreto das normas
- Auditores que dizem à empresa como seguir as normas e até mesmo como realizar um determinado processo ou o que deveria ser mudado no sistema para satisfazer um erro encontrado durante a auditoria.

A solução talvez esteja na conscientização das próprias empresas de que o valor não está na norma, mas na consistência de sua aplicação. Treinamento é a palavra-chave, fundamental para o processo pelo qual a auditoria é realizada. Controles estritos no treinamento do auditor, qualificação e experiência são pontos a serem observados (aliados ao conhecimento dos processos, sistemas e clientes) como quesitos importantes para a obtenção de uma auditoria que pode ser considerada confiável.

A ISO 9001: 2000 é um conjunto de requisitos que permite que o desempenho da empresa seja cada vez melhor aumentando a qualidade e competitividade. A condicionante é única: sobreviverão a esta década apenas as empresas que alcançarem padrões internacionais na oferta de seus produtos ou serviços, e assim fazerem frente a quem quer que seja (Zacharias, 2001).

ISO significa “igualdade” em grego. Como o objetivo é que todos os países utilizem as mesmas normas, ela foi escolhida como símbolo da Organização Internacional para a normalização, que fica em Genebra, na Suíça. ISO é o nome, e não a sigla da Organização Internacional para Normalização (*International Organization for Standardization*). Esta palavra grega serve de prefixo a muitas palavras como isonomia, isômero, isométrico etc. O propósito da ISO é desenvolver e promover normas e padrões mundiais que traduzam o consenso dos diferentes países do mundo de forma a facilitar o comércio internacional. Atualmente, mais de 120 países adotam as normas ISO. No Brasil, é representada pela ABNT (Associação Brasileira de Normas e Técnicas), enquanto que o INMETRO é o responsável pela fiscalização (credenciamento) dos organismos certificadores (Zacharias, 2001).

As normas da série ISO 9000 foram criadas em 1987 e revisadas em 1994. Em 2000, sua segunda revisão foi concluída, definindo para certificação uma única norma: a ISO 9001. Seu objetivo é atender os requisitos dos clientes com eficácia e aumentar

a sua satisfação, além dos benefícios para a empresa e seus funcionários, como o fato da empresa ficar mais forte e competitiva, seus funcionários se desenvolverem profissionalmente, aumentando suas oportunidades e passarem a ter um ambiente de trabalho melhor.

A natureza também ganha com isso. A ISO 9001 está alinhada com a ISO 14001, que trata de sistemas de gestão ambiental (Zacharias, 2001). Ela está dividida em 8 seções. As 3 primeiras abordam objetivo, referência normativa e os termos e definições. As demais seções (seção de 4 a 8) compõem um modelo de um Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ), baseado em processo.

De posse dessas informações, podemos ver que a ISO 9001 está baseada em 3 principais requisitos: satisfação do cliente, indicadores de desempenho e melhoria contínua.

2 SITUAÇÃO DO SETOR AUTOMOTIVO

As empresas que procuram novos consumidores pelo mundo afora encontram no Brasil um mercado enorme, tanto pela população quanto pela taxa de habitantes por veículo. No quadro 1 podemos comparar a taxa do Brasil com outros países e observar que a taxa do Brasil é sete vezes maior do que a taxa dos EUA por exemplo.

QUADRO 1: TAXA DE HABITANTES POR VEÍCULO

EUA	1,3	Alemanha	1,9	República Theca	3,2
Canadá	1,7	França	1,9	Polônia	4,3
Austrália	1,7	Reino Unido	2,1	Coréia do Sul	4,8
Itália	1,7	Bélgica	2,1	Argentina	5,8
Áustria	1,8	Suécia	2,2	México	7,9
Japão	1,8	Espanha	2,2	Brasil	9,3

FONTE: (SINDIPEÇAS, 1998).

Além disso, a atratividade para as montadoras, tanto as já instaladas quanto para as novas (*newcomers*), aumenta ainda mais quando é possível obter concessões fiscais. Por isso, no final desta década temos assistido à construção de dezenas de fábricas e a ampliação das existentes com investimentos que superam os US\$ 20 bilhões.

De 1993 a 1998 temos observado o crescimento da participação dos investimentos sobre o faturamento de 5,3% (US\$ 702 milhões) para 11% (US\$ 1.600 milhões) e neste mesmo período uma redução no número de empregados de 235,9 mil para 167 mil, sendo que a produção de veículos no Brasil cresceu de 1.391 mil em 1993 para 2069 em 1997, caindo em 1998 para 1.573 mil. Esses números indicam que o setor de autopeças tem passado por uma fase de grande reestruturação tanto tecnológica quanto administrativa (Sindipeças, 1998).

Um fator que tem contribuído de forma positiva para o setor automotivo é a nacionalização de peças. Nos carros de luxo o conteúdo estrangeiro chega a 35% e não tem sido interessante a nacionalização porque a produção é baixa, mas nos modelos mais simples a tendência é haver um crescimento de 5% a 8% no índice de nacionalização, resultando num aumento de 85% para 90% em média na quantidade de peças brasileiras que são usadas nos veículos produzidos no país.

Sobre a nacionalização, o Sr Paulo Butori do Sindipeças (Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para veículos Automotivos) comenta que: “A indústria automobilística é uma das alavancas da economia em qualquer parte do mundo. E só podem ser considerados grandes produtores de automóveis os países nos quais o setor de autopeças supre a demanda das montadoras locais. O índice de conteúdo local precisa ser expressivo”

Cada vez mais tem sido popularizado o conceito do carro mundial, com peças desenvolvidas e adquiridas em qualquer país, fazendo com que a indústria mundial de autopeças enfrente uma verdadeira evolução e assuma a responsabilidade por parte da montagem de veículos que tem sido delegada pelas montadoras. Nesse processo de desverticalização as metas têm sido: qualidade e redução dos custos de produção (Sindipeças, 1998).

Para atingir as metas de qualidade e redução de custos de produção, além, de investir em tecnologia, as empresas têm adotado a qualidade como estratégia de longo prazo. No estudo conhecido como PIMS (Profit Impact of Market Strategy), que foi realizado pelo Strategic Planning Institute (SPI), foram analisados os dados de 3000 unidades de negócios coletados durante um período de dois a doze anos, chegando à conclusão de que: “No longo prazo, o fator mais importante que afeta a performance da unidade de negócio é a qualidade de seus produtos e serviços em relação aos seus concorrentes.” (RAO, 1996)

A respeito do mesmo estudo, não foi identificada nenhuma relação importante entre o preço relativo e a performance do lucro. Finalmente, uma discussão mais prolongada sobre este estudo é feita por Garvin (1992), na qual ele discute as limitações do PIMS falta de distinção entre desempenho, características, confiabilidade e outras dimensões da qualidade, mas concorda que “As empresas cujos produtos eram de qualidade superior tinham um retorno superior sobre o investimento, qualquer que fosse a participação no mercado, como também os ganhos de qualidade e estavam associados aos ganhos de participação de mercado.”

As empresas utilizam duas estratégias para obterem vantagem competitiva pela inovação do processo elas podem se estabelecerem como líderes de custo ou pela qualidade do produto ou serviço. Para pequenas empresas é difícil obter economia de escala na fabricação ou na compra, suficiente para se tornar um líder no custo, por isso as decisões estratégicas para pequenas empresas estão mais relacionadas à melhoria de outras características do produto ou serviço que não estão ligadas ao preço.

Na última década, os conceitos de gerenciamento da qualidade têm sido adotados por um número crescente de organizações e as pequenas empresas, que em muitos casos são fornecedores de poucas empresas de grande porte, têm estado sob uma pressão constante para melhorarem a qualidade de seus produtos e serviços, Bonvillian (1996) cita o exemplo da Motorola que tem incentivado seus fornecedores a aplicarem os conceitos do prêmio Malcolm Baldrige e o caso das montadoras Chrysler, Ford e GM que têm exigido de seus fornecedores a certificação QS-9000. Como tempo outras montadoras têm aderido à QS-9000, como por exemplo a Volvo, a Freightliner, a Mack Trucks, a Navistar International e a Paccar (QS-9000, 1998). Outras montadoras têm exigido de seus fornecedores o seu de suas próprias normas, como a Volkswagen com a VDA 6.1, a Renault com a EAQF e a Fiat com a AVSQ.

Outra observação importante é que quanto mais e mais fornecedores obtêm a certificação ISO 9000, a pressão aumenta sobre aqueles que ainda não possuem esta certificação.

A exigência da certificação tem sido justificada por vários aspectos: do ponto de vista do fornecedor, a certificação por um órgão independente é reconhecida por todos seus clientes e estes não precisam fazer auditorias para qualificá-lo, e também

são homogêneas as exigências do ponto de vista do cliente ele economiza recursos porque não precisa manter um departamento para auditar e qualificar os fornecedores, e é o próprio fornecedor quem paga pela certificação.

No Brasil as exigências não são diferentes. A certificação ISO 9000 praticamente se tornou obrigatória para as empresas continuarem fornecendo e no caso das indústrias fornecedoras de autopeças para a Chrysler, Ford e GM passou a ser exigida a QS 9000.

Durante o processo de implementação do sistema da qualidade para a certificação da empresa, normalmente ocorrem diversas mudanças organizacionais, seja estrutural, de pessoal ou tecnológica, muitas delas planejadas e outras decorrentes de dificuldades, problemas não previstos no planejamento e até erros.

A QS 9000 incorpora os requisitos da ISO 9000 e acrescenta alguns requisitos específicos da indústria automotiva. A terceira edição da QS 9000, que foi emitida em março de 1998, passou a ser exigida dos fornecedores a partir de janeiro de 1999, possuindo duas seções, sendo a primeira baseada nos requisitos da ISO 9000 e a Segunda são os requisitos que os clientes (Ford, Chrysler e GM) não chegaram num consenso.

A norma QS-9000 é editada pela AIAG (Automotive Industry Actions Group) e a cada edição percebe-se a preocupação em a tornar a QS-9000 uma norma internacional e não apenas uma norma para os fornecedores da Chrysler, Ford e GM. Na terceira edição da QS-9000 está impresso na capa de trás um logotipo com o mapa-múndi e a frase “QS-9000: Ne world – One Quality System”, também torna aceitável o uso de manuais AVSQ, EAQF ou VDA6.1” revisados, incluindo os requisitos de auditoria interna e desenvolvimento de subcontratados.

Existem algumas tendências que têm levado as montadoras a um grande esforço para unificarem suas exigências, pois hoje existem 46 montadoras no mundo, estimando-se que este número será reduzido para 10 no futuro, as montadoras terão poucos fornecedores de módulos (painel, porta, etc.) procurando manter um diálogo perfeito com eles e os fornecedores de módulos terão uma grande rede de fornecimento.

A unificação dos requisitos em uma única norma mundial permitiria uma certificação única com reconhecimento de todas as montadoras. Entre vários benefícios esperados, podemos citar tais como a melhora da qualidade do produto e

do processo confiança para compras globais confiança e desenvolvimento da cadeia de fornecimento e redução do número de certificações.

Desde 1996, um grupo de montadoras americanas, alemãs, italianas e francesas se organizaram como uma “força-tarefa” (International Automotive Task Force) e através da ISO (organização Internacional de Normalização) conseguiram elaborar o catálogo ISO/TR 16949 “Sistema da Qualidade Automotivo” que está em fase de discussão.

Uma empresa pode implementar um sistema da qualidade atendendo os requisitos da ISO 900 ou da QS-9000 apenas para melhorar seu desempenho ou atender melhor seus clientes, mas se ela estiver interessada em obter a certificação de seu sistema da qualidade, para poder exportar ou para demonstrar para todos os seus clientes que o sistema implantado está sendo mantido de acordo com os procedimentos internos e estes atendem os requisitos da norma em uso, ela precisará passar pela rotina de certificação, ou seja, uma vez definido o órgão certificador e feito o contrato, o próximo passo é enviar o manual da qualidade para o órgão certificador verificar se o que está definido no manual da qualidade atende os requisitos básicos da ISO 9000 ou da QS-9000 conforme o caso, este tipo de verificação tem sido chamada de auditoria de adequação ou verificação no escritório (não é necessário visitar a empresa neste momento). O próximo passo é a auditoria de certificação propriamente dita, neste momento a empresa é visitada por auditores do órgão certificador, que irão verificar se os procedimentos em uso estão atendendo os requisitos da norma ISO 9000 (ou QS-9000) e se estes estão sendo usados na prática (auditoria de conformidade).

Quando são detectadas não conformidades que não podem ser resolvidas durante a auditoria é acordado um prazo para os auditores voltarem para verificarem a implementação das ações corretivas para as não-conformidades detectadas, sendo a empresa recomendada para obter a certificação após essa última verificação.

Para a implementação de um sistema da qualidade nas pequenas empresas, existem muitas dificuldades, que são características próprias da pequena empresa, e que devem ser levadas em conta, como sendo a organização rudimentar, direção relativamente pouco especializada, são um campo de treinamento de mão-de-obra especializada e formação de empresários, estreita relação pessoal do proprietário com os empregados, clientes e fornecedores, dificuldade em obter créditos mesmo a

curto prazo, falta de poder de barganha nas negociações de compra e venda, menor dependência de fontes externas de tecnologia, papel complementar as atividades industriais mais complexas, extensa rede de produção e distribuição de bens e serviços, o que contribui, decisivamente, para a desconcentração industrial.

A implementação de sistema da qualidade total destaca problemas que poderiam ocorrer em maior ou menor grau também na implementação da ISO 9000 ou QS-9000, tais como o desdobramento da política apresenta muitas falhas, dificultando o estabelecimento de prioridades na companhia e reduzindo a efetividade da implementação de ações estratégicas as normas para a melhoria da qualidade geralmente são numerosas e ambiciosas, mal definidas e não priorizadas estrategicamente há uma distância entre o conhecimento da companhia e a aplicação de instrumentos para a melhoria da qualidade a importância e o escopo da qualidade total não tem sido totalmente atendida a qualidade total tem sido considerada como um enfoque útil apenas para as empresas grandes a relevância do processo de implementação da qualidade é unanimemente reconhecida, mas não é realizado por metodologia apropriada a estratégia da qualidade ainda é pobre e restrita aos objetivos de curto e médio prazos.

A indústria automotiva vive hoje o que se poderia chamar de uma verdadeira contradição: de um lado o público consumidor querendo produtos cada vez mais diferenciados. E não apenas em características como cor e conforto, mas sim exigindo grandes refinamentos no que diz respeito a segurança, consumo de combustível, menores índices de poluição e outros do gênero do outro a economia de produção exigindo uma maior padronização dos produtos. Encontrar uma solução de compromisso que satisfaça a ambas as questões a coloca permanentemente diante de três grandes desafios: Aumentar sua participação de mercado desenvolvendo projetos flexíveis, focados no consumidor, utilizando o máximo de tecnologia, conseguir um grau cada vez maior de compartilhamento dos custos industriais junto aos seus parceiros Otimizar a utilização dos seus ativos - economia de escala (ícone da revolução industrial).

Em resumo: atingir elevada performance a custos reduzidos sem comprometer sua presença de mercado. E ter presença de mercado significará atender a consumidores com perfil significativamente diferente de há dez anos atrás e que cada vez mais: farão suas escolhas baseados em necessidades pessoais, escala de

valores e de prioridades procurarão por conforto, tranquilidade e segurança preferirão produtos que aumentem sua auto confiança.

Estes desafios podem ser considerados como as linhas mestras atuais da estratégia corporativa do setor e que perdurarão por um período de mais 3, 5, 10 ou 15 anos. Quem saberá precisar? Afinal, "...existem as realidades de hoje e suas implicações para os próximos 20 anos, e existem as probabilidades fundamentadas nas lições aprendidas ao longo da história. Todo o resto é adivinhação." (Peter Drucker)

A questão da nova configuração da indústria automotiva será examinada a seguir sob cinco aspectos distintos: foco no cliente, projeto do produto e parcerias, competências, abrangência e qualidade da informação e tecnologia

No ano passado a indústria automotiva americana vendeu 17,4 milhões de veículos leves. Tradicionalmente uma montadora multiplicava seu índice de participação no mercado por este volume e aí por uns US\$ 20 mil (preço médio de venda de veículos leves no mercado americano) para estimar seu volume de faturamento anual. Mas, se esta mesma montadora puder desenvolver uma relação efetiva e duradoura com seus clientes, estima-se que o valor de US\$ 20 mil possa se elevar a algo como US\$ 70 mil. Este aumento expressivo é decorrente de serviços financeiros, merchandising, manutenção, sem mencionar a possibilidade de vendas repetitivas. Um bom exemplo desta nova mentalidade e comportamento é o recente recall levado a efeito pela Ford em conjunto com a Firestone na substituição de 13 milhões de pneus potencialmente defeituosos dirigido a proprietários de veículos Explorer sem que houvesse necessidade de nenhum tipo de comprovação. A indústria automotiva comercializará mais do que veículos: caberá a ela identificar e servir às necessidades e aspirações dos mais diversos modelos de consumidores e atentar às particularidades geográficas, econômicas e/ou culturais das regiões onde estão localizados estes consumidores.

O conhecimento prévio dos aspectos da Cultura Local deve ser encarado como um dos fatores primordiais para o sucesso da localização do produto e conseqüentemente do empreendimento como um todo, minimizando o risco da atração exercida por incentivos especiais. Muito embora a economia de escala continue a seduzir os executivos no sentido de prover melhores resultados aos acionistas, as companhias mais bem sucedidas no Século XXI serão aquelas que

inovarem no desenvolvimento, projeto e distribuição de produtos e, especialmente na prestação de serviços ao consumidor.

Para serem capazes de atingir de modo efetivo os consumidores a custos competitivos, as montadoras precisam orientar suas ações em dois sentidos: alavancar o uso de plataformas comuns e aumentar a colaboração entre suas operações. Não somente entre suas fábricas e setores, mas também com seus fornecedores.

Atualmente, 16% de todos os veículos produzidos mundialmente o são em plataformas padrão para 2005 está previsto que índice ultrapasse os 40%. Pressionadas pela redução de custos, as montadoras e seus sistemistas estão encontrando caminhos através da modularização. Por exemplo, em apenas 5 plataformas a VW produz, mundialmente falando, mais de 50 modelos de veículos (é o caso do Golf e do Audi A3, fabricados na planta de São José dos Pinhais - PR).

O uso das mesmas plataformas passa despercebido aos consumidores porque os produtos apresentados são muito diferentes em aparência e funcionalidade. Algo muito semelhante com o que acontece na indústria de micro computadores onde os fabricantes utilizam-se de uma mesma placa principal ("mother board") e nela aplicam seus mais diversos periféricos ("plug-ins") gerando um produto final com características operacionais diferentes.

Atualmente, existem no mundo duas correntes distintas de alianças estratégicas com fornecedores. De um lado a Ford, GM e Daimler Chrysler que tipicamente mantém seus fornecedores sob um rígido controle ampliando sua participação no desenvolvimento do produto, e fazendo com que eles sejam responsáveis por disponibilizar módulos cada vez mais complexos de outro, a Toyota e Honda que investem no desenvolvimento de fornecedores dos seus fornecedores formando uma gigantesca rede de atendimento. Ambas as formas visam a manutenção da integridade da cadeia produtiva e um tempo cada vez menor de atendimento ao mercado e às exigências do público consumidor

O poder na indústria automotiva está mudando de mãos. As montadoras estão ficando cada vez mais imprensadas entre a rede de distribuição e os sistemistas, que a cada dia tornam-se maiores e mais poderosos. Fusões e aquisições têm criado verdadeiros gigantes no mercado.

Como forma de evitar a perda de poder as montadoras manterão como atividades principais ("core business") apenas aquelas que representem sua vantagem competitiva junto aos mercados que conquistaram, em especial aquelas que dizem respeito ao relacionamento com o consumidor. Tudo o mais será terceirizado. Para isto as aplicações baseadas na Nova Economia (leia-se Internet) passam a ter papel predominante. Com a tecnologia atual, as pessoas - em qualquer lugar e a qualquer tempo - podem criar e armazenar dados, compartilhar informações, acelerar a tomada de decisões. Em outras palavras: derrubar as barreiras na própria organização e também as geográficas.

A indústria automotiva é global. Em 1998, 23 montadoras eram consideradas como os maiores participantes desse mercado em 2001, menos da metade ainda participa deste grupo: 10 grupos multinacionais respondem já atualmente por 95% do mercado automotivo mundial, sendo que apenas 6 desses grupos representam 80% do mercado. E para 2010, apenas 5 ou 6 efetivamente permanecerão. A equação é simples: para se desenvolver a indústria automotiva necessita de volume. E para conseguir volume de modo rentável é necessário participar do mercado mundial que é estimado em 65-70 milhões de veículos.

Como para obter um retorno adequado, cada fabricante deverá produzir cerca de 10-12 milhões de unidades/ano, o mercado só comportará entre 5 e 6 montadoras. O mesmo movimento deverá ocorrer com os fornecedores de 1ª camada: prevê-se para 2008 a presença na cadeia de 20 a 30 fornecedores sistemistas apenas.

Os mercados americano e europeu estão relativamente estabilizados em 17-18 milhões de unidades/ano, o que desloca o eixo das novas oportunidades na direção da Ásia e América Latina. Para atingir a este objetivo de vendas, as montadoras precisarão estar aptas a vender em qualquer lugar do mundo. E, naturalmente, para se adaptar a esta nova realidade as estruturas corporativas vem se modificando através de fusões, aquisições e parcerias ao redor do mundo.

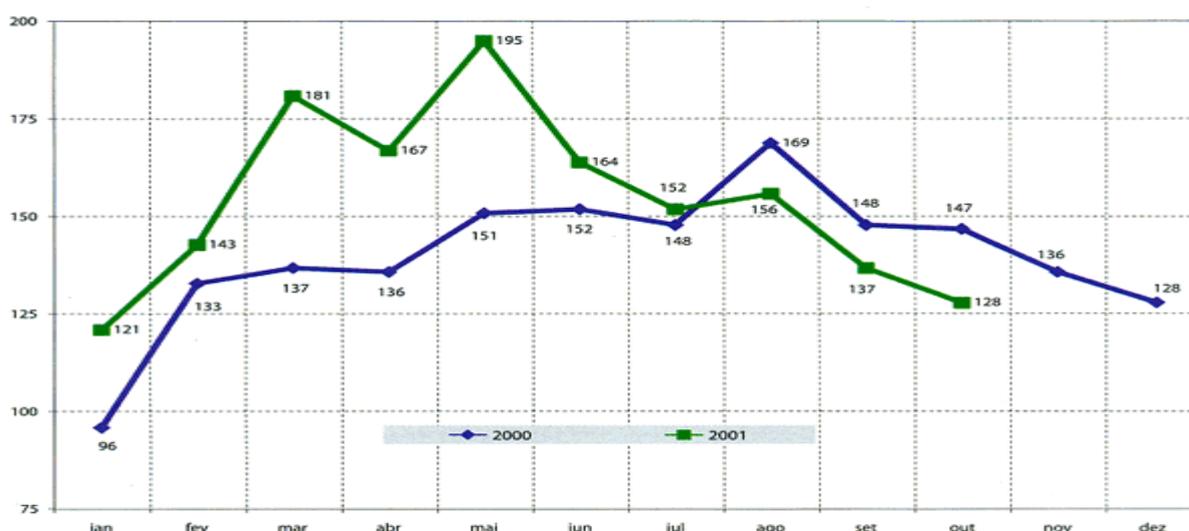
Enquanto GM, Ford, DaimlerChrysler, Renault-Nissan e Toyota optaram por modelos semelhantes de participação global, a Honda seguiu por um caminho alternativo: um conceito equivalente ao "Intel Inside" aplicado à indústria automotiva, ou seja, vender seus motores para várias montadoras. Parece ser uma questão de tempo os consumidores se acostumarem com o "valor" de um motor Honda em veículos de outros fabricantes.

Paralelamente a toda essa movimentação conceitual, o mercado brasileiro tem sido severamente influenciado pelas crises nacionais e internacionais ocorridas e, pelas mudanças das políticas econômicas verificadas no País, gerando instabilidades contínuas neste período. Mas que, como de hábito, tiveram seus efeitos muito menos gravosos para economia do que se procurou fazer crer.

Nós, brasileiros temos o hábito de propalar, e nos deixar entusiasmar, muito mais pelos efeitos negativos do que pelos positivos. Parece estar arraigado na mídia em geral o conceito de que "Notícia boa é a má notícia". Exemplo claro é a crise de energia: procurou-se fazer crer à opinião pública tratar-se de algo absolutamente inusitado e imprevisto que surgiu de repente com um enorme potencial devastador. Toda a indústria ficou em polvorosa, em especial os grandes consumidores de energia - mas não tão grandes para possuir geração própria - e parecia que o ano que se iniciara tão bem acabaria em verdadeiro fiasco houve uma redução sim do primeiro para o segundo semestre, mas bem longe da catástrofe que se desenhou.

E o mercado automotivo não foi exceção. Se os números não alcançaram as previsões do final do ano 2000, ainda assim haverá um crescimento próximo dos 10% em unidades produzidas. Os dados da produção nacional apresentados a seguir traçam o perfil do ocorrido nos últimos dois anos:

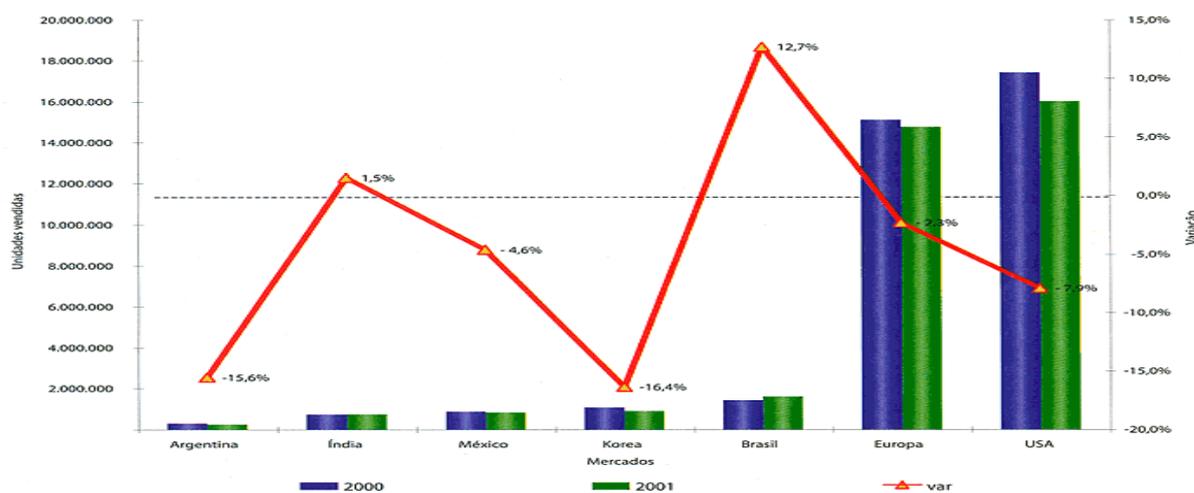
FIGURA 2: Produção Nacional de Veículos Leves (mil unidades)



FONTE: Anfavea - Carta 186 - Novembro 2001.

A produção acumulada de jan/01 a out/01 foi de 1.545.970 unidades, o que representa um acréscimo de 9,2% sobre o mesmo período do ano anterior. Comparativamente a outros mercados mundiais de expressão, nossa posição pode ser considerada muito boa: somente o Brasil e a Índia tinham previsão de aumento nas vendas de veículos leves em 2001 comparado com 2000.

FIGURA 3: Venda de Veículos Leves



FONTE: Nota: Reflete a venda de automóveis e de veículos comerciais leves. Não inclui a venda de ônibus e caminhões. (Fonte: J. D. Power and Associates).

4 POLÍTICA ECONÔMICA

O formato atual dos nossos impostos retira da economia parte do poder de competição exatamente num contexto de globalização. O país perde também na disputa pelo capital externo, que certamente viria com mais força caso nos modernizássemos no campo tributário. Ao considerar todos os custos que estão embutidos, o investidor pode concluir que, em relação à rentabilidade obtida em outros países não é vantagem por dinheiro no Brasil. A carga tributária brasileira em 1993 representava 25% do PIB hoje representa 33%.

E os maiores responsáveis por esta elevação são os impostos cumulativos (ou em cascata). O ferro vira aço, que vira lâmina de aço, que vira porta de um carro, que vira carro, que é vendido ao concessionário e só então chega ao consumidor. Por causa dos impostos que incidem em cada uma das etapas de produção, o ferro, no exemplo, foi taxado sete vezes. Muito embora as exportações sejam isentas de

tributos, alguns tributos incidentes na cadeia produtiva não são recuperáveis, incorporando-se ao custo de produção e diminuindo nossa capacidade competitiva. Esta recuperação ocorre nas principais economias exportadoras do mundo. Um dos efeitos da cascata da Cofins, do PIS/Pasep e da CPMF é retirar a competitividade do produto nacional frente ao similar importado.

O ingresso do Paraná na produção automotiva se deu na década de 70, quando a NEW HOLLAND e depois a VOLVO, implantaram-se no Estado. Os tempos eram outros, com uma forte política federal de reserva de mercado, sem MERCOSUL e sem a corrida de globalização no setor industrial.

Na década de 90, com a quebra das reservas de mercado e com o advento do MERCOSUL a indústria automotiva mundial procurou posicionar-se no mercado Sul-americano tanto para o abastecimento interno como para atendimentos de sua logística global.

Neste novo quadro, a Região Sul do Brasil que estava fora do triângulo Belo Horizonte - Rio de Janeiro - São Paulo, tornou-se uma localização privilegiada no eixo São Paulo - Buenos Aires (Córdoba) e, assim, passou a exercer um efeito de polarização locacional muito importante. O governo brasileiro tratou de balizar através de normas legais, sua política de atração dos investimentos industriais, tratamentos tributários, importação e exportação de veículos e partes e peças. Essas ações ficaram conhecidas como "Regime Automotivo".

Nesse contexto as empresas que já operavam no País trataram de modernizar seus parques produtivos e ajustar-se à nova conformação geográfica do setor. GM e FORD (inicialmente) foram para o Rio Grande do Sul, VW/AUDI, CHRYSLER e RENAULT/NISSAN vieram para o Paraná.

Com a entrada de produtos importados e com as novas fábricas escudadas em incentivos fiscais e apoios institucionais, gerou-se no setor uma concorrência qualitativa e de preços muito acirrada, modificando substancialmente o comportamento do mercado interno.

Da tão sonhada Política Industrial a realidade foi de um "escancarar de portas" que, se de um lado trouxe o ingresso de tecnologia, de outro engessou a indústria nacional sem recursos de incentivos, no mínimo semelhantes aos oferecidos às empresas estrangeiras. Mas esta realidade não é nova. Fez parte dos primórdios da

implantação da indústria automotiva no Brasil. E no Paraná não poderia ser diferente. Vejamos o nos que conta a história:

"Alguns consideraram excessivas as facilidades concedidas à vinda de maquinário para as indústrias alienígenas em contraposição às dificuldades que tem os industriais já há longos anos estabelecidos no País para renovar e ampliar sua fábrica. Enquanto o investidor estrangeiro entra no País com maquinário comprado com dólares a preços baixos, o industrial já estabelecido deve licitar dólares com ágios elevados, nas diversas categorias em que se encontram as máquinas e acessórios que necessita. Embora este pareça um texto bastante atual, data de quase 50 anos. Fez parte de comentário proferido por Vicente Mamana Neto, ex-presidente do Sindipeças, em reunião de março de 1955. (Boletim Industrial, 09/04/56 in Mantega, G. e Moraes, M. Contraponto, ano III, nº 3, set/78)"

As mudanças ocorridas na geoeconomia brasileira, na década de 90, em função dos acordos do Mercosul, da abertura da economia com simultânea liberação cambial, da reforma do estado e, depois, com o Plano Real, geraram um novo quadro de expectativas para os estados do Sul, que passaram de periferia do polo nacional, para o meio do principal eixo do Mercosul.

No Paraná as mudanças foram sentidas com as melhorias ocorridas na infraestrutura econômica e, principalmente, com a segunda leva de implantações de empresas montadoras automotivas. Também vale registrar os avanços nos setores econômicos tradicionais.

A nova leva de implantações automotivas, diferentemente da primeira, caracterizou-se pela vinda de fábricas de veículos leves, tecnologias de produção de ponta no conceito mundial, escalas elevadas e incentivos fiscais. Diferentemente do ocorrido na década de 50/60 e na de 70, desta vez vieram ser instaladas aqui plantas com condições de fornecer seus produtos para o mundo todo. Estamos diante de investimentos de empresas globais e que podem ser classificados como o estado da arte para os produtos a que se propõe fabricar.

E a história continua: "As montadoras, alegando incertezas no escoamento de sua produção e a inexistência de uma infraestrutura econômica no País capaz de manter o fornecimento dos insumos necessários à produção de veículos pressionaram o Estado e obtiveram favores especiais, principalmente incentivos fiscais, para a transferência de suas linhas de montagem para o Brasil.

Esta argumentação conferia à indústria montadora uma posição de força na negociação com o Governo, o que favoreceu a continuidade das vantagens fiscais obtidas durante sua instalação e propiciou a concessão de novos incentivos governamentais para a vinda e operação de indústrias de autopeças que manufacturavam componentes considerados vitais pelas montadoras."

Este texto, embora pareça bastante atual, data de 1954 quando se iniciou o processo de atração das montadoras para o Brasil. (J.R. FERRO, 2000).

5 PESQUISA DE MERCADO

A análise de mercado é imprescindível, a uma decisão de produção, sendo impossível decidir-se sobre uma implantação de uma empresa, sem razoável conhecimento das possibilidades de mercado.

A pesquisa de mercado é um instrumento de direção, ora sucedida, surgem revelações para prevenir dispendiosos desenganos. Muito dinheiro, às vezes, é lançado janela afora com a produção de artigos que por fim não se consegue vender, por causa da resistência dos compradores.

A pesquisa de mercado ou mais amplamente, o estudo mercadológico deve ser feito por pessoal especializado, devidamente preparado para esse fim.

A princípio, como sendo um projeto industrial de uma empresa de nível pequeno/médio, possuímos conceitos técnicos e empíricos sobre o ramo e adicionando as análises mais apuradas do mercado em que pretendemos montar a empresa, concluímos que há o espaço para tal, contudo, não sabemos ao certo se a nossa região favorece este tipo de empresa.

Notamos que nas pesquisas realizadas, vários fatores influem decisivamente na escolha deste ou daquele produto, pois indiretamente, os efeitos das alterações da própria política ou da política dos concorrentes, o preço é ainda um fator primordial na decisão de compra, onde nos bastidores da oferta e da procura, a ação dos concorrentes deverá ser constantemente observada, mediante estatísticas e outras fontes, para armar uma reação de contra-ataque.

Partindo do princípio da pesquisa de mercado, o estudo de mercado nada mais seria o mercado em si, e as atuações dos concorrentes nesta, contudo, para

entrarmos neste ramo, precisamos no associar e empresas sistemistas, que são empresas que atendem primeiramente as montadoras.

Dentro da análise que foi feita no mercado a nível regional, o melhor para podermos negociar o nosso produto será a região de Curitiba e São José dos Pinhais, onde os clientes estão reunidos. Recentemente, em Ibaiti, foi instalada uma pequena montadora de utilitários, mas lá já existe um concorrente tradicional neste segmento, cujo o qual já possui uma fatia do mercado assegurada.

Contudo, a opção de instalarmos a empresa na região de Cornélio Procópio ao invés de junto do mercado consumidor, se deve ao fato de custo operacional, pois estamos relativamente próximos a fontes de matéria prima, o processo de produção será menos oneroso devido a oferta de mão de obra, diminuindo os custos, contudo pode ser um fator preponderante a não especialização desta mão de obra, além de termos também uma área disponível pela prefeitura para a instalação da empresa. A localização da empresa poderia ser um fator limitante à implementação do sistema da qualidade quando a empresa se localiza numa região com mão-de-obra menos qualificada, poucas instituições de ensino e pouco acesso a ajuda externa, mas poderia ser um fator positivo para a implementação se o inverso ocorresse.

Com isto, estamos convictos, que o mercado deste ramo é promissor, e que estaremos na expectativa das oportunidades que surgem para cada vez mais posicionar o nosso produto, pois existem clientes suficientes para o produto, onde o mercado se posiciona com grande ângulo de rentabilidade.

- **FORNECEDORES:** Seguindo o rastro das grandes montadoras, chegaram ao Paraná mais de cinquenta fornecedores sistemistas. Denominação que indica a primeira camada de fornecedores, ou seja, são essas empresas que atendem diretamente às montadoras. Administração moderna, alta tecnologia e a excelência da qualidade como referenciais são contribuições que os sistemistas trouxeram para aprimorar ainda mais os produtos made in Paraná.
- **SUBFORNECEDORES:** A nossa região dispõe dos fornecedores abaixo relacionados que podem atender as necessidades de nossa empresa, em termos de desenvolvimento e implantação de sistema da qualidade, matéria

prima e insumos para o processo produtivo, estando estes subfornecedores a um raio de 70 km de nossa planta.

- **DISTRIBUIÇÃO:** É certo que a existência da concorrência é um outro fator que pesa nas decisões locacionais, onde fica a preocupação de uma melhor análise nos custos de produção, para que possamos ter um produto final bastante competitivo, onde o fator qualidade sempre será a imagem do produto.

A orientação para a escolha da localização de um novo projeto, deve ser feita no sentido de se atingir o ponto ótimo econômico, resultante da análise de alternativas dos diversos recursos passíveis de consideração. Em outras palavras, maximização da rentabilidade, quando se tratar de uma entidade econômica particular.

Esse aspecto deve ser considerado num certo espaço de tempo, de preferência, o mesmo previsto para a vida útil do projeto, pois os fatores de produção são essencialmente dinâmicos.

Assim, por exemplo, uma mudança tecnológica, uma alteração na preferência dos consumidores, podem cronologicamente, alterar as premissas estabelecidas para a escolha da localização e do sistema de distribuição.

Em termos de transporte, tanto da busca da matéria prima, como na entrega do produto acabado, a localização da empresa ajudará, pois estamos em ponto estratégico, situado à margem de rodovia de interligação com centro consumidor e fornecedor, além de serem totalmente asfaltadas, não havendo problemas de distribuição em dias de chuva.

Com a necessidade de agilizarmos as entregas, utilizaremos o escoamento mais rápido da produção, sendo o transporte por meio de caminhões terceirizados, reduzindo assim os custos iniciais do negócio.

Contudo, o local de entrega de nossa produção é na região da capital, onde se concentram os sistemistas, que suprem as montadoras.

6 CONCORRENTES

De acordo com o quadro abaixo, podemos observar que na década de 90 as pequenas e médias empresas têm representado $\frac{3}{4}$ do total de empresas produtoras de autopeças associadas ao Sindipeças.

QUADRO 2: Concorrentes

Número de empregados	1991	1998
1 a 30	13	39
31 a 60	36	41
61 a 125	72	95
126 a 250	103	97
251 a 500	115	96
501 a 1000	59	64
1001 a 2000	40	25
2001 a 4000	18	13
Acima de 4000	5	3
TOTAL	461	473

FONTE: Sindipeças (2002).

7 INVESTIMENTOS

A indústria de autopeças brasileira foi provavelmente o setor industrial que mais cedo sentiu o impacto da abertura no início dos anos 90. Os fornecedores nacionais de autopeças, tendo como clientes as montadoras multinacionais de atuação global,

saíram de uma situação na qual os preços eram negociados entre as partes para uma posição de concorrência com os fornecedores internacionais.

Na melhor hipótese, a vigorosa investida das montadoras em global sourcing (integração de compras em nível global, com busca da melhor fonte de suprimento, independente de fronteiras) obrigou o fornecedor local a aceitar metas de preço baseadas no preço internacional. Em muitos casos, aconteceu a pior hipótese: a desnacionalização do fornecimento em razão do preço. Isso ocorreu especialmente na introdução de novos modelos de veículos, em que foram praticados índices de nacionalização de componentes bem mais baixos que os atuais.

A sobrevalorização da moeda brasileira a partir de 1994 representou um aumento quase insuportável da pressão sobre os preços. Ao mesmo tempo, as políticas de *follow-source* (concentração das compras de um item exclusivamente com o fornecedor original na matriz da montadora) adotadas por algumas montadoras, privilegiando seus fornecedores de base mundial para o fornecimento no Brasil, fizera ingressar no mercado local novos concorrentes altamente qualificados e de grande poder de fogo.

7.1 ANÁLISE DE CUSTOS

Com a necessidade de implementação da norma QS 9000, haverá uma maior quantidade de treinamentos para a padronização dos métodos dos fornecedores de autopeças, sendo impositiva na aplicação das ferramentas de qualidade, especificando claramente todas aquelas que a empresa obrigatoriamente deve implantar e utilizar. A norma QS 9000 estabelece de que forma os requisitos do sistema de qualidade devem ser cumpridos, especificando, detalhadamente, até o nível dos formatos dos formulários e relatórios, procedimentos complexos que precisam ser assimilados por todos os setores da empresa, exigindo treinamento intensivo.

Outro custo que é impositivo ao nosso negócio devido a situação locacional, é o custo de transporte ou frete, cujo o qual deverá ser embutido no preço final do produto de forma diluída.

Todos os demais custos, já fazem parte dos preços de mercado, sendo assim, o mesmo referencial para a composição de preços em relação aos concorrentes, procurando ter um melhor valor possível para ser competitivo.

O alto investimento e o baixo retorno inviabilizam o negócio, não sendo aconselhado despendar tempo e dinheiro para este ramo.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O setor de autopeças é composto especialmente por pequenas e médias empresas nacionais. Submetidas às intensas pressões externas para a melhoria de custo e qualidade, estas ficaram ameaçadas de extinção. A única via possível para a sua sobrevivência foi a busca de melhoria consistente de qualidade e produtividade. Iniciou-se um período de intensos esforços de racionalização e de introdução de novos métodos de manufatura e de gestão, complementados pela preparação para a certificação formal do seu sistema de qualidade.

As empresas de autopeças ainda lutam com sérias dificuldades para alcançarem a certificação QS 9000, sendo ainda dado um prazo pela GM do Brasil para julho de 1998 para que seus fornecedores obtivessem a certificação.

O levantamento do SINDIPEÇAS, realizado em 1998 já com o primeiro prazo expirado, foi revelado que quase metade (45%) das empresas ainda não tinham alcançado nenhum tipo de certificação e que somente 23,5% (ou seja, 1 em cada 4) já haviam obtido a certificação conforme a norma QS 9000, que seria o requisito indispensável para continuarem no mercado, sendo que a maior dificuldade é das pequenas empresas, ficando com 75% do total de empresas não certificadas.

A questão do custo de certificação ainda é um fator que pesa em muito na sobrevivência da pequena e média empresa, não possuindo nenhuma forma de apoio financeiro por parte do governo federal de incentivo em relação a este quesito.

CONCLUSÕES

O nível de qualidade exigido pelos sistemistas é algo preponderante para a comercialização dos nossos produtos, contudo, é essencial termos um nível de qualidade bastante bom para podermos colocar os nossos produtos no mercado,

sendo que os concorrentes, com a tecnologia de que eles dispõem, otimizando bastante o custo operacional, associado aos contratos de fornecimentos já preestabelecidos, torna a entrada neste segmento bastante complexa, pois não temos a credibilidade do mercado, não temos uma situação locacional favorável, mesmo estando no eixo em que o governo federal planeja estar intensificando esforços para aumento do comércio no Mercosul, a nossa situação torna-se desfavorável, pois temos um custo de transporte que está embutido no preço, não temos mão de obra qualificada, não temos tecnologia adequada para atender a exigência de mercado, devido ao fato do custo ser altamente exorbitante, nos tornando assim, uma empresa que não oferece competitividade.

Infelizmente, diante de um quadro tão negativo, concluímos que não é viável montarmos uma empresa para atuar no segmento de autopeças na região de Cornélio Procópio, além do custo dos equipamentos que tem tecnologia serem bastante caros, influenciando ainda mais negativamente.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN CONSULTING. **High performance at low costs**. Disponível em: <<http://www.paranaautomotivo.com.br>> acesso em: setembro 2002.

AUTODATA. Seminário "**Os novos gargalos da indústria automotiva**". Agosto 2001.

AUTODATA - Seminário "**Setor Automotivo: Perspectivas 2002**". Outubro 2001.

BANAS QUALIDADE. **Revista**, ANO XI, julho de 2002.

BOEHS, Lourival **Apostila sobre Máquinas-Ferramenta**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, outubro, 1991.

CAMPOS, Vicente Falconi **Qualidade Total: Padronização de Empresas**. Belo Horizonte, MG: Editora Desenvolvimento Gerencial, 1999.

CARVALHO, Heitor Rangel de. **ISO 9000: Passaporte para a Qualidade**. Rio de Janeiro: Campus, Ernest & Young, 1996.

CORRÊA, Henrique L. **Just in time, MRP II e OPT Um enfoque estratégico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

DEMING, W. Edwards. **Qualidade: a revolução da administração**. Rio de Janeiro, RJ: Marques-Saraiva, 1990.

DRUCKER, Peter **Administração em tempos de grandes mudanças**, 1999.

FERRARESI, Dino **Fundamentos da Usinagem dos Metais**. Editora Edgard Blucher Ltda, 1970.

FERRO, J. R. **Histórico da Indústria Automobilística**. Dissertação de Mestrado, Montadoras e Autopeças no Brasil. São Paulo, 2001.

GERLING, Heinrich **À Volta da Máquina-Ferramenta**. Editora Reverté Ltda., Rio de Janeiro, 1987.

IPARDES **Análise Conjuntural**. julho/agosto 2001.

JURAN, J. M. **Controle da Qualidade**: componentes básicos da função qualidade. São Paulo: McGraw, Hill/Makron, 1991.

MOURA, Eduardo C. **As Sete Ferramentas Gerenciais da Qualidade**. São Paulo: Makron Books, 1994.

ROTHERY, Brian **ISO 9000**. São Paulo: Makron Books, 1993.

SIQUEIRA, Luiz Gustavo Primo **Controle estatístico do processo**. São Paulo: Pioneira, 1997.

SLACK, Nigel Chambers, Stuart Harrison, Alan Johnston, Robert. **Administração da Produção**. São Paulo: Atlas, 1999.

STEMMER, Caspar Erich **Ferramentas de Corte I**. Editora da UFSC, Florianópolis, SC. 1989.

STEMMER, Caspar Erich **Ferramentas de Corte II**. Editora da UFSC, Florianópolis, SC. 1992.

ZACHARIAS, Oceano **ISO 9000:2000**, conhecendo e implementando. São Paulo: O. J. Zacharias, 2001.

Recebido em: 29/04/2021.

Aprovado em: 15/06/2021.

**A PERSPECTIVA DE ATLETAS NOVATOS EM CORRIDA DE ORIENTAÇÃO
DURANTE UM EVENTO ESPORTIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA
CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR**

**THE PERSPECTIVE OF NEW ATHLETES IN THE ORIENTATION RACE DURING
A SPORTING EVENT: AN EXPERIENCE REPORT IN THE CITY OF CORNÉLIO
PROCÓPIO-PR**

Rogério Campos*

Rodrigo de Souza Poletto**

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi investigar o nível de compreensão, sensações e aceitação do esporte Corrida de Orientação em atletas da categoria novatos, além de avaliar a qualidade de um evento esportivo da modalidade, para entendermos quais seriam os caminhos para melhorar o aproveitamento de iniciantes no esporte, aumentar os adeptos no desporto e produzir novos eventos na região Norte Pioneira do Paraná. A corrida de orientação é praticada geralmente de forma individual, tanto na área urbana, quanto rural ou florestal, com uso de mapa da área. Para tanto, realizamos um evento padrão com atletas da categoria novatos e ao final da pista os orientistas responderam um questionário investigativo sobre a atividade que realizou e a qualidade do evento. Os resultados foram que a maioria dos participantes gostaram do esporte e que o praticariam novamente. Concluímos que os praticantes precisariam passar por um treinamento, por meio de curso, oficina ou clínica, para participarem de futuras competições. No entanto, para uma prova que realizaram a instrução sobre os símbolos, técnicas de orientação espacial, orientação do mapa sem bússola e leitura do cartão de descrição foi suficiente para um iniciante praticar o esporte e evitar cometer os erros e sentir as dificuldades apontadas nesse relato de experiência. Quando analisamos o evento propriamente dito concluímos que o padrão utilizado além de agradar a maioria dos participantes será útil como base para os próximos eventos na cidade ou região Norte Pioneiro e que as parceiras são necessárias para que deste porte aconteça com qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: atletas novatos; desporto orientação; letramento cartográfico.

RESUMEN: El objetivo del estudio fue investigar el nivel de comprensión, sensación y aceptación del deporte de la Carrera de Orientación en deportistas novatos, además de evaluar la calidad de un evento deportivo de la modalidad, con el fin de comprender cuáles serían las formas de mejorar el desempeño de los principiantes en el deporte, aumentar el número de adeptos en el deporte y producir nuevos eventos en la región

*Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) – Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) - Campus Cornélio Procópio-PR – Brasil. E-mail: rogam50@gmail.com

**Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) – Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) - Campus Cornélio Procópio-PR – Brasil. E-mail: rodrigopoletto@uenp.edu.br

pionera del norte de Paraná. La carrera de orientación se practica generalmente de forma individual, ya sea en zonas urbanas, rurales o forestales, utilizando un mapa de la zona. Por lo tanto, realizamos un evento estándar con atletas de la categoría novatos y al final de la pista, los orientadores respondieron un cuestionario de investigación sobre la actividad que realizaron y la calidad del evento. Los resultados fueron que la mayoría de los participantes disfrutaba del deporte y lo volvería a hacer. Concluimos que los practicantes necesitarían recibir capacitación, por curso, taller o clínica, para participar en competencias futuras. Sin embargo, para una prueba que realizaba instrucción sobre símbolos, técnicas de orientación espacial, orientación de mapas sin brújula y lectura de la ficha descriptiva, bastaba para que un principiante practicara el deporte y evitara cometer los errores y sentir las dificultades señaladas en este informe de experiencia. Cuando analizamos el evento en sí, concluimos que el estándar utilizado, además de complacer a la mayoría de los participantes, será útil como base para los próximos eventos en la ciudad o región de North Pioneiro y que las asociaciones son necesarias para que este tamaño suceda con calidad.

PALABRAS-CLAVE: atletas novatos; orientación deportiva; alfabetización cartográfica.

ABSTRACT: The objective of this study was to investigate the level of understanding, sensation and acceptance of the Orienteering Running sport in novice athletes, in addition to evaluating the quality of a sporting event of the modality, in order to understand what would be the ways to improve the performance of beginners in the sport, increase the number of adepts in sport and produce new events in the North Pioneer region of Paraná. The orienteering race is generally practiced individually, either in urban, rural or forest areas, using a map of the area. Therefore, we held a standard event with athletes from the novice category and at the end of the track, orienteers answered an investigative questionnaire about the activity they performed and the quality of the event. The results were that most participants enjoyed the sport and would do it again. We concluded that practitioners would need to undergo training, by course, workshop or clinic, to participate in future competitions. However, for a test that carried out instruction on symbols, spatial orientation techniques, map orientation without a compass and reading of the description card, it was enough for a beginner to practice the sport and avoid making the mistakes and feeling the difficulties pointed out in this report of experience. When we analyze the event itself, we conclude that the standard used, in addition to pleasing the majority of participants, will be useful as a basis for upcoming events in the city or North Pioneiro region and that partnerships are necessary for this size to happen with quality.

KEYWORDS: novice athletes; sport orienteering; cartographic literacy.

1 Introdução

No Brasil, a corrida de orientação está prevista na Base Nacional Comum Curricular, como conteúdo da Unidade Didática das Práticas Corporais de Aventura e a despeito do entendimento do seu potencial como ferramenta pedagógica no processo de ensino de estudantes dos diferentes níveis escolares, os mesmos, em

geral iniciam a prática na modalidade, fora do ambiente escolar, sem a realização de cursos de iniciação, oficinas ou clínicas esportivas adequadas.

Se por um lado, praticantes experientes da modalidade no Brasil, participam regularmente de cursos técnicos, treinos e competições oficiais que lhe permitem um permanente aperfeiçoamento, por outro lado, praticantes novatos em muitos casos iniciam-se na modalidade sem a devida e correta formação inicial, permanecendo por muitos anos no esporte apenas como praticantes em busca de qualidade de vida, bem-estar e lazer.

A despeito da sua motivação esportiva (competição ou lazer), ou dos objetivos de sua utilização (esportiva ou educacional), é necessário que haja uma formação adequada, didaticamente estruturada e intencionalmente proposta, para que o praticante usufrua plenamente do esporte, adquirindo autonomia na sua prática.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi investigar o nível de compreensão, sensações e aceitação do esporte Corrida de Orientação em atletas da categoria novatos, além de avaliar a qualidade de um evento esportivo da modalidade, para entendermos quais seriam os caminhos para melhorar o aproveitamento de iniciantes no esporte, aumentar os adeptos no desporto e produzir novos eventos na região Norte Pioneira do Paraná.

Este artigo é uma expansão do resumo expandido apresentado no VI Simpósio de Iniciação Científica da FACREEI. No referido trabalho Poletto; Campos (2021, no prelo) relataram informações específicas da primeira prática do atleta iniciante. No entanto, para este artigo retrataremos também dados sobre a estrutura e logística do evento esportivo realizado, além de apresentar mais dados sobre a perspectiva dos atletas novatos e aprofundar a discussão sobre a prática inicial da Corrida de Orientação.

2 A corrida de Orientação

A Corrida de Orientação é um esporte individual, praticado tanto em ambientes naturais quanto urbanos, no qual o participante, realiza um percurso desconhecido marcado em um mapa e materializado fisicamente no terreno, por intermédio de uma série de pontos de controle. O principal objetivo é realizá-lo na sequência proposta pelos organizadores no menor tempo possível (PASINI, 2007).

Embora no Brasil, exista uma diversificada variação de denominações da modalidade, tais quais: “corrida orientada”, “orientação”, “esporte orientação” e “desporto orientação”, no presente artigo, nós a denominaremos “corrida de orientação”, por entendermos que a atividade motora principal, desenvolvida durante sua prática, seja a corrida. De acordo com Pasini (2004) as modalidades mais praticadas dentro da corrida de Orientação são a pedestre, esqui, bike e de precisão.

A BNCC inclui o conteúdo Corrida de Orientação apenas nas Práticas Corporais de Aventura na natureza, por considerar apenas a sua prática no ambiente natural e desconsiderando a sua prática em espaços urbanos, como corrida de orientação *Sprint* (BRASIL, 2018).

Para a execução do percurso, não existem rotas marcadas, somente o mapa fornece as informações necessárias sobre o tipo de terreno (colinas, ravinas, etc.), o tipo de vegetação (florestas, bosques, pomares, etc.) e os obstáculos existentes (cercas, muros, rios, lagos, estradas, trilhas, etc.), cabendo ao praticante decidir o melhor caminho a seguir, utilizando para isto, um necessário conhecimento técnico (uso da bússola, avaliação de distâncias, conhecimentos topográficos de leitura e interpretação de mapas, etc.), previamente adquiridos (DORNELES, 2005; CARVALHO, 2020).

Conforme Mood, Musker e Rink (2012), a corrida de orientação foi criada em 1900, na Noruega, pelo Clube Tjalve (que foi segundo os autores, quem pela primeira vez rotulou uma atividade de corrida com esta designação), aprimorou-se entre os anos de 1904 e 1960 especialmente na Suécia, onde, conforme Campos (2013), o esporte ganhou impulso a partir de 1919, teve seu primeiro campeonato distrital em 1922, sua primeira instituição destinada a organização da modalidade em 1935, e a sua inclusão nos programas de Educação Escolar daquele país em 1942, e consolidou-se em 1961 quando foi fundada a *International Orienteering Federation* (IOF), órgão máximo de gestão do esporte a nível mundial.

Quanto à sua organização, as competições de corrida de orientação são estruturadas de forma a permitir que o mesmo mapa de competição, seja utilizado por praticantes com características distintas (ambos os sexos, de variadas idades, com objetivos competitivos, recreativos ou educacionais), bastando para isto à adequação dos percursos a serem cumpridos.

No Brasil são realizados eventos municipais, estaduais, nacionais e

internacionais. Os eventos oficiais são fiscalizados pela Confederação Brasileira de Orientação – CBO, as Federações existentes no país, por meio dos seus Clubes de Corrida de Orientação, são geralmente as realizadoras desses eventos. Para o Orientista participar dos eventos oficiais, precisa geralmente se filiar a um Clube e respectivamente a alguma Federação. Atualmente as inscrições são feitas *online* pela página da CBO.

Quanto à categorização, especificamente no caso brasileiro, a combinação das variáveis do gênero (H = homem; D = mulher), da idade do participante (de dez a noventa anos), e do nível de dificuldade dos percursos (N = fácil, B = difícil, A = muito difícil e E = elite), possibilita inúmeras combinações e uma adequada acomodação dos atletas de acordo ao seu nível de habilidade técnica e capacidade física (PASINI, 2007).

Existe variação quanto à forma de categorização, em outros países do mundo. A Inglaterra, por exemplo, utiliza um sistema de cores para a definição do grau de dificuldade, havendo também, uma pequena alteração na distribuição das faixas etárias.

O conhecimento cartográfico, altimétrico, planimétrico, e de utilização da bússola, aproxima a corrida de orientação da geografia; os ângulos, cálculos, as escalas, a velocidade de deslocamento, o tempo, a aproxima da matemática e da física; e a velocidade, força e agilidade necessários para sua execução, da educação física, e isto torna a modalidade, uma poderosa ferramenta pedagógica que pode ser utilizada amplamente no ambiente escolar (PASINI, 2004).

De acordo com Garret (2004) a Corrida de Orientação é um esporte interdisciplinar, pois na orientação do mapa o orientista usará conhecimentos de Ciências Sociais, Geografia, Matemática, Ciências, Educação Ambiental e Artes de forma individual ou conjunta.

3 Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), vinculado ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Ensino

(PPGEN), por meio de um Evento Esportivo padrão, realizado nas dependências do Tiro de Guerra 05-002 de Cornélio Procópio-PR, município localizado a 400 km da Capital Curitiba, com uma população estimada em 47.840 habitantes. (IBGE, 2021).

Os participantes do evento foram militares do Tiro de Guerra, alunos do Ensino Médio do 3º Colégio da Polícia Militar, corredores da Associação de Corredores de Cornélio Procópio (ARRECOP) e entusiastas oriundos da cidade de Londrina-PR.

O evento foi realizado de acordo com o previsto para as competições oficiais da modalidade, e contou com mapas confeccionados de acordo com a ISPrOM, sistema de apuração eletrônica, logística de saúde e de hidratação dos praticante pós prova.

Para a realização da atividade propriamente dita, foi feito com todos os 65 participantes uma instrução antes da prática com o uso do mapa (Figura 1) e sem uso da bússola. Durante esta instrução foram debatidos o que seria o processo de orientar e orientação espacial na cidade e em especial no local da prova. Apresentamos também alguns símbolos existentes no mapa produzido para esta prova, que foram os símbolos de toco, árvore pequena, árvore isolada, poste, torre, cerca, alambrado, construção pequena, construção grande, escada, gramado e monumento, priorizando a base da simbologia escolar.

O mapa da prova foi produzido por um mapeador que possui a licença da Confederação Brasileira de Orientação n. 1608-69 e foi registrado com o ISBN: 978-65-00-34751-7. Para tanto, por meio de um Mapa base, realizou-se duas campanhas no terreno escolhido para ajustar as curvas de nível, norte magnético, localização por GPS de todos os objetos existentes na área, o próximo passo foi transferir todas essas informações para o programa OCAD 20 para confecção do mapa nas especificações do esporte, depois retornou-se ao terreno para checagem do mapa e seus símbolos, além de determinar os percursos para a prática do esporte. Com o mapa pronto traçou-se os percursos, inclui-se o cartão de descrição e legenda, além do nome do evento, organizadores, apoiadores e patrocinadores (Figura 1).



Figura 1 - Mapa do percurso para iniciantes realizado no Tiro de Guerra de Cornélio Procópio-PR, no dia 20 de novembro de 2021. ISBN: 978-65-00-34751-7.

O *Corpus* de pesquisa utilizado neste relato de experiência foi extraído de um questionário contendo nove questões relativas a organização de evento de Corrida de Orientação, afinidade dos participantes por outros esportes, pontos positivos e negativos do evento, sugestões e as técnicas durante a prática do esporte. As questões foram: Q1) Qual foi sua maior dificuldade na leitura do Mapa? Por quê? Q2) O que achou da organização do evento? Explique. Q3) Gostaria de praticar mais alguma prova de Corrida de Orientação? Por quê? Q4) Quais patrocinadores e instituições você reconheceu hoje no evento? Q5) Relate os pontos positivos e negativos do evento de hoje? Q6) Gostaria de dar alguma sugestão para futuros eventos deste esporte? Q7) Relate quais foram suas sensações durante a prática deste esporte? Q8) Quais outros esportes prática? Q9) Teria interesse em fazer parte de um Clube de Corrida de Orientação? Na continuação apresentamos uma análise das respostas destas questões, por meio da análise de conteúdo de Bardin (2004) das respostas dos participantes.

Este trabalho foi configurado na abordagem qualitativa de pesquisa, pois foram realizados levantamentos bibliográficos que ajudaram na composição de um

referencial teórico, bem como na análise das respostas de um questionário com questões abertas. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 48-50), nesse tipo de investigação são evidenciadas características como: o contato próximo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, o caráter descritivo dos dados, a preocupação dos pesquisadores não apenas com produtos e resultados, mas com todo o percurso teórico-metodológico da pesquisa, além do significado dos dados em uma perspectiva social.

Assim, balizados nas características acima apresentadas, delineamos o suporte metodológico da pesquisa ora apresentada. Para a tomada de dados, contamos com a colaboração de 20 participantes (doze homens e oito mulheres) sem experiência na prática deste esporte, sendo classificados como Novatos na modalidade.

Desse modo, durante um processo cada vez mais específico de pormenorização dos dados (respostas dos questionários), objetivando sua necessária organização, submetemo-los aos processos de identificação e codificação a partir dos seguintes indicadores simbólicos: P1, P2, P3... P20 – para distinguir as respostas dos participantes da pesquisa. Q1, Q2, Q3... Q9 – para indicar a questão de origem da resposta analisada.

A seguir, apresentamos as respostas mais indicadas e os fragmentos textuais que ratificam o significado assumido e intitulado no processo. Posteriormente, apresentamos uma possibilidade interpretativa dos dados tabulados.

4 Resultados e Discussões

De modo geral os resultados deste primeiro evento na cidade de Cornélio Procópio foram satisfatórios, pois houve boa aceitação dos participantes na realização da prática com mapa, havendo interesse inclusive de participarem de um futuro Clube de Corrida de Orientação na cidade. A avaliação do evento também foi satisfatória, sendo que a maioria dos participantes relataram que o mesmo foi bem organizado, contendo boa estrutura e logística adequada. Apuramos desta forma que há ótimas oportunidades de continuação de atividades relacionadas a esta modalidade e introdução do esporte na região, no entanto iremos discutir alguns pontos mais específicos da pesquisa nos próximos parágrafos.

Quanto ao perfil dos respondentes tivemos 11 do sexo masculino e nove do sexo feminino, sete com idade entre 32 a 57 e 13 na faixa de idade de 15 a 19 anos, sendo que 13 dos participantes são estudantes do Ensino Médio ou ingressante em Universidades e outros três vinculados a algum Núcleo de Educação. É sabido que para esse grupo relacionado a escolas a Corrida de Orientação é uma ferramenta eficaz no processo de ensino ou de aprendizagem. De acordo com o trabalho de Gall (1981), há diversas possibilidades de execução da Corrida de Orientação em ambiente escolar, havendo variados exercícios que possibilitam o seu desenvolvimento em sala de aula, pistas, parques, praças, etc. Já Zapardiel (2005), trouxe análise de possibilidades e características educacionais da CO, principalmente aos professores, quanto a aspectos educacionais (Intelectual, afetivo, físico e de relacionamento), além de seu caráter interdisciplinar e suas possibilidades como conteúdo transversal.

Uma questão importante para entender o comportamento dos participantes nesta primeira prova, foi saber quais outros esportes eles praticam. Os dados foram que os participantes são muito ativos, pois tivemos nove praticantes de atletismo, quatro de futebol, três que não praticam nenhum esporte, dois que fazem musculação e com apenas uma citação apareceram os esportes basquete, vôlei, caminhada, judô e natação. Isso demonstra que em sua maioria praticam esportes individuais, fator importante na prática específica deste dia, pois a prática foi essencialmente na modalidade pedestre individual.

Quando avaliamos outros fatores apenas dos participantes que já praticavam Atletismo verificamos uma predisposição para a prática de Corrida de Orientação, pois todos acharam o evento muito bom (Questão 5) e que as maiores dificuldades foram a leitura do mapa, da legenda, cartão de descrição, do traçado percurso e da numeração dos pontos (Questão 2). Acreditamos que essa dificuldade desse público específico se deve ao fato destes praticantes priorizarem a corrida e quando se colocaram na posição de correr e também realizar o processo de leitura do mapa, tendo que parar e raciocinar emergiram alguns erros comuns para os praticantes novatos.

Essa dificuldade foi estudada por Ruiz et al. (2016), quando investigaram “as diferentes capacidades, habilidades e fatores que afetam a aprendizagem da Corrida de Orientação em ambiente escolar à luz da teoria educacional sobre organização espacial, utilizado um mapa de competição oficial e um mapa 3D confeccionado a partir do Google Earth”. Os autores concluíram que o uso deste mapa em 3D auxiliou

na aprendizagem da leitura do mapa, percepção visual e corrida, sendo de fato um ótimo recurso para facilitar a organização de eventos escolares, devido os mapas serem de difícil confecção.

Já o uso de fotografias aéreas coloridas segundo Catela et al. (2017), facilitou o processo de ensino da Corrida de Orientação para crianças portuguesas de ambos os gêneros, auxiliando a capacidade de orientação do mapa, tempo gasto para executar a atividade e também na checagem da sequência de pontos visitados, no entanto foi evidente que crianças mais velhas obtêm melhores resultados.

Quanto às sensações que mais apareceram durante a prática da Corrida de Orientação que os participantes expuseram foram diversão (7), adrenalina (4), cansaço (4), ansiedade (3), satisfação (2), aventura (2), competição (2), coceira (2), além de empolgação, muito boa, relaxante, perda, insegurança, nervosa, desespero e surpresa com apenas uma indicação cada. Isso relata que foi prazerosa a participação dos praticantes durante essa primeira prova. Esse relato demonstra que os participantes tiveram uma percepção ambiental durante a prática (CUNHA; LEITE, 2009). Já Maxera et al. (2018), em uma análise da satisfação, da Corrida de Orientação, com a vida, das inteligências múltiplas e das necessidades psicológicas básicas de alunos da Espanha, concluíram que este esporte proporcionou benefícios no desenvolvimento dos objetivos de competência, cultura desportiva e entusiasmo, corroborando em partes com nossa pesquisa. A adrenalina segundo Pasini (2004) em alguns esportes é o principal motivo, ou um deles, para que o atleta ou professor continue a praticá-lo. E ele ainda afirma que a orientação é uma prática em que a emoção conta muito.

Perguntamos também se os praticantes gostariam de fazer este esporte em outra ocasião e tivemos a grata surpresa de que 15 dos orientistas disseram sim, três talvez e apenas dois disseram que não praticariam mais. Esses que disseram sim foram indagados do porque fariam novamente e as respostas foram que o esporte é muito divertido (6); interessante (3), para melhorar cada vez mais (3), satisfação (3), desafiador (2), além de legal, um esporte novo, sensacional. Alguns responderam “pois ainda não havia vivenciado um evento assim”, “por que gostei”, “por conta de ser algo sustentável”, “muito gostoso os obstáculos”, “poderia ter mais pontos e em um espaço maior”.

Destes atletas novatos que indicaram se divertir durante a prática oferecida apenas uma tinha 39 anos, os demais eram da faixa de 15 a 19 anos. Já para atletas acima de 30 anos houve a predominância da sensação de satisfação, cansaço e insegurança.

Uma pergunta muito interessante foi em relação à maior dificuldade que eles encontraram durante a prática da Corrida de Orientação e obtivemos dificuldades relacionadas ao ponto de controle como “localizar um ponto” e “localização da bandeira”, que nesse esporte é conhecida como Prisma, que seria um objeto feito de pano, nas dimensões de 30x30 cm, nas cores branco e laranja. Outras dificuldades foram relacionadas à legenda, leitura do percurso, noções de distância, símbolos e interpretação do mapa e localização inicial.

Essas dificuldades foram superadas pelos participantes no decorrer do percurso, pois todos concluíram a prova e alguns fizeram outro percurso. Esse processo de decisão da rota durante a prova e resolução dos pequenos problemas que surgiram mostra os atletas novatos desenvolveram sua própria metodologia e que aprenderam a aplicar vários conhecimentos sobre as diferentes ciências nesta prática esportiva. Isso de acordo com Rodrigues (2003) remete que os participantes desenvolveram uma didática própria muito semelhante aquela em que o estudante é o centro do processo de aprendizagem como a Construtivista, por exemplo, saindo da didática tradicional a qual o professor é o mediador. Ainda em um trabalho realizado pelo Instituto Federal Fluminense (Campus de Goytacazes) Del’Sposti; Gama; Souza (2019) relataram também que a Corrida de Orientação é uma viável ferramenta pedagógica com potencial motivacional por utilizar os conhecimentos de forma lúdica e possuir caráter interdisciplinar.

Em relação à organização do evento 80% dos participantes relataram que foi muito bom, seguido de 10% que achavam ótima, 5% interessante e 5% sensacional, mostrando que todos gostaram da forma que foi conduzido o evento. Houve relatos em forma de texto como “bem explicado” (P4), “um bom entretenimento” (P10), “profissional” (P13) e “nunca tinha participado de algo do tipo” (P16).

Também perguntamos sobre o reconhecimento dos patrocinadores e apoiadores do evento e a grata surpresa é que todos os patrocinadores e apoiadores foram lembrados e indicados nas respostas pelos participantes. A Universidade Estadual do Norte do Paraná, Tiro de Guerra, Sanepar, Colégio Militar e Fecop foram

as instituições mais indicadas. Já os patrocinadores lembrados foram Mercado Molinis, Papelaria Porta de Papel e Posto Marechal. Isso se deve ao fato que além de haver divulgação pré e pós evento, durante o evento e no mapa havia as logomarcas de todos que auxiliaram na atividade. Portanto, a forma como foi conduzido a divulgação do evento e de seus apoiadores, foi satisfatória, sendo uma informação útil para futuros eventos.

Esse envolvimento dos patrocinadores é medido por Escobar (2002) que relatou ser um processo efetivo no envolvimento da empresa ou instituição com a comunidade, melhoria da imagem Pública, alterar a percepção dos consumidores, defender publicidade adversa e identificação da empresa a um segmento.

Houve também perguntas relacionadas aos pontos positivos e negativos do evento. Os participantes relataram que os pontos positivos mais evidentes no evento foram em relação à organização e infraestrutura com oito indicações. Outros pontos foram quanto à explicação, aprendizado e que foi divertido com duas indicações, já com apenas uma indicação tivemos bem estar, doação de leite, incentivo da corrida, tecnologia usada, foi fácil e muito receptivos e educados.

No entanto os pontos negativos mais indicados pelos participantes foram horário de muito sol com seis indicações e as demais indicações foram citadas apenas uma vez como “demorou para começar”, “acumulou muito gente no final, divulgação”, “lugar pequeno”, “pouca variedade de pontos”, “faltou orientar um pouco mais” e “arame farpado no PC 40”. Quanto a esses pontos podemos comentar que devido a ansiedade da primeira prova os atletas novatos preocupados em saber qual tempo concluíram a pista, acabam engrossando a fila de espera para checagem de seu tempo de corrida, que é feito eletronicamente.

Muitos dos participantes fizeram sugestões para futuros eventos do esporte Corrida de Orientação e o que predominou foi “fazer em locais maiores” nove indicações, melhor divulgação e ter premiação com duas indicações. Houve também relatos de fazer provas em equipe ou em duplas, fazer a largada começar mais rápido, fazer uma prova dessa no Bosque Municipal, adequar a prova a terrenos mais planos para pessoas idosas e por fim divulgar nas escolas, nos núcleos de Educação para os professores.

Ao final perguntamos se teriam interesse em fazer parte de um Clube de Corrida de Orientação e 16 participantes disseram sim, dois talvez e apenas dois não gostariam.

5 Conclusão

Concluimos que os praticantes iniciantes no esporte precisam passar por um processo de preparação para participarem de uma competição propriamente dita, priorizando fazer um curso, oficina ou clínica que se utilize de aulas teóricas e práticas do esporte.

No entanto, para uma prova de divulgação do esporte os conhecimentos passados na instrução sobre os símbolos, técnicas de orientação espacial, orientação do mapa sem bússola e leitura do cartão de descrição foram requisitos mínimos e suficientes para um iniciante praticar o esporte e evitar cometer os erros e sentir as dificuldades apontadas nesse relato de experiência.

Quando analisamos o evento propriamente dito concluimos que o padrão utilizado além de agradar a maioria dos participantes será útil como base para os próximos eventos na cidade ou região Norte Pioneiro e que as parceiras são necessárias para que deste porte aconteça com qualidade.

Essa boa aceitação e demanda a esportes de aventura na cidade proporcionará novos eventos e competições de Corrida de Orientação na região do Norte do Paraná.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto. 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/SEF. 2018.

CAMPOS, R. **Corrida de Orientação**. In: Atividades e esportes de aventura para profissionais de educação física; BERNARDES, Luciano. A. (Org). São Paulo: Phorte, 2013. p.125-139.

CARVALHO, J.C. **Jogos de Corrida de Orientação para escolas**. São Paulo: Editora Yolbook, 2020, 172p.

CATELA, D.; BARROS, M.; SEABRA, A.P.; FIGUEIREDO, R. Orientação com Mapa Realista (Fotografia Aérea a Cores) por Crianças do PréEscolar. **Revista da UIIPS**, v. 7, n. 2, 2019, p.01-04.

CUNHA, A.S.; LEITE, E.B. Percepção Ambiental: Implicações para a Educação Ambiental. **Sinapse Ambiental**, p. 66-79, 2009, p.66-79.

DEL' ESPOSTI, B.S.; GAMA, J.F.R.; SOUZA, G.C. Corrida de Orientação no Ensino Médio do IFF Campos . **Caderno de Formação RBCE**, v.10, n.2, 2019, p.87-100.

DORNELLES, J. O. **O percurso de Orientação**. Santa Maria: Paloti, 2005, 40p.

ESCOBAR, M.N. **Patrocínio esportivo e seus efeitos sobre o valor da marca: um estudo exploratório no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2002.

GALL, H. Orientación Como Deporte em Educación Física. **Educación Física y Deporte**, v.3, n.3, 1981, p.43-50.

GARRET, M.E. **Orienteering and Mapa Games for Teachers**. USA: United States Orienteering Federation, 2004, 44p.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2021. Acesso em 06 de novembro de 2021. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/cornelio-procopio.html>.

MAXERA, F.P.; MENDEZ-GIMÈNEZ, A.; PÉREZ, D.M.O.; BELMONTE, J.P.L. El modelo de Educación Deportiva y la Orientación. Efectos en la satisfacción con la vida, las inteligencias múltiples, las necesidades psicológicas básicas y las percepciones sobre el modelo de los adolescentes. **SPORT TK: Revista Euroamericana de Ciencias del Deporte**, v.7, n.2, 2018, p.115-128. <https://doi.org/10.6018/sportk.343021>

MOOD, D.; MUSKER, F.; RINK, J. **Sports and recreation al activities**. 15 ed. New York: McGraw-Hill, 2012.

PASINI, C.G.D. **Corrida de Orientação**: esporte e ferramenta pedagógica para a educação. Três Corações: Gráfica Excelsior, 2004, 223p.

PASINI, C.G.D. **Pedagogia, Técnica e Tática de Corrida de Orientação**. Santiago: Ponto Cópias, 2007, 176p.

RODRIGUEZ, A. E. R. Tendências Didáticas de La Enseñanza em la Carrera de Orientación. **Revista Digital**, n.59, 2003.

RUIZ, L.C. FERNÁNDEZ, M.A.P. OBRADOR, E.M.S.; YUBA. E.I. La imagen geoespacial en 3D y el mapa de orientación en primaria. **Opción**, Año 32, n. Especial 9, 2016, p.479-497.

ZAPARDIEL, G. H. Las Actividades de Orientación Em Educación Primária, em El Área de Educación Física. **Revista de La UCLM**, v.30, n.15, 2005, p.135-150.

Recebido em: 29/04/2021.

Aprovado em: 15/12/2021.